

CLÁSSICOS DA GALIZA





Poesias Completas

Coleção “Clássicos da Galiza”

Volume 7

POESIAS COMPLETAS

© Academia Galega da Língua Portuguesa

www.aglp.net

© Edições da Galiza, 2011

Roselló, 42

08172 Sant Cugat del Vallès (Barcelona)

polifona@polifona.com

www.polifona.com

Adaptação e notas: Ramom Reimunde

Coordenação editorial: Heitor Rodal Lopes (Edições da Galiza) e Ernesto Vázquez Souza (AGLP)

Adaptação e revisão textual: Ângelo Brea, Fernando Corredoira e Carlos Durão.

Adaptação, fotografias, introdução, frases e glossário: Ramom Reimunde

Design da Coleção e Diagramação: Noemí P. Arenilla

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

d-I

isbn 978-84-936481-8-3

A tradução do original recebeu uma ajuda da Conselheira de Cultura, Direção Geral de Difusão Cultural da Junta da Galiza, correspondente à convocatória de ajudas do ano 2010.

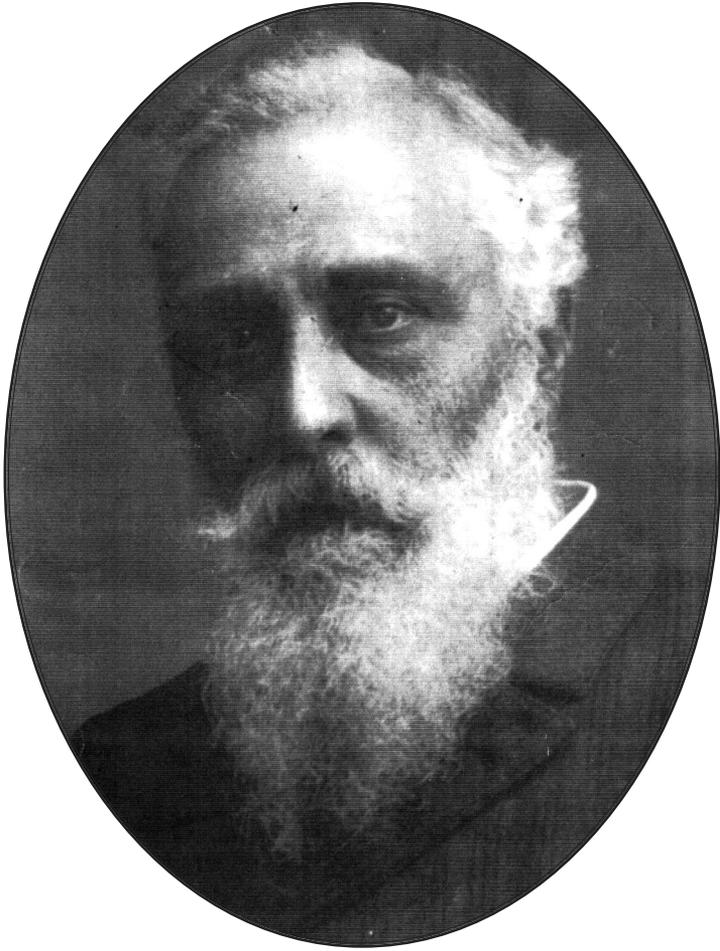
Poesias Completas

Manuel Leiras Pulpeiro



ÍNDICE

PRELÚDIO	9
INTRODUÇÃO	13
FRASES CARACTERÍSTICAS MINDONIENSES USADAS POR LEIRAS	33
GLOSSÁRIO [DE PALAVRAS MINDONIENSES]	37
<i>POESIAS COMPLETAS:</i>	49
EDIÇÃO 1911	51
EDIÇÃO 1970	117
EDIÇÃO 1998	139
EDIÇÃO 1930 (QUADRAS)	143
EDIÇÃO 1930 (TRÍADAS)	149
EDIÇÃO Nós 1930 (POESIAS)	155
 BIBLIOGRAFIA	 283



PRELÚDIO

Este volume recolhe o conjunto da produção lírica de Manuel Leiras Pulpeiro (Mondonhedo 1854-1912), a da sua própria autoria e aquela outra que ouviu dos lábios dos seus pacientes e vizinhos da cidade de Mondonhedo e das terras banhadas “Mar ao Norte” pelo Cantábrico.

Contemporâneo dos “filhos” de Charles Baudelaire, Leiras nasceu pouco depois que Mallarmé e Verlaine, no mesmo ano que Arthur Rimbaud (1854), e, embora não tenha com eles paralelismos estéticos, sim leva consigo a etiqueta de poeta maldito. Os seus “pecados” foram múltiplos e variados: num ambiente em que ainda vigorava a estrutura social em estamentos -a marca do Antigo Regime-, namorou-se duma plebeia e casou -só civilmente- com ela; em plena capital da província eclesiástica mindoniense, com poder absoluto da mitra diocesana, defendeu o Estado laico e pediu que à sua morte fosse enterrado fora dos limites do cemitério católico; declarou-se republicano em plena efervescência da monarquia de Afonso XII e manteve-se firme nas suas ideias tanto durante a regência da viúva Maria Cristina de Áustria quanto nos primeiros anos do reinado de Afonso XIII. Por se isto não fosse suficiente para receber a desqualificação de rebelde e imoral, ainda protagonizou uma maior ousadia: numa Galiza subalterna, nação sem sistema político próprio, exerceu de galego e escreveu literatura no idioma popular, o mesmo que falavam as massas iletradas.

Do ponto de vista da estética, a poesia de Leiras está distante de Simbolismo e Decadentismo dos seus coetâneos, mas o nosso autor poderia assumir como próprios aqueles versos com que o mestre francês qualifica a sua vida como “uma tenebrosa tormenta // atravessada por vezes por sóis deslumbrantes. // Com os seus tronos e chuvas descarregou violenta e arrastou da minha horta as flores mais fragrantas”. No panorama literário galego, Leiras é da mesma idade que o menor dos três grandes do Rextrudimento, Manuel Curros Henriques (1851-1908), porém a sua obra está mais relacionada com a de Valentim Lamas (1849-1906) e os epígonos oitocentistas. Ao estilo dos integrantes da Escola Formalis-

ta (Eugénio Carré Aldao, Florêncio Vaamonde Lores, Manuel Lugris Freire, Aurélio Ribalta, Evaristo Martelo, Francisco Tettamancy...) renuncia às inovações do Modernismo chegado das Américas -que alguns galegos imitavam escrevendo em castelhano- e mantém-se fiel à tradição da lírica popular galega. É continuador da literatura costumista que exalta a paisagem e a natureza como emblema patriótico à vez que faz reflexão de tom melancólico condimentado com pingas de humorismo popular. Noutras palavras: no trânsito entre os séculos XIX e XX, Manuel Leiras escreve com o estilo dos Precusores (Anhom; Pintos...) da parte central do século (1828-1863).

Em qualquer caso, esta preferência pelos conteúdos locais não impede uma leitura profunda e emotiva às pessoas que desconheçam o nosso país. Além dos poemas centrados em Mondonhede e no seu âmbito geográfico mais imediato ("Um galo", "Cunquinha deleitosa"...), que talvez interessem a um público mais restrito, a generalidade da poesia contida neste volume é significativa na Galiza inteira e, muita dela, também no espaço dos países lusófonos, que saíram da raiz galega. De alcance universal é o erotismo presente em diversos poemas, como universal é a situação de precariedade económica a que se alude noutros, a necessidade de "Pão e paz" ou a evidência da morte como equilíbrio ("Assim é") após uma vida marcada pelas desigualdades. Contudo, a voz de Leiras é essencialmente popular (no sentido que lhe dava Ramom O. Pedraio ao se referir a "o saber do povo"); corresponde a um povo inteiro, não a uma classe ou segmento. A sua é a épica galega, a voz que se alça resistente aos abusos externos; a das pessoas humildes que confiam na aplicação da Razão à gestão política como mecanismo superador dos obstáculos. Mas também há reflexão crítica nos seus versos, não faltam as referências ao ódio pelo próprio e à carência de autoestima dos povos submetidos.

Na altura em que se cumpre o primeiro centenário da morte do Poeta da Marinha mindoniense, a Academia Galega da Língua Portuguesa faz justiça ao lhe tributar merecida homenagem com a presente edição realizada pelo máximo especialista na sua vida e obra poética. Ramom

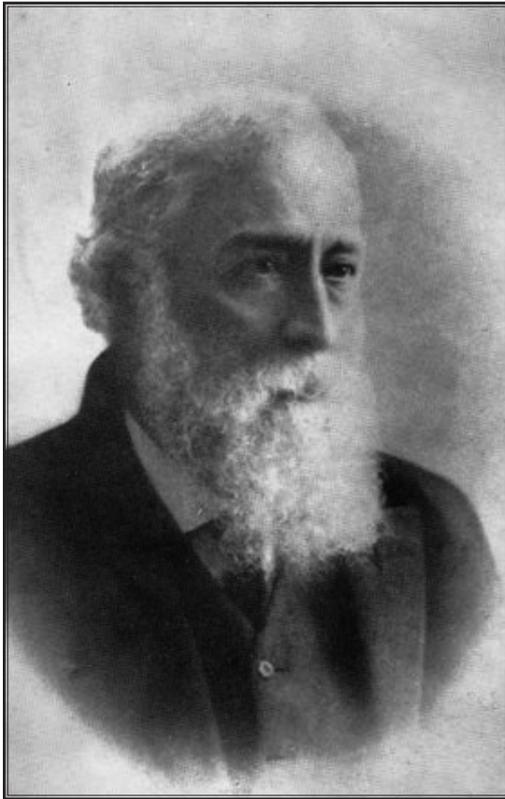
Reimunde Noreinha (Foz; 1949), académico numerário e Catedrático de Língua e Literatura, é autor da obra fundamental para a recuperação da obra lírica de Leiras após décadas de silêncio obrigado -Poesia completa de Leiras Pulpeiro (Sotelo Blanco; 1984)- e em qualidade de editor -tanto na perspetiva filológica quanto na bibliográfica- resgatou e deu a conhecer os Costumes antigos de Galiza (1999), um genial trabalho de carácter etnográfico realizado pelo galeno de Mondonhede durante o primeiro decénio do século XX.

Conhecedor da poesia de Leiras desde a infância -porque a tinha na biblioteca familiar do Dr. Atilano Basanta, que praticava a Medicina de jeito altruísta, e porque na sua casa se falava assiduamente daquele outro “médico dos pobres”-, Reimunde Noreinha deixou-se seduzir pela figura progressista do investigado e conseguiu um objetivo duplo: fazer uma versão diáfana para o grande público; e conservar a essência dos versos originais. As numerosas notas a rodapé que acompanham todos e cada um dos poemas são utilíssimas para entendermos as particularidades lexicais e morfológicas da fala mindoniense; e o glossário facilita notavelmente a aproximação entre a obra de Leiras e as pessoas que desconhecem a cultura tradicional, quer por serem jovens quer por viverem em contextos culturais afastados do nosso.

Manuel Leiras Pulpeiro -poeta, compilador de lírica popular, médico forense, ensaísta e, por cima de tudo, cidadão exemplar sempre reivindicando perante as hierarquias as melhoras para o povo mais humilde- era bem merecedor de uma edição como esta. Por fim o seu humanismo e a sua obra singela estão ao alcance de milhões de pessoas de todo o mundo e podem atingir dimensão universal.

Pfr. Bernardo Penabade

(Cervo, 17, maio 2012)



INTRODUÇÃO

I.1. A vida e a figura de Leiras Pulpeiro

Manuel Leiras Pulpeiro (1854-1912) nasceu, viveu e morreu na velha cidade levítica e senhorial de Mondonhedo, antiga capital de província até 1833; centro irradiador do poder eclesiástico e de feiras das São Lucas que reuniam multidões; berço de artistas, artesãos, músicos, políticos e escritores que criaram algumas das melhores obras do nosso país; imersa na quietude e paz natural do seu vale e vivendo conforme à cultura cívica experimentada durante os longos séculos da sua história.

Da vida de Leiras em Mondonhedo temos uma informação abundante, mesmo rica em minúsculas anedotas vilegas que os cronistas locais e a tradição oral nos transmitiram. Mas dessa vida provinciana e nem sempre tranquila, sabemos uma pequena parte, tendo que saltar muitos anos sem dados duma vida intensa de profissional da Medicina, de militante político republicano e de poeta.

Parece oportuno compilar um resumo da sua biografia mediante o sincretismo das diferentes versões que os seus biógrafos e editores têm realizado, contrastando essas informações e escolhendo as mais fiáveis e interessantes para fixarmos a sua figura e as datas relevantes da sua vida¹, de que faremos a seguir um resumo breve, fornecendo em notas de rodapé a informação da fonte de que partimos, para o caso de que o leitor interessado queira verificar ou ampliar essas notícias.

Leiras nasceu na casa número 28 da rua de Pacheco² também conhecida como Rua da Ronda; tal como aparece na certidão de baptizado, no dia 25 de outubro de 1854, e era filho de Vicente Leiras Mon, médico cirurgião natural de Lindim, e de Matilde Pulpeiro, de Riba d'Eu e domiciliada em Cangas de Foz. Entre os anos 1865 e 1868 cursou no Seminário

¹ Consideramos que as melhores informações sobre a vida e obra de Leiras Pulpeiro correspondem aos autores Lence-Santar, Reimunde Noreña, Alonso Montero, Franco Grande, e Trapero Pardo, sendo também de préstimo os estudos e comentários de Iglesia Alvariño, Carvalho Calero, Otero Pedrayo e Vilar Ponte.

² Segundo a Biografía de Manuel Leiras Pulpeiro por Eduardo Lence Santar in Poesia Galega Completa de M.L.P, edição de Ramón Reimunde, Sotelo Blanco, edic. Barcelona, 1984.

de Santa Catarina de Mondonhede os cursos de Latim e Humanidades, incorporando-se depois no prestigioso Instituto de Segunda Enseñanza de Tápia de Casariego, recém fundado e de cunho laico, onde obtém em 17 de junho de 1870 o grau de Bacharel.

Durante os seus primeiros dezasseis anos tinha estudado nos estabelecimentos de maior prestígio académico da sua terra natal, iniciando os estudos universitários de Medicina em Santiago de Compostela com bom aproveitamento. Em 1874 desloca-se para Valhadolid, para finalmente licenciar-se em Madrid na Universidade Central e Faculdade de Medicina em 22 de dezembro de 1877. Nesta época toma contato com a revista ourensã *O Tio Marcos* e manifesta publicamente o seu galeguismo e a vontade de colaborar nela com “trabalhos”. No ano seguinte apresentará o seu título ao Concelho de Mondonhede, com que já exercerá a sua profissão sanitária e humanitária como um profissional ativo e excelente durante toda a sua vida, com diversas funções, como a de médico legista e da Sociedade de Obreiros, deixando-nos testemunho disso em 1910 com a publicação dos "*Apuntes para la geografia médica del distrito municipal de Mondoñedo*" em colaboração com Pastor Taladrid. Anos antes, em 1894, descobrem-se as águas medicinais da Recadeira e o nosso doutor naturalista será um dos que as tome e recomende. Ali está o “dólmen” que ele cantará depois e do que pintaria uma aguarela a ele dedicada um dos nossos melhores pintores: Artur Souto.

Sendo desde jovem afeiçoado à pintura, pintou diferentes quadros notáveis, entre os quais, uma paisagem nevada³. A sua sensibilidade artística e o entusiasmo pela música levaram-no a fazer parte desde outubro de 1881 da Sociedade Coral Pacheco, da qual foi vogal. Neste orfeão dirigido pelo violinista Henrique Parga, Leiras cantou como tenor.

A vida de Leiras nestes anos ainda moços, dos quais temos alguma prova fotográfica mercê da generosidade da sua família, no Mondonhede finissecular que o rodeava, foi a dum médico novo que se estabelecia na sua cidade natal para constituir um lar e criar uns filhos.

³ De que conservamos cópia, por ser um quadro de diminuto tamanho conservado pela sua filha menor Josefina Leiras Andia, de 93 anos, vizinha da Crunha.



No ano 1884 publica o seu primeiro poema conhecido “E mais non llo digo”⁴ no semanário *O Tio Marcos da Portela* de Lamas Carvajal, e escreve o poema “Caridade” referido ás vítimas do terramoto em Granada nessa data.

Convencido republicano desde a juventude, assistiu em junho de 1887 à assembleia do Partido Republicano Federal que teve lugar em Lugo, onde se aprovou o «Proyecto de Constitución para el Estado Gallico». Neste ano formou-se a Biblioteca do Casino de Mondonhede por iniciativa sua adquirindo pelo seu conselho quase todas as obras da “Biblioteca Gallega”.

Em agosto de 1888 celebra o casamento civil com Maria Milagre Andia Villar, de vinte e cinco anos, com quem já tinha dous fillos: Alfredo (1883) e Juliano (1886). Isto tem repercussão nos jornais e produz escândalo.

Nestes anos em que lhe vão nascendo mais seis fillos, além de ganhar prestígio como médico, começa a colaborar no semanário satírico *El Farol* de Mondonhede, assina um chamamento eleitoral com Moreno Bárcia na Corunha em 1891, mantém correspondência com Pi i Margall e Salmerón, assiste a um banquete para festejar o aniversário da proclamação da República em Mondonhede com trinta e cinco republicanos (1892) e pertence ao *Consejo Federal de la Región Gallega*.

Do ano 1895 é o seu poema mais longo: “Unha festa como hai moitas”, uma joia costumista e anticlerical que alporiçou o Bispado mindoniense, continuou com a publicação escassa de poemas avulsos como já fizera com o titulado “Moitos”⁵, uma elegia ao músico João Montes (1899), e os poemas “Pousadoiro”(1903), “Quen chama” e “Danse ao pé dos toxos bravos” em 1904, atingindo uma notória fama de vate local e inconformista, bem como de cultivador autêntico do idioma galego, que conduzem a que em 1905 seja nomeado académico da recém criada Real Academia Gallega presidida por Manuel Murguía, rejeitando o posto

⁴Citado na cronologia e estudos de datación in *Poesia Completa* texto estabelecido por Xesús Alonso Montero, Ed. Sálvora, Santiago de Compostela, 1983.

⁵ Galicia, Revista regional, de maio de 1887, Andrés Martínez, editor. A Corunha.

o próprio Leiras com grande modéstia. Conservamos desse ano um breve poema em castelhano num postal a Pepe Basanta, o que indica que também cultivava esta língua já utilizada nos primeiros tempos poéticos, como no poema referido a Pablo Iglesias ou, antes bem, a Pi i Margall. Mas Leiras continuou o seu trabalho anónimo de médico e recolector de composições populares, prestando muito pouca atenção à fama que já tinha como poeta, só incentivada pelas publicações que forçadamente lhe iam fazendo os amigos: Em 1912 o poema “A Pascual Veiga” com motivo da honra ao insigne músico mindoniense e em 1910 o poema “Un gallo no Coto”, premiado nos Jogos Florais organizados pela sociedade «La Oliva» de Vigo.

Em 1911 deu a lume *Cantares Gallegos*, o seu único livro publicado, de sessenta e seis páginas em quarto maior. Nele recolhia 244 composições de estilo popular, em modesta edição da antiga e ainda existente imprensa H. Mancebo, de Mondonhedo.

Pouco antes de morrer, enviou Leiras à Real Academia Gallega uma interessante coleção de cento e sete cantares (108) e cento e setenta e dous adágios populares, – que veriam a luz nos números 70 e 71 do Boletim desta instituição –, assim como um vocabulário da zona mindoniense.⁶

Nos seus últimos anos, publicou Leiras diversas poesias em jornais locais, e deixou várias inéditas, que mais tarde seriam dadas a conhecer nas suas *Obras Completas* póstumas publicadas na editora Nós em 1930. Pouco antes de morrer, afetado pela diabete que padecia, rompeu muitas delas e vários trabalhos em prosa galega, segundo ele mesmo afirmou porque não mereciam o honor de serem conservadas. Os

⁶ Estes trabalhos foram publicados aparentemente na sua totalidade por Franco Grande in *Obra Completa*, ed. Galaxia, Vigo, 1970. Não coincidem os números citados por Lence com o editado por Franco.

A informação que se segue está tomada diretamente de Eduardo Lence Santar, cronista fiável e amigo pessoal de Leiras, quem se amosra muito orgulhoso de conhecer em primeira-mão estes detalhes e muito honrado com a amizade de Leiras. in *Op. Cit. “Biografía”* ed. de Ramón Reimunde.

D. Eduardo Lence Santar, erudito local de longas barbas, deixou moitos documentos manuscritos no seu arquivo, sendo muito admirado polo escritor mindoniense Xe Freyre. O arquivo foi herdado pola familia Barxa e a casa polo mais pobre de Mondonhedo.

trabalhos em prosa, “uns seis ou oito” eram pitorescas glosas de contos populares a jeito de chistes, alguns deles de subida cor verde. Entre as poesias rotas figuravam as tituladas “Un Cacique” e parte de “A Costeira” sobre a pesca da sardinha em trainheira no mar da Marinha.

Escrevia os seus versos em papéis já usados como envelopes e impressos, de forma descuidada e rápida, com muitas emendas de leitura dificultosa, que indicavam a sua meticulosidade e a precariedade económica do tempo que lhe calhou viver. Noutros poemas passados a limpo pela sua própria mão, pode observar-se uma letra clara e uma escrita muito ordenada e estética.

Às oito da manhã do dia oito de dezembro de 1912 teve um ataque cerebral, ficando em estado grave até às quatro da madrugada do dia seguinte. Não se sabe o que pensaria o médico durante as vinte horas que sobreviveu e em que não perdeu a consciência⁷.

Leiras morreu em Mondonhedo em nove de novembro de 1912, celebrando-se o seu enterramento civil dous dias depois com uma grandiosa manifestação de dó e muitas mostras de afeto popular, como noticiam todos os jornais da época. Foi sepultado em terra no mesmo lugar onde hoje se levanta o seu mausoléu, no recinto reservado para os que morriam fora da religião católica, por expresso desejo do defunto especificado na cláusula segunda do testamento (“2a - Que mi entierro sea civil”), não constando documentalmente que se aplicasse o Direito Eclesiástico pelo casamento civil e renúncia aos sacramentos, que também implicava o enterro fora de sagrado, mantendo a hierarquia eclesiástica um discreto e respeitoso silêncio, só atenuado pela proibição aos meninos de Coro da Sé de assistirem ao enterramento.⁸

⁷ Segundo a versão sincera da sua única filha sobrevivente em 1998, Josefina, então uma criança, que lembra que o seu pai a chama ao leito de morte para despedir-se com um beijo.

⁸ Em papéis oficiais da Igreja só consta uma nota concisa e respeitosa que diz o seguinte, escrito ao lado da ata de nascimento :

“El día 9 de Noviembre de 1912 murió fuera de N.S. Iglesia D. Manuel L.P. de 58 años, casado civilmente con Doña María Andía Villar, médico y natural de esta ciudad en donde vivía y falleció. Su cadáver fue sepultado en el cementerio civil.”

Rubricado com letra de D. Francisco Otero Caramés. Fol. 276 libro 28. Vide cópia.

A principal batalha de escritor popular e político republicano, assim como o seu esforçado trabalho de médico rural, por que lutou na sua vida modesta e discreta de províncias, foi ganha depois da sua morte pela sua atrativa figura e pela sua importante obra poética e linguística. Foi objeto de publicações póstumas, dum homenagem em 1921 quando se inaugura o seu mausoléu no cemitério civil de Mondonhede, também compartilhando com outros mindonienses ilustres em 1930 outra homenagem, no ano da publicação das suas *Obras Completas*, que voltam a ser divulgadas em 1970 por Xosé Luís Franco Grande, o seu primeiro crítico e estudioso, até que no ano 1983 a RAG dedica o Dia das Letras Galegas a dom Manuel Leiras Pulpeiro, com o que passa a ser um autor muito conhecido pelos galegos cultos, objeto de análise e comentário em muitos artigos jornalísticos de grande difusão, palestras académicas, vídeos, e reedição da sua Poesia Completa por especialistas leirasianos. Estava concluído o esquecimento do poeta rebelde e anticlerical, do poeta popular e maldito, e todos podiam ter acesso à sua obra e conhecer o mais enxebre da fala mindoniense na sua época finissecular do XIX.

Leiras Pulpeiro foi, como nos diz Lence, homem de estatura regular, moreno, forte, de mãos grandes, olhos pequenos e vivos, pómulos salientes, testa ampla, cabelo e barba longos e completamente brancos.... uma figura física inesquecível para um enxebre poeta oitocentista e um antigo médico provinciano.

Quanto ao seu carácter pessoal, estava Leiras dotado dum grande sentido do humor e de não pouca graça para contar como ninguém contos galegos, conversas e costumes labregos, imitando o estilo da gente rural, com poucas palavras e muitas insinuações. Em matérias políticas e religiosas era intransigente, sendo às vezes *túçaro* e pouco comunicativo com aqueles que não tratava com intimidade e diante das injustiças. Apesar de que fazia alarde de estar livre de preconceitos, era supersticioso. Era também discreto e muito modesto. Sensível, emocionava-se com frequência quando falava dos filhos ausentes na Argentina, quando via passarem carros com emigrantes ou quando tinha notícia de alguma pessoa pobre ou enferma, enchendo-se-lhe os olhos de báguas. E báguas

nos olhos viam-se-lhe sempre que ouvia tocar a “Alvorada de Veiga”, “Negra Sombra” de Montes e outras composições musicais galegas. Leiras, todo coração e picaresca, emocionava-se lendo os seus poemas longos e sorria com os seus *Cantares Galegos*. As suas próprias filhas recordam-no como um homem sério, mas também às vezes chistoso e engenhoso, embora elas o conhecessem na última época quando já estava enfermo de diabete, frequentemente deprimido e triste, conhecedor como médico do seu próximo fim e preocupado com o futuro dos seus.⁹

Foi a curta vida dum homem do século XIX que a dedicou com intensidade ao estudo juvenil, a exercer precariamente a medicina nas terras de Mondonhedeo com grande dedicação e acerto, que casou por amor com uma mulher humilde com quem teve oito filhos, que passou os seus apuros económicos para criá-los, militando politicamente no republicanismo federal, enfrentando-se aos poderes conservadores, entre eles o eclesiástico, da sua levítica e tradicional cidade natal, casando pelo civil, observando a fala galega rural e reproduzindo os ditos e coplas populares, publicando poemas denunciadores das injustiças que falavam com naturalidade dos costumes populares, que participou na vida cultural e política da sua cidade, e que morreu ainda novo nos alvares do século XX, sendo enterrado no cemitério civil e constituindo-se num mito e figura admirada, primeiro pelos seus vizinhos pela tradição oral e depois por todo o país após a difusão da sua figura e o conhecimento da sua obra poética e linguística.

Como bem resume o lema que figura no seu mausoléu mindonienese, foi um homem que: “AMOU A VERDADE E PRATICOU O BEM ”.

Outros aspetos muito interessantes da sua rica personalidade humana podem ser tirados da sua obra com uma leitura atenta e objetiva. Nesta obra poética reconheceremos a sua voz popular, que o identifica com o seu próprio povo e gente mindoniense, mas também ali acharemos

⁹ «Conversación coas fillas do poeta», Dona Magdalena e Dona Josefina Leiras Andia, in ed. de Ramón Reimunde. Também confirmam a sua sensibilidade e sentimentalismo musical: “Coa música emocionaba-se moito, porque era un home sensíbel e enchian-se-lle os ollos de bágoas cada vez que ouvia unha peza que lle gostaba”.

os seus gostos e preferências pessoais, entre os que salientaríamos os seguintes:

- 1) O amor à sua pátria e à sua língua
- 2) A preocupação social, solidária com a gente pobre.
- 3) Uma visão lúdica e prazenteira do erotismo isenta de tabus
- 4) O conhecimento e amor pelos lugares da zona mindoniense
- 5) Uma certa saudade ante a vida e o sofrimento pessoal
- 6) Um amor especial pela Marinha e o mar
- 8) A sensibilidade musical e a emoção pela gaita
- 9) O anticlericalismo e a denúncia das injustiças

I.-.1.2 Leiras e a literatura popular

“Si es popular no es bueno, y si es bueno no es popular”

D. MARCELINO MENENDEZ PELAYO

A nossa tese gira em torno à ideia central: **a relação entre Leiras e tudo o popular.**

Teríamos que começar por distinguir entre o saber popular e o culto.

Há que ter sumo cuidado com o adjetivo “**popular**”, que significa, segundo o nosso admirado Estraviz: “adjectivo relativo ao povo ou próprio dele, feito para o povo ou por ele usado, e que é aceito e grato ao povo”¹⁰. Aplicamo-lo alegremente a palavras como: arte, moral, ética, cultura, vestimenta, folclore, costume, cultura, jantar, crença, culto, devoção, cantar, voz, palavra, língua e as suas componentes, música e as suas classes, arquitetura, arte, medicina (“mezinha”), saber, religião, governo (o poder

¹⁰ Cf. Isaac Alonso Estraviz : Dicionário Sotelo Blanco da Língua Galega.1995.

A definição de povo, raramente aplicável a lugarejo, está tomada do mesmo Estraviz, op. cit. ibidem, considerado por muitos a máxima autoridade em léxico como autor do melhor dicionário existente da nossa língua, além do informático e-estraviz, muito usado pelos cibernautas.

As linhas que se seguem são resultado das ideias que surgiram nas conversas que temos desfrutado com Pepe Otero, o nosso amigo caçador, companheiro tantos anos na cátedra do IES de FOZ.

nas mãos do povo), refrão, sentença, dito, provérbio, aforismo, axioma, gosto, jeito, espírito, sentir, mundo... e literatura com os seus géneros...

Um Papa, um Rei, um autor... podem ser populares quando são aceites e conhecidos entre o povo. Um texto, também.

Tudo isto pode ser popular quando intervém o povo, ou quando se populariza.

Mas, quem é o povo? Esquecemos que o povo é a gente comum, a parte mais humilde, menos rica, menos culta e mais numerosa do conjunto de habitantes dum país ou localidade, sinónimo de vulgo, plebe, gatinha, plebeu, algo vulgar, baixo e rasteiro.

Aplicamos este adjetivo “popular” a palavras como Matemática ou Teologia? E a “filosofia”, “pensamento”, “ideia”, “psicologia”, “antropologia”... rebaixadas de nível? A etnografia, o folclore ou a festa já levam dentro esta voz. A sabedoria em geral por senso comum, também.

Essa sabedoria popular é geralmente uma sabedoria sentenciosa (gnómica) em que a sociedade condensa uns conhecimentos, e ainda coexistindo com outros saberes mais cultos, oficiais ou científicos, ela é a origem e germe de todos eles. A transição entre as sociedades primitivas com culturas mais ou menos rudimentares a uma cultura literária, científica ou filosófica, passa geralmente por uma compilação de refrões que se apresentam como sentenças de carácter moral, com preceitos que contêm mensagens de prudência, moderação, respeito aos pais e às leis.

Assim se pode considerar o escrito de carácter prático *Os Trabalhos e os Dias* dum *esfuminhado* Hesíodo, e mais serodidamente os *Aforismos*, principalmente médicos, de Hipócrates, já convertidos em género literário. Porém, mormente, a sabedoria gnómica foi atribuída aos chamados Sete Sábios que, arredor do séc. VII (A.C.) recompilam essas sentenças enraizadas na tradição, transmitidas oralmente, que são preceitivas e representam a sabedoria prática popular dos gregos:

-“No meio, a virtude ”

-“Modesto na prosperidade, firme na adversidade”

-“Não pretendas ter mais razão que os teus pais”

-“Conhece-te a ti mesmo” (Templo de Apolo, em Delfos)

Por trás dum refrão, dum provérbio ou dum conselho precativo em forma de cantar não há uma pessoa gramatical. Há um narrador e um narratário que é o povo. Detrás está a Verdade, a *Vox populi*, que é uma, neutra, onisciente, o saber universal ou concreto nascido da experiência que alguém se atreve a condensar num dito.

Um povo primitivo, sem cultura escrita, começa por difundir aforismos e refrões, fáceis de memorizar, com o ritmo pegadiço dum cantar, primeiro concretos, referidos ao imediato e moralizante e logo abstratos, dum conteúdo mais metafísico, que vão orientando a conduta e o conhecimento coletivos. Depois vem a literatura elaborando esteticamente o produto, fixando por escrito e agregando esse saber aos textos.

Nesse ponto preciso está **Leiras Pulpeiro**, no renascer da literatura autenticamente galega do século XIX: ele foi o primeiro entre nós que não copia, que cria e recria literatura popular, com passos medidos:

1º.- Admiração por todo o popular

2º.- Observação e estudo do povo. Compilação de refrões, ditos, cantares, adivinhas, palavras.

3º.- Aprendizado do espírito dos povos, tão romântico e particular, berço do nacionalismo incipiente, e conhecimento paulatino da sua língua de expressão (a fala).

4º.- Imitação, utilizando essa língua e esses temas e popularização desses textos.

5º.- Difusão em revistas e livros de edição rústica ou por vias marginais.

6º.- Aceitação pelo povo que se auto-identifica com o que é seu, ou sente seu.

7º.- Confusão dos textos de autor com a própria tradição popular.

8º.- Mitificação da figura do autor e mito da autoria coletiva.

Para que um autor possa captar a essência do popular, tem de afrontar a observação com objetividade, sem distrações não pertinentes, sem interferências e ruídos na comunicação. O emissor é o povo, através de qualquer canal ou contexto, o imprescindível é partilhar o código e os

seus segredos, e o mais importante é entender a mensagem para esse receptor – autor futuro.

Leiras tinha bem focado o emissor dos sinais populares, conhecia o código com um talento especial e compreendia a mensagem. Mas havia interferências: ouvia o seu “ruído” interior, vivia desacougado pela sombra da saudade pessoal (“las mil desventuras que ensombrecieron los días de mi vida”) e só recebia o rumor negativo dessa vida, mesmo dum ponto profissional de médico (desenganos, morte).

Havia dias que escutava o trasno zombeteiro com espírito lúdico e sorridente: eram as histórias picantes de desenfadado erotismo da juventude, os desafios, os moínhos, as costureiras, a sátira e a ironia humorística, mecanismos reativos para sobreviver e desafogar.

Escutava um “ruído” exterior, a engrenagem duma organização social caduca que chiava, sem a lubrificação impedida por velhas oligarquias aferradas ao poder no nome de Deus, que queriam manter a maquinaria popular imóvel, atascada na pobreza material e na miséria cultural.

E lançou o seu berro seco de rebeldia, um impropério implacável que queria despertar a todo o povo mindoniense, — como Pondal — do seu sono secular, uma pinga de água fresca para uma sede antiga de honradez.

No seu parecer, os cregos e os caciques maniatavam o progresso e a liberação do povo. (“como llegan las redes tendidas por la araña negra que en esta provincia todo lo abarca y lo sujeta¹¹”), desnortado do seu objectivo de superação. E ali estourou como uma bomba a sua metáfora dinamitadora, duríssima sátira valente e retranqueira ironia.

Leiras está no ponto de entroncamento entre a Literatura culta ideológica e a chamada literatura popular. Dentro dela, a poesia tradicional popular compreende textos líricos não fixados definitivamente, transmitidos oralmente e recolhidos em cancioneiros escritos, universal e repetitiva nos seus temas, local e concreta no reflexo da cultura material, e de suposta autoria coletiva. A comunicação literária é plural, retocada.

¹¹ Vid. Fragmento dum esboço dum discurso político. Fundo Arquivo R.A.G.

Mas a questão duvidosa é esta: que sempre tem de haver um autor individual primeiro, que pode ser a seguir transformada por outros. Durante séculos, os versificadores populares expressaram os protestos, a sátira, a burla, a festa, e concentraram a sua virulência contra o poder numa vingança em verso, não achando outro meio melhor para comunicar o sentir do povo. Tinham um fim catártico e humorístico, social ou costumista, porém tinham que ser do gosto popular.

O etnógrafo Xoaquin Lorenzo afirmava, com o Padre Sarmiento, que os galegos somos um povo que canta:

“ O povo non fai poesía sen motivo; a cántiga xurde cando algo a xustifica : os traballos do campo, as esollas, as ruadas, e mil momentos máis para lucir o inxenio... A estrutura destas cántigas populares é ben sinxela : catro versos octosílabos con rima asoante nos pares e libre nos impares... ”¹²

A atitude reivindicativa do povo, que Leiras assume tão bem, foi analisada por alguns autores no ponto em que se cruzam o social e o popular, a memória histórica e o canto marginal:¹³

“Será muito interessante para o leitor dos textos de Leiras comprobar como resulta tan «social» nas suas cuadras ao gosto popular, como é «popular» nos seus poemas de tema social e satírico. Ambas as cousas van misturadas e en ambos os casos o referente é a mesma realidade labrega, a miséria terrível dos máis pobres, a vida e os costumes do campo, e esa memoria colectiva que lembra as frustrazóns históricas do noso país, —como a do Mariscal—, e agarda pacientemente pola sua liberazón compoñendo cantos con metáforas rústicas nunha lingua marxinal”.

Na obra de Leiras Pulpeiro encontramos poesia popular nos *Cantares Gallegos* de 1911, e nos *Cantares Inéditos* de 1970. Mas também

¹² Lorenzo Fernández, Xoaquin, *Cantigueiro popular da Limia Baixa*, Fund. Penzol, ed. Galaxia. Vigo, 1973.

¹³ Cf. op. cit., Ed. Reimunde. p.104.

toparemos muita poesia popular nos poemas das *Obras Completas* de 1930, onde alguns deles são quadras octossilábicas soltas ou agrupadas, outros são tríades, outros romances e ainda teríamos que contar os longos poemas costumistas (“Un galo”, “E mais non llo digo”, “Xa comenza”, “Unha festa como hai moitas”, etc.)

Leiras é um poeta popular, em todos os sentidos, que elaborou poesia popular, partindo dum material popular, a fala. Essa poesia é popular não só por estar inspirada nos temas populares e ser destinada para o consumo do povo, mas também porque está construída com o mais maravilhoso produto que a gente criou nunca, com as suas próprias frases e ditos, com o ritmo que leva dentro, com o seu gosto, refletindo os seus costumes, o seu pensar, o seu sentir. Tudo isto comporta uma comunhão total entre o autor e os protagonistas, que são ao mesmo tempo destinatários.

O autor desta poesia tradicional deixa a um lado o seu ego, empresta a sua voz poética a uma moça, a um marinheiro, torna-se nessa voz neutra que dá conselhos e pode fazer impunemente burlas, despersonaliza-se, entra no anonimato, e deixa de ser o sujeito poético, o poeta. Nem sempre consegue isto facilmente, porque o amor pode senti-lo qualquer moço ou velho, e a retranca burlesca pode lançar-se contra qualquer feito, mas a dor é algo pessoal. O médico Leiras não esquece os partos e aconselha:

Rapazas que tral-a risa
Vades ô cabo d’a terra
Mirade ben que hai risadas
Que tras si cen choros levan!

Também o seu carácter compassivo se reflete num conselho aos marinheiros:

¡ Non sallades, mariñeiros
Que brua o mar n-a Burela !
¡ Mariñeiros, non sallades,
Que os marzaliños arrecian !

Ou expressa os seus gostos e ódios, como neste escárnio anticlerical:

Non quero vivir n-a vila
N-a vila de Vilanova ;
Que, por moi santos que señan,
Non quero frades à porta

Nestes textos é o próprio Leiras, com as suas filias e fobias, quem está por trás, com o seu lirismo pessoal. Um Leiras plenamente identificado e confundido com a sua gente, tanto, que outras vezes põe o cantar em boca duma rapariga, – como nas cantigas medievais de amigo –, ou faz falar uma sogra:

Moitas bágoas, moitos días	Agora xa poido rirme
Levei chorando d'aquela	Agora si que estou leda
Pro... consoleime que, ô cabo	Que o fillo trouxome nora
Val máis... caída que cega ¹⁴	Ben mandadiña e videga

Poeta popular foi Leiras por medir com métrica popular o octossílabo dactílico e por escolher as estrofes de três ou quatro versos ou o romance.

Popular, no sentido de famoso, querido e admirado entre os seus.

Tem-se dito que Leiras escutou estas coplas cantadas pelo povo, e naturalmente que escutou cantares, mas não estes, que são os próprios. Salvo algum caso em que arranja um refrão existente (“púxenlle preito a un veciño, polo derrego dun leiro, levar levou todo a curia, pero amolar, amoleino”), ou utiliza como apoio fragmentos de cantares populares, e

¹⁴ O último verso é unha variante eufemística sobre o próprio refrão ou dito que recoletou Leiras : “Mais val... preñada, que cega”. Além dos diálogos e parrafeios em que falam mulheres, há 43 coplas em que é indiscutível a voz protagonista duma mulher e outras dez em que é muito provável que o seja. Vide C. nros:9,21,25,31,34,35,46,47,97,98,105,116,119,136,137,142,144,148,150,154,157,158,159,168,177,183,184,192,205,206,208,211,213,214,218,219,227,229,238217, ed. Reimunde.

locuções e provérbios e frases feitas que ouviu de viva voz, sem glosar ou ampliar esses trechos populares como Rosalia, ainda que uma só vez transcreva versos em homenagem desta autora («terra esquencida, que española nunca chamarse debera »). Rosalia escreveu também nessa língua dialetal empobrecida, erodida pelo espanhol, que era a mesma dos cantares que comentava, uma fala viva, não pura. Se a intenção de Rosalia não é puramente estética nem sentimental de amor pelo país, mas a apologia da sua terra e língua, a de Leiras vem marcada pelo carácter social dos seus textos realistas sobre os costumes, tratados com humor e sátira. Em ambos os casos coincide o título do livro que os divulga, Cantares Gallegos, sugerido no caso original da cantora do Sar pelo «Libro de los Cantares», (1852) de dom Antón de Trueba, tomando a ideia a imitação de Ventura Ruiz Aguilera, em Ecos nacionales (1849), que toma como referência coplas populares de que faz um prolongamento ou glosa, conservando o metro, a linguagem, o espírito, o tom, o folclore e as personagens do povo. Não é exatamente assim em Leiras, que não glosa nem amplia cantares, mas faz coplas ao jeito popular, seguindo um modelo muito mais parecido com o que conheceu na revista O Tio Marcos da Portela, com esse mesmo título também.

O nosso autor não só publica os seus poemas titulados “E MAIS NON LL’ O DIGO” e “TAL PRA CAL ”¹⁵ e “UN PEDRAZO”, bem diferentes da versão conhecida hoje, na segunda época de O Tio Marcos de Ourense, senão que lê a revista, onde há uma seção quase permanente dedicada a coplas populares, com diversos títulos («Cantares da aldea», «Cantigas do dia», «Cantares gallegos», «Cántigas gallegas») feita pelos melhores recoletores aos que toma por paradigma (Marcial Valladares, Xosé Pérez Ballesteros, Amor Meilán) e ali toma contato com os refrães populares, que depois ele recolherá na sua terra. Ali conhece os textos dos nossos clássicos do XIX, de Nicomedes Pastor Diaz (1828), dos cantores mindonienses do Natal, – Castro e Luís Corral-, de Anhão, de Pintos,

¹⁵ Publicados respetivamente em O Tio Marcos d’a Portela parrafeo c’o pobo gallego cuarenta e catro de 14 de setembro de 1884, cinquenta e um de 2 de novembro de 1884 e 245 de 9 de setembro de 1888.

Curros, Pondal e Rosalia, Jesus Rodríguez López, Alberto Garcia Ferreiro, Lúgris Freire (L.U.Gris) – e sobretudo de Lamas Carvajal e dum autor do Carvalhinho, Cesáreo L. Pinal¹⁶ com quem tem demasiado parecido. Se não estamos confundidos, entre tanta poesia há um texto em prosa de grande importância, porque constituiria a prova de que o moço Leiras estando em Madrid toma contato com Lamas Carvajal e o seu periódico, encontra uma via para encarregar o seu “corazón ardentísimamente galego” e oferece a sua colaboração futura na revista, assim como o início da amizade com Lamas. A carta, historicamente uma das primeiras escrita em galego, está assinada por L.P. em Madrid a 18 de abril de 1877, data em que Leiras Pulpeiro, que assinaria com M. L y P. os dous primeiros poemas publicados aqui, era estudante de Medicina naquela capital, “queimado polo carácter dos madrileños que non falaban de outra cousa que a morte do toureiro Frascuelo”.

Aquela revista ourensana, crónica política satírica e divertidíssima paródia dos parrafeios dum labrego, despertou na Galiza uma febre verificadora, uma febre de fazer longas poesias satíricas e costumistas, que contagiou também Leiras Pulpeiro, o seu colaborador. O primeiro Leiras, o mais popular, nasce por mor de O Tio Marcos da Portela, de que imitará tudo, anonimamente. Leiras pertence à geração galeguista e rural vinculada com Lamas Carvajal e com esta revista.

Quando Leiras morreu, após um silêncio de muitos anos, ficou dele a devoção popular pelos seus Cantares, mesmo transmitidos oralmente, com aquela aceitação que a literatura reserva para os clássicos e que muitos consideravam como o maior sucesso que um escritor pode ter: a gente entendeu que aqueles cantares eram do próprio povo.

Depois dos anos trinta, da perspectiva galeguista e só para uns poucos iniciados, a valorização crítica centrou-se nas Obras Completas e nos poemas longos ou combativos. Esta corrente viu-se impelida nos anos da chamada “poesia social” por razões ideológicas. Hoje regressamos ao princípio, à singela poesia popular onde se manifesta um amor pela gente da aldeia e uma comunhão com os seus sentimentos, bem

¹⁶ Cf. O Tio Marcos d’a Portela, «parrafeo 137», de 18 de julho de 1886

como uma nova valorização estética da sua obra. Leiras, com a sua sinceridade e valentia, com a sua modéstia e a sua arte linguística, ganhou para si a simpatia e o reconhecimento geral. Popularizou-se, difundiu-se e propagou-se o seu texto entre o povo, recobrou a popularidade local que teve em vida, agora a uma escala nacional, e no futuro mercê destas versões atuais também internacional entre a lusofonia, porque ele tinha acreditado no conceito público e útil da poesia, porque teve uma admiração absoluta e exclusiva pela sabedoria popular dita com arte. É o primeiro entre nós que criou uma obra poética a partir da “filosofia” popular com a intenção de que melhorasse a sensibilidade e o saber popular. O mar da sua poética retorna assim ao rio, à fonte originária onde bebeu a primeira sede de água pura.

Em conclusão, a essência da literatura de Leiras Pulpeiro é popular.

O espírito, a graça, o dom da língua, o estilo, a métrica, o verso,... são populares. Com um carimbo pessoal e muitas contaminações subjacentes, ainda assim populares.

Leiras é um poeta culto original por ter admirado o saber do povo e também um caso autêntico e único na nossa literatura finissecular por ter querido ficar aí, nem mais nem menos à altura do povo, por querer ser essencialmente popular no tema e na forma literária. Leiras foi primeiro literato que devolveu ao povo o seu próprio texto neo-popular, um único e repetido texto, com a mesma música desde tempos antigos, com a velha voz secular dos sem voz, mas desta vez por ele escrita.

I.- .1.3 Direções da poesia de Leiras

As linhas costumista e social são as mais representativas da poesia de Leiras Pulpeiro, tanto em Cantares Gallegos como nas Obras Completas.

Mas não só há nele esse tipo de poesia popular e civil. Podemos detetar que existem outras direções poéticas relacionadas com aquelas linhas gerais, com uns núcleos temáticos predominantes. As principais direções poéticas de Leiras são as seguintes:

- a poesia de carácter social e popular
- a poesia civil e patriótica
- a poesia humorística e satírica
- a poesia de carácter pessoal
- a poesia costumista tradicional
- a poesia circunstancial



FRASES CARACTERÍSTICAS MINDONIENSES USADAS POR LEIRAS

- 1) Dar co cu no ferrado = arruinar-se
- 2) Ben deito de iso = isso me vale (graças a isso)
- 3) Non ter arela = não ligar para
- 4) Es un campá de lá = és muito dado a espaventos
- 5) Xa ora ! = claro!, com certeza!
- 6) a vao = em abundância
- 7) Non para o can = faz muito frio
- 8) Inda non lle caeu a casca do cu = ainda não saiu da casca do ovo, ainda é novo
- 9) Aquelo era boca que qués, barriga ten mao ! = era um banquete
- 10) Dar fraterna = dar pau, bater
- 11) Botar por ela = presumir, fanfarronar
- 12) Non goza unha isma = não digere nada
- 13) Roubar a atención = namorar, gostar
- 14) Facer a millor festa = desflorar, deitar-se com uma mulher
- 15) a lor diso = a esse teor
- 16) Subir a Infesta = ir ao cárcere
- 17) Dar co pé = desprezar
- 18) Hai pola vella = disso há muito, há em abundância
- 19) Perder a solta = perder a virgindade.
- 20) Asi eu medre e luza = abofé, oxalá
- 21) Pacer a outonia = tirar a alguém a mulher ou entender-se com ela ocultamente
- 22) Coller de cachete = apanhar alguém bem disposto; encontrar de repente
- 23) Chamouse Xan da nega = não quis reconhecer o filho
- 24) Inda vén cega da corte = ainda está torpe
- 25) Houbo moita risa e caraxola (o diablo polas pernas) = balbúrdia, festa, algazarra
- 26) Ou as cabras non han dar leite = ou não há de haver justiça
- 27) Son cousas ! = assim é a vida
- 28) Regalar os ollos = mirar com muita fixidez, alegrar-se
- 29) Facer a rosca do galo = cortejar, adular, mocear
- 30) Facer cachizas = fazer o que quer, dominar

- 31) Bebelas como o boi a auga = não se dar por entendido
- 32) Baixouse a funga ao cu = fez-se velho e peideiro
- 33) Andar no veo = estar no alho, entender
- 34) Botar unha fungada = repreender
- 35) Non gardar a mexa = não guardar segredos, ser falador
- 36) Mañá é dia de carabullos = amanhã é dia de trabalho grande ou festa, importante
- 37) Era coma o xoio = era péssimo
- 38) A afeito = Seguido, sem interrupção, a eito
- 39) Amañar unhas papas = armar uma armadilha, cambadela, empapelar no julgado
- 40) Ter perda = escatimar
- 41) Zúmballe o virillo ! Róncalle o calleiro ! Doille o ollo ! = Está perfeito!
- 42) Regañar o coiro = estar muito gordo
- 43) Botalas fervendo = falar claramente
- 44) Caer a calleira = deixar de ter filhos, perder a potência
- 45) Andar do cacho pra o poleiro = não pensar mais que em comer e dormir
- 46) Dese pau teño eu unha gaita = algo parecido me ocorre a mim
- 47) Roer o chito = tascar travão
- 48) Comer as papas na cabeza = ser mais alto
- 49) Nin arre nin xo = nem vai nem vem, nem adianta nem atrasa
- 50) Estar torto = andar enfurrinhado, de mau humor
- 51) As casas da Cruña = montes e moreias
- 52) Cagar o demo no camiño = mudar de parecer
- 53) De Diós ! = Auxílio!
- 54) Te-las boas ! = estás aviado
- 55) Inda hai que leirar = ainda falta muito
- 56) Hai landeira = boa a fizemos
- 57) Chegar e encher = chegar e bicar o santo, chegar e solucionar
- 58) Ver as orellas = conhecer as intenções
- 59) Todo é chao = não há dificuldades
- 60) Facer o ato = aviar-se, despachar
- 61) Está coma un buxo = está são e forte
- 62) Sopetea que hai prebe ho ! = aproveita que há ocasião
- 63) Mollar a palleta = botar um grola

- 64) Vai coma un can, vai coma un cura = vai farto
- 65) E' coma os chitos = é cínico, sem-vergonha, mau
- 66) Ser un mama na cocha = ser cocho, sujo, porco
- 67) Coma as galiñas, coma as gatas = é ardente, é quente, é desonesta
- 68) Andar en pés de lá = andar em bicos de pés
- 69) Andar de qüesta = andar ao que sai, pedindo
- 70) Lamber o cu = adular
- 71) Ser bon pra o seu cu = ser egoísta
- 72) Facer a zangalla mangalla = andar preguiçoso, sem vontade
- 73) Danzar a deda = andar desonesto (aquecer a buxa)
- 74) Encher de palla seca = dizer as verdades a alguém
- 75) Meter un pucho = pegar um petardo
- 76) Facer a rosca = fazer a zalá, fazer as beiras
- 77) A mao tenta (à mao-tenta) = De intento, a propósito
- 78) Estar un a osma = estar à espreita, à husma, espiar
- 79) Lardo vivo = carne viva
- 80) A's vinte uñas = de gatas
- 81) Ser picado do allo = ser susceptível, irritável
- 82) Levantar a espinilla, erguer o calleiro = dar desgosto, dizer palavras de sentimento
- 84) Meu dito, meu feito = dito e feito
- 85) Coma un rigüilelete = como um gerifalte, como um marquês
- 86) Apear o muiño = deixar de comer
- 87) De vello, gaiteiro. = de velho verde e picaresco
- 88) Non hai rixidoira = falta formalidade
- 89) Está que agancha = está furioso
- 90) Non o tempera o demo = é insuportável.



GLOSSÁRIO [DE PALAVRAS MINDONIENSES]

- A grá : o grão de cereal, a grã
- A Paula : sino de Mondonhedo, sino da Sé
- A Paula (os de): os mindonienses
- Abeiro : abrigo, proteção
- Abidueira : bedoeira, bidoeiro (árvore caducifólia de cortiça branca)
- Abofellas : = A + boa + fé, seguro
- Abordelades : reforçar a parelha de bois ao jungir
- Abranguen : atingem, apertam forte
- Abrula : planta (digitalis purpúrea), estalotes
- Acaloumiñalo : Agarimá-lo, calmá-lo
- Acibro : árvore de folhas espinhentas, acebo, acivro
- Adelonciñas : doninhas
- Adro : arredor da igreja
- Afreitas : planta de sabor amargo
- Afreitas : papas de aveia, aveia louca
- Afritos : medos, rautos
- Agás : A não ser que, exceto
- Agruras : de sabor agro, acre, penas
- Aira : eira, arredor da casa de lavoura
- Alaxes : joias valiosas, alfaias.
- Albogo : alboio, alpendre
- Aleitas : dás leite
- Algús : alguns
- Alindar : cuidar o gado que pasce pelos lindeiros
- Aló : aló, alí, lá mais longe
- Alupou : viu, enxergou
- Amainado: calgado
- Antroido: entrudo, Carnaval
- Apedares : afogares
- Apedrando : destragando, fazer-se pedra
- Aqueladiño : amolado, preocupado, triste

Aquelar : eufem. fastidiar, arranjar, copular
Aqueloutrar : Desconfiar, fazer aquilo...
Aquestar : Namorar, fazer aqui isto...
Aquila : aquela, habilidade, etc.
Arromanando : pesando com a romana, pesa romana de ferro
Asparós : esporões, aguilhões
Atentés : tenteis
Atrais : atrás
Axina: aginha, depressa
Bácaros: bácoros
Baixoi: baixa-o , que o baixes
Barallando : barulhando, falando
Barcalla: berço para as crianças
Bargo: pedra lisa, lastra, laje
Baril : aplicado à mulher, bonita
Barruzo : orvalho, chuva miúda
Batás : Pisões, para maçar o linho
Ben deitei : Graças que, ainda que
Bergas : tocos do milho, vincalhos, vime, vergas.
Biaiteiros : sabugueiro (árvore para fazer cestos)
Bieiteira : benfeitora, que dá a bênção
Bodego : cabana pobre, casa velha
Bodegueiro : o que habita num bodego
Boqueiro : entrada duma leira ou prado
Brimbas : vincalhos, vimes
Brullo : burulho, roupa do recém-nado
Cabeceiro: almofada, renda para animais
Cabozo: espigueiro
Cabrimfollo : madressilva, planta aromática
Cachizas : pedaços
Cadaval : monte con cádavos, tojos queimados
Cádavo : resto do tojo queimado
Cagarrosiño : cagãozinho, mamão, menino

Campas : sinos
Carabullo : pau delgado, lenha miúda
Caráfio : eufem. caralho, caracho
Carrasqueira : monte com carrascas ou carquejas
Casqueiros : restos de madeira com casca, desperdício
Castrós : cabrões, bodes, homem atraído pela mulher
Cás : cães
Catar : captar, provar, ver de longe
Caxigo : aqui, castanheiro, azinheira (?)
Caxigos : castanheiros novos ou pagãos (?)
Cerna : cerne
Cimbras : tábuas do tecto, peças de madeira
Cinguir : cingir, apertar
Cochos : porcos
Codas : anacos de pão duro, côdeas
Codelas : anaquinhos de pão, côdeas
Codos : anaquinhos de pão duro
Colmeira : ferramenta, forquilha, galheta
Congostrá : caminho estreito e fundo, congosta
Contrós : empurrões, golpes
Corazós : corações
Cortello : corte pequena do gado miúdo
Couquizo : mulher feia, áspera
Croyos : coios, pedras grandinhas e redondas
Cuasementes : pop. quase,
Cuzo : demo, diabo, demónio
Chao : chão, terra chá
Chau : chão
Chicharro : peixe azul, carapau
Chilós : baeta vermelha, fio, tira
Chinado : falhar no jogo dos bolos
Chincheiras : fontes, ténporas
Chitas : resto do cigarro, beatas

Chito : cão de palheiro, fero.
Choca : campainha do gado, sino
Choya : pássaro, mulher faladora
Chucha : beijo
Chuchar : beijar (a um menino)
Chufa : auto-elógio, exagero
Churrusqueiros : alegres, vivos
Dacondo : de quando em quando
De riola : de ruada, de passeio
Deixano : deixam-no, deixaram
Deixoo : deixa-o, que o deixes
Deixoos : deixa-os, deixo-os
Demachiños : pequenos diabos, meninos
Dengue : mantelo cruzado no peito
Detrais : detrás
Dia : Do verbo dar, dê.
Dil-a : dizer + a ,dizê-la
Dindo : dizendo
Dirme : dizer-me
Eiqui : Aqui
El saiche : (impessoal) , saíste, saíche de isso
Emburullonaron : emburrulharam, envolveram
Enciño : ancinho
Engrellada : revolta, faina
Engurriñar : encolher, apoucar
Entoldada : coberta de névoa
Escachelara : romper em anacos
Escarranchado : com as pernas abertas
Esmagado : desfeito, aplastado
Espio : padeço, morro, vou a menos
Estarulados : assustados, regalados
Esteña : esteja
Estoxan : sentem nojo, desprezo

Faguer : fazer
Faiga : faça
Falmaguenta : fruta demasiado madura
Ferraña: erva da fome, ferrugem
Ferreñas : castanholas, instrumento musical
Fichoco : buraco
Finca : aperta com força, apoia forte
Fisgas : tridente para pescar
Fiuncho : fiuncho
Fol : fole, saco, bolsa, de pele
Folgueiras : fetos (planta)
Fouce : foucinho de mango longo
Fungueirazos : golpes com os estadulhos do carro
Furados : buracos
Gadaño : sacho, ferramenta agrícola
Gado : gado, fazenda em animais
Gallamardo: fachendoso, ufano, presumido
Galloufeiro: folgazão, pobre, pouco trabalhador
Golpe : raposo
Groucho : gole,
Guiches : pícaros, meninos argalheiros
Guipara : vira, percebera
Illarga : parte do corpo, entreperna
Illoe : paul, lameira, lama mole
Infante : planta da menta
Intenciós : intenções
Irmaus : irmãos
Isades : botais em cima
Iste : este
Laberca : laverca, pássaro da montanha, mulher faladora
Lacós : lacões, pata dianteira do porco
Ladriros : madeiras laterais dos carros
Lairas : folha seca do milho, palha

Lapos : pancadas na cara, morradas
Lardo : toucinho, carne aberta, ferida
Laretos : faladores, falangueiros, tolos
Levaime : levai-me
Limacha : lesma,
Madroa : planta de Nossa Senhora
Mai : mãe
Maiega : de Maio, malheira, golpes
Mainelo : janela pequena
Mainzo : milho-miúdo autóctone
Maíña : mãezinha
Maldilo : maldizê-lo
Malvan : estragam, deitam a perder, murcham
Mandós : mandões, que abusam, caciques
Maños : tão grandes, tamanhos
Mariscala : sino de Mondonhedo, cadeia do Marechal
Marmelando : comendo com os marmelos ou beiços
Marzaliños : ventos de Março
Mau : mão
Maus : mãos
Mazás : maçãs
Mazmir : consumir, debilitar, amolecer
Mécara : eufem. por merda
Mechós : anacos de cabelo
Mexamorniña : delicada, que as mata calando
Montós : montões, pilhas
Muchicas : faíscas
Musgos : cor do mofo, esverdeado
Nacíos : nações, nascimentos
Nadia : ninguém
Naide : ninguém
Nervias : plantas, raízes
Nocellas : planta, erva das doas

Nosoutros : nós
Nubeiro : espírito maligno
Ogallá : oxalá (Oh ! Alá)
Olga : alga marinha morta
On : um
Ontes : ontem
Oraciós : orações
Oumearon : cheiraram, captaram, viram
Parueiras : lados, angarelhas
Pedrazo : destrago, perda, caída de pedra
Peruxo : “raposo”, dim. de Pedro
Pícara : menina, mocinha
Piega : peça de madeira para pôr nos pés dos animais, peia
Pinica : folha do pinheiro
Pitada : molhada como pinto
Poido: posso
Pollos : piolhos, carraças
Pollosos : com piolhos, sujos
Poñés : pondes
Porquello : porco-teixo
Pousadoiro : lugar para pousar pesos
Pouso : lugar para descansar e pousar
Pregós : pregões, anúncios de casamento
Puchas: boinas, bonés
Pucho : gorro pequeno, sombreiro, chapéu
Puidemos : pudemos
Puiden : pude, de poder
Puidera : pudera
Pumaregas : horta com pomares, macinheiras
Pumariño : pradinho com macinheiras e maçãs
Purrallá : não vale nada ! , desperdício
Purrela : vinho ruim, gatinha cativa
Puxigo : janelinha da porta para ver quem vem

Querés : queredes, quereis
Quizaves : quiçá
Raiola : raiinho de sol, claro do dia
Raña : branha, brejo, carqueija, queiroga
Raño : ferramenta, ancinho, sacho
Razós : razões, palavras
Recandea : pólen do castanheiro
Rechaos : pequenos chãos, falso chão
Reichiño ruibo : papo-ruivo, papo-roxo, pássaro
Repinaldo : classe de maçã da Marinha
Requinto : instrumento musical
Roncadas : reprimendas, ronhadas, críticas
Saba : lençol, roupa branca do leite
Sacabeiras : réptil, salamandra
Salla : saia, faldra, (ou de sair)
Sallo : saio, de sair
Santiñas : meninas dos olhos
Seipa : saiba
Señan : sejam
Soupeche : soubeste
Soupo : soube
Su : sob, debaixo de
Surosa : de Sur ou Sul, boa, produtiva
Tarabelas : tolinho, alocado
Tizós : tição do lume
Tórbeda : nojo, náusea
Traguer : trazer
Trastalla : angustia, comove
Uces : urzes
Unhos : uns
Us : uns
Valeca : do vale, (de Mondonhedo ou Lourençã)
Vergonza : vergonha

Vidallas : vísceras, miolos da cabeça

Vrao : Verão

Xamacadas : doenças, fainas, golpes, paus

Xarga : capote, manteo

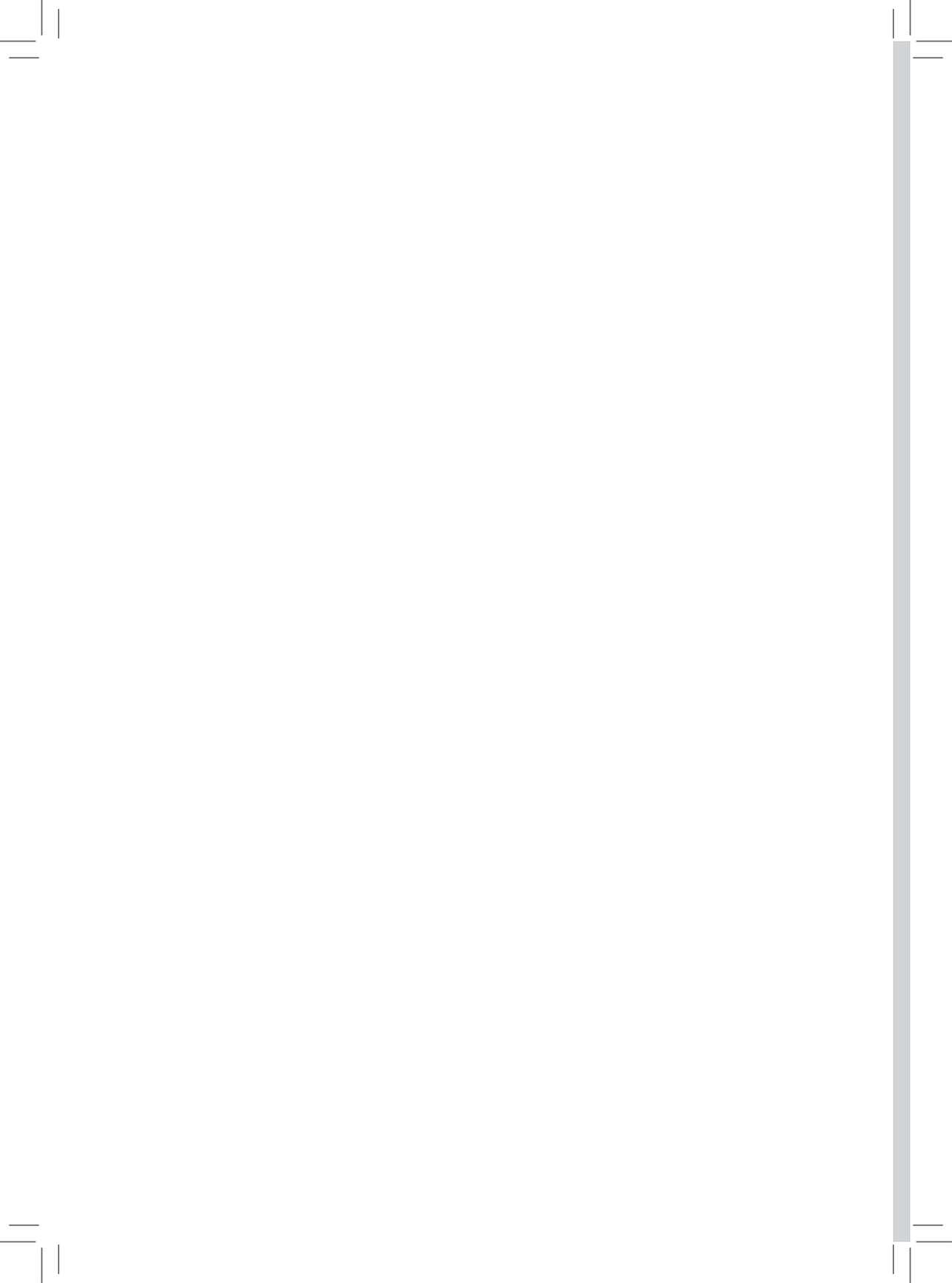
Xato : bezerro, cria da vaca

Xebre : (em) xebre, bom, autêntico

Xibarda : planta espinhenta de folhas verdes e bolas vermelhas

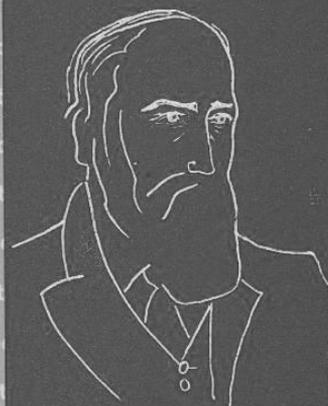
Xuncras : eufem. Judas, demónio

Zarzalla : orvalho, lágrimas.

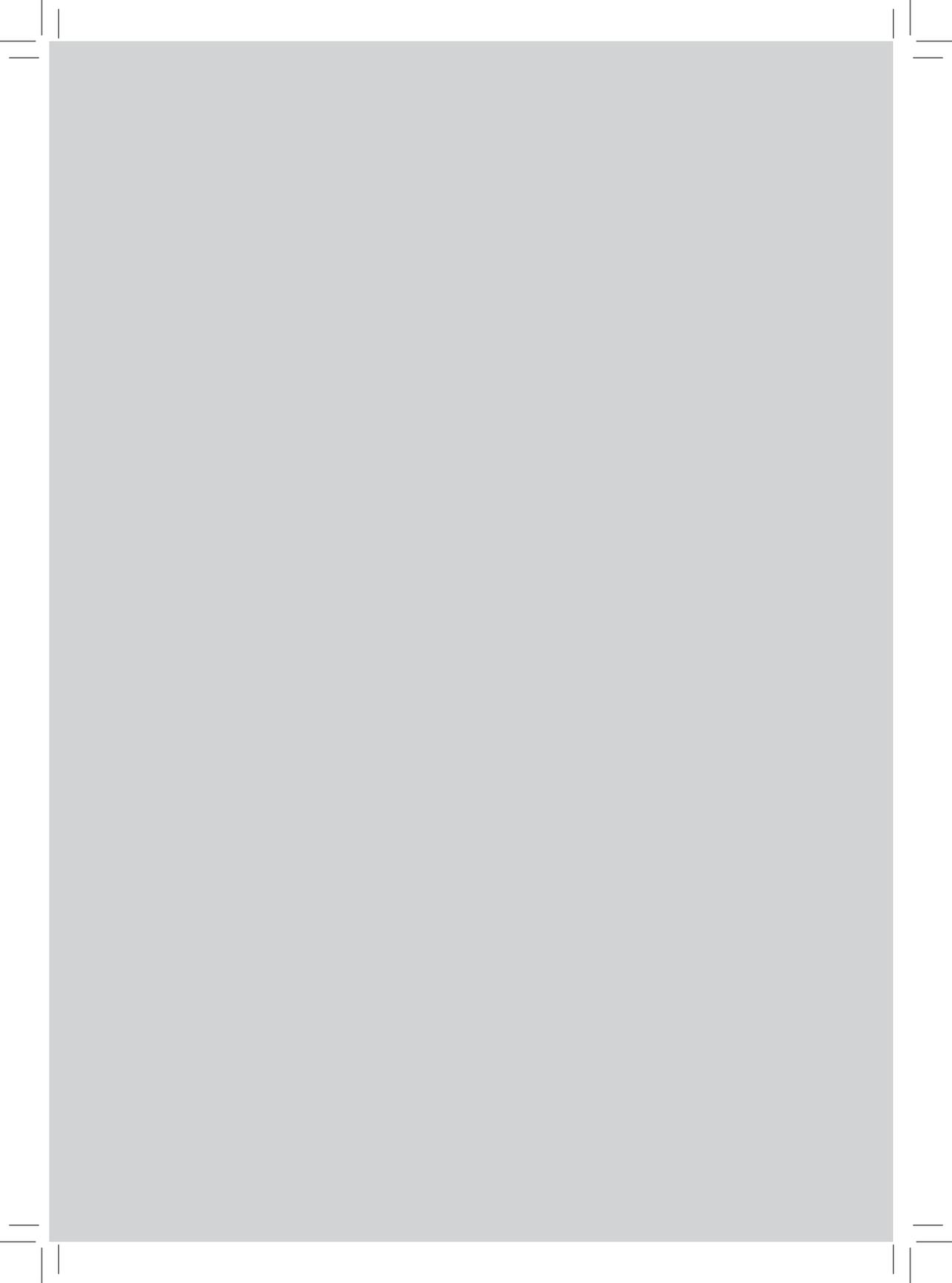


**MANUEL
LEIRAS PULPEIRO**

**POESIA
GALEGA
COMPLETA**



**Edizón
de
RAMÓN
REIMUNDE**



≈ POESIAS COMPLETAS ≈



POESIAS

EDIÇÃO 1911

CANTARES GALEGOS



CANTIGAS DE SENTIMENTOS AMOROSOS

1

Todos me dizem que acabo
Que logo me leva o ar;
E a culpa tem-ma um nuveiro¹
Que se me pôs no lugar.

2

Deus che pague a tua esmola
Carinha de repinaldo²!
Não che cuidei que tivesses
Coraçãozinho tão brando.

3

Quem fora reichinho ruivo³
Pra cantar na tua figueira
Pra não sair do teu horto
E aninhar na tua silveira.

4

Ai! vi-o, e que não o vira
Pra vê-lo ali, qual o vi!
Que inda me dói a espinhada
Que lá dentro eu senti!

5

Bem te vi no alto do monte
Meio envolta pela névoa
Que figuravas a Virgem
Baixando outra vez à terra.

¹ Nuveiro: espírito maligno

² Repinaldo: variedade de maçã

³ Reichinho ruivo: pássaro, também chamado papo-ruivo.

6

Como o pássaro, no ninho,
Como a truita, no remanso,
Assim me tens, minha nena⁴
Quando te tenho ao meu lado.

7

Ontem, cantando no prado
Muito, muito te queixaste!
Que che passou, meu consolo
Pra que assim triste cantasses!

8

Chamou-me desamorado⁵
Uma moça que eu cortejo
Bem se vê que ela não sabe
Como o coração eu tenho!

9

Tenho um galá aloucado
Parece que anda coa⁶ Lua
Ora, não sai do meu lado
Ora, nem de mim se cuida.

10

Fize-lhe a rosca do galo⁷
Em quantos sítios a vi
Disse-lhe o demo* e a nana*⁸
E sempre o tempo perdi.

⁴ Nena: rapariga, moça, menina.

⁵ Desamorado: sem amor, com desamor.

⁶ Coa :com a

⁷ Rosca do galo: galanteio arredor como o galo com a galinha, cortejar.

⁸ O demo e a nana: o diabo e a nana, frase feita que significa "muito".

11

Muitinho* levo chorado
Por ti, meu bem, bem o sabes;
Mas, Deus che* valha, por isso;
Que ainda de mim te lembraste.

12

Qual as ondinhas do mar(e)
Morrem beijando na areia,
Assim, querida, contigo,
Assim finar-me eu quisera!

13

Se visses qual me tratalha⁹
Ver-te com outros falando,
Verias quanto te quero
E o mal que sabes pagar-mo.

14

*Dês-que não vejo o meu bem
Tenho o coração coberto¹⁰;*
Quando a vê-lo eu voltarei
Minha Mãezinha do Céu?

15

Ai! Luzeirinho galano*
Que de lá cima vê todo,
Olha-me se a minha moça
Fala ou não fala com outros!

⁹Tratalha: angustia, comove, cobre o coração de pena. Gelar o sangue, desalentar.

¹⁰Trecho em cursiva correspondente a uma canção popular.

16

Jurei cem vezes deixá-la...,
E não há vez que a tropece
Que para ela mais não olhe
E a ela mais não me acheque.

17

Ao pé de um tojo que fosse
Sendo contigo, velhinha,
No monte, como a laverca¹¹
Amanhã o ninho eu faria.

18

Não saias ver-me até à porta
Quando prà cova me levem;
Que, pra te ver mulher de outro,
Não quero que me despertes!

19

Desde que uma rapariga
Não quis dar-me do seu jarro
Tenho uma mágoa comigo
Que me tem sempre apenado.

20

Esta noite hei-te de ir ver
Deixa-me a porta achegada,
E cata¹² que não te sintam,
Nem nos pilhem na engrelhada¹³

¹¹ Laverca: pássaro cinzento que faz o ninho no chão. Cotovia.

¹² Cata: olha, observa cuidadosamente.

¹³ Engrelhada: enredo, trama.

21

De me fiar, numa festa,
De um rapazinho atrasnado¹⁴
Chorei os sete chorares,
E chorarei não sei quanto.

22

Tenho no peito um inferno
Desde que te conheci;
Como tua mãe não abrande
Não sei que vai ser de mim.

23

Há uma moça na Chaira¹⁵
Que me tem louco de todo.
Sei que ma cangou o diabo!
Sei que me viu um mal de olho!

24

Sei eu de um namoradinho
Que levou todo um inverno
Como a silva degolada¹⁶
Que beija a água no rego.

25

Deixa-o, me diziam todas,
Quando à porta me cucava¹⁷
Deixa-o, deixa-o! Quem pudera!
Não se faz como se manda

¹⁴ Atrasnado: como o trasno ou diabo benéfico, pícaro ou joguetão.

¹⁵ Chaira: Terra Chã, comarca da meseta ao Norte de Lugo, perto de Mondonhede.

¹⁶ Degolada: com a cabeça caída, inclinada.

¹⁷ Cucava: fazia o sinal do cuco (cu-có), pássaro primaveral que põe ovos em ninhos alheios.

CANTIGAS DE PARRAFEIO¹⁸ DE MOÇOS E MOÇAS

26

Não voltes a ter-me o pé¹⁹
Trás de sebes e valados,
Se queres que a mão che aguarde²⁰
Fala-me onde adoitamos²¹

27

Não venhas com que me queres,
Andando tanto em parolas²²;
Que água que muito se parte
Não mata sede nem molha.

28

Não me olhes com esses olhos
Com esses olhos de serpe;
Olha-me cos²³ churrusqueiros
Que sabes pôr quando queres.

29

Se queres falar comigo
E queres não ver-me torto²⁴,
Hás-me de andar, 'nha²⁵ pequena,
Como a galinha cos* ovos.

¹⁸ Parrafeio: conversa amorosa entre moços e moças, fala de galanteio.

¹⁹ Ter o pé: para-me, deter-me.

²⁰ A mão che aguarde: que não tenha medo, que espere confiada.

²¹ Adoitamos: temos costume.

²² Parolas: palavras, falas.

²³ Cos: com os olhos alegres, namoradeiros.

²⁴ Torto: torcido, opôsto.

²⁵ 'Nha: minha

30

Não tardes tanto no peche
Catuja, se queres ver-me;
Acaba a rocada, e vamos,
Se onde ti queres que fique

31

Se queres que leve o fato
E cho* leve até Seselhe,
Hás-me trazer de Castela
Pra²⁶ o justilho, os agulhetes²⁷.

32

Bonita, é como os anjos;
E fresca, como a espadana;
Que mais há ter a santinha
Que meu santinho me chama?

33

Moça da face branquinha,
E do corpo girifeiro²⁸
Ditoso de mim, ditoso,
Ditoso, se é que te levo!

34

Tenho-te diante mim sempre,
Diante mim sempre, meu pombo;
Diante mim, quando te vejo;
Diante mim, quando te sonho.

²⁶ Pra: para

²⁷ Agulhetes: cordão de couro para atar, que se passava com uma agulha grande.

²⁸ Girifeiro: alegre, atrativo, com graça de movimentos.

35

Não sei como agora voltas
Com os contos de algum dia!
Para que, então, me tiveste
Desde a tua marcha, esquecida!

36

Tão aqueladinho²⁹, moça,
Me deixaste ontem à noite,
Que inda que a morrer me ponha
Voltara a vir ver-te em hoje!

37

Não porfies com que fale
E che* diga o que eu tenho;
Quando não o adivinhaste,
Não podes dar-me o que eu quero.

38

Não vires de lado os olhos,
Nem torças, menina, a cara;
Não arredes a quem roga,
Porque che* quer pela alma.

39

Hei de ir à fia³⁰ esta noite,
E hei de matar o candil,
E hei-lhe maçar a cotena³¹
A um *majo*³² que campa ali.

²⁹ Aqueladinho: com muito aquel, enfasiado, com fastio, triste.

³⁰ Fia: fiada, lugar onde se fia o linho e se reúne a gente.

³¹ Maçar a cotena: bater, espancar, dar uma malheira, malha ou surra.

³² Majo: castelhanismo que significa moço agraçado, orgulhoso, conquistador.

40

Não quero moça que tenha
Quem a tropece na vila,
Inda que conte fanegas
E ande bem fresca e bem limpa.

41

Não quero moça que tenha
Quem lhe tropece na vila;
Mas também não a queria
Dessas que há minha-joiinhas³³

42

Não quero moça xarela³⁴
Nem come-santos, nem xota³⁵;
Quero mocinha que saiba
Termar de todas as cousas

43

Não volta o rego à fonte
Nem à mão a pedra solta;
Nem a ser como Deus manda
Volta a que perde a vergonha.

44

Assim que os querem as moças,
Depois que as moças os querem,
Assim que os querem as moças,
A tudo os moços se atrevem...

³³ Minha-joiinha: delicada, melindrosa. Um minhajoia, também é um infeliz.

³⁴ Xarela: pessoa descarada e de pouco critério.

³⁵ Xota: de carácter rudo, áspera, bruta.

45

Fui à fia aturujando³⁶,
E quis eu botar por ela³⁷,
E puseram-me o lombinho
Molinho, como a manteiga!

46

Para que disseste, dianho³⁸,
Que tinha cara de rosa...?
Desde então, se eu te vejo,
Dá-me assim como vergonha!

47

Faz-mas e bravas, meu Tonho*,
Mas vem... e, com duas falas,
Ainda que seja de noite,
Deixa-me como umas Páscoas.

48

Vaia!, que não tornas pouco
Da tua figueira, valeca³⁹!
-É-che* segundo, meu homem,
É- che* segundo a quem seja.

³⁶ Aturujando: dando aturujos, gritos guturais fortes que lançam os moços.

³⁷ Botar por ela: frase feita que indica presumir, brindar por alguém, atrever-se.

³⁸ Dianho: eufem.pop. Diabo (aqui referido ao moço como insulto carinhoso)

³⁹ Valeca: moça habitante do Vale (Vale de Lourença ou Mondonhedo)

CANTIGAS DE SANTOS E DE CREGOS

49

Ai! meu Santo António bento,
Como me cases ogano*⁴⁰,
Hei-che levar a candeia
Como o fungueiro⁴¹ dum carro.

50

Vem-te comigo, menina,
Vem-te comigo ao São Câmpio⁴²
Vem-te comigo, menina,
Que che* hei de pôr o Santo⁴³.

51

- Senhor Padre, vou Prà sega,
Tenha-me de olho a Marica.
- Vai-te e descuida, meu João,
Que hei vê-la todos os dias.

52

Tenho casinha de meu⁴⁴
Tenho pão pra todo o ano,
Tenho dona que me preza,
Nem pelo crego⁴⁵ me cámbio!

⁴⁰ Oganho: Neste ano, o ano presente.

⁴¹ Fungueiro: estadulho, vara lateral do carro de vacas tradicional

⁴² São Câmpio: célebre romaria em Fazouro, no concelho de Foz.

⁴³ Pôr o Santo: benção com a figura do Santo que se beija, aqui em sentido figurado com segundas intenções.

⁴⁴ De meu: da minha propriedade com posse exclusiva.

⁴⁵ Crego: pop. Clérigo, padre, cura.

CANTIGAS DE MALDIÇÕES, ESCARNHOS E SÁTIRAS

53

Deus queira* que tu não aches
Nunca pra ti mãos abertas,
E que, mal morto de fome,
Te comam os cães e as pegas.

54

Por muito que te cuspinhes,
Gata mamada do demo⁴⁶;
Por muito que te cuspinhes,
Para casar, não te quero.

55

Porque não a quis por sogra,
Fadou-me mal uma meiga;
Caíam-lhe entrambos os olhos
Antes que tal fada veja.

56

Permita Deus que te vejas
Como os coios⁴⁷ dos caminhos,
Que se não 'stão enterrados,
Pra baixo sempre vão indo!

⁴⁶ Demo: demónio.

⁴⁷ Coios: pedras redondas.

57

Veio o godalho⁴⁸ e levou-me
Quanta grã tinha na casa...!
Deus faça que lhe aproveite
Como aos cães a ferranha⁴⁹!

58

Val' Deus que nunca tiveste
Que limpar, como tens ares;
Que se o tivesses, já o diabo
Podia vir temperar-te.

59

Es como essas ginjas⁵⁰ bravas
Que a todos os olhos gostas,
E, quando querem provar-te,
Pra ninguém tens mais que agruras.

60

Vês o cachopo⁵¹ que eu tenho
Pra colgar o milho à porta?
Pois, como ele, nada vales,
Não sendo se algo che* colgam.

⁴⁸ Godalho: aguazil que cobra os tributos. Também significa bode.

⁴⁹ Ferranha: ferrugem, erva má do trigo ou aveia.

⁵⁰ Ginjas: fruto amargo semelhante à cereja, bom para licores de água-ardente. No original: *guindas*.

⁵¹ Cachopo: toco seco de árvore, tronco de árvore, normalmente castanheiro.

61

Sem ter a que, vais à vila,
E lá tomas sempre a parva⁵²...
Já veremos pelo agosto
Quantas medas pões na aira^{*53}.

62

Como uma rosa es tu, Rosa,
E és boa como o bom pão;
Mas, como isso não faz pote⁵⁴,
Todos deixando-te vão.

63

Andas como as cabras ceivas,
Aqui chouto, lá me deito...
Hão che háo faltar cães ou ranha⁵⁵
Mentres che dure o pelelho.

64

És como os tojos do monte,
Que, até quando abrigo dão,
Por muito tento⁵⁶ que um leve
Sempre cravam o espinhão.

⁵² Parva: alimento ligeiro pela manhã, ou bebida, preferentemente água-ardente.

⁵³ Aira: (dialetal), eira do trigo, pátio liso ou terreiro para trabalhos de lavrança ao pé da casa rural. Área de terra batida onde se malham, trilham e limpam cereais e legumes.

⁵⁴ Pote: caldo galego do pote ou comida de colher em geral.

⁵⁵ Ranha: planta silvestre dos montes.

⁵⁶ Tento: cuidado.

65

Os cravos que cuido eu
No meu cumprido craveiro,
São vermelhos, bem vermelhos,
Que o vermelho é o primeiro.

66

Casei com uma viúva,
Cuidando que fosse fina,
E vi... *que o sapo esmagado*
Sempre escarranchado^{*57} *fica.*

67

O querer das festejeiras,
Faz como a flor do guindeiro*,
Que, quando mais tem de dura,
Dura dous dias e meio.

⁵⁷ Escarranchado: dito pop. "Com as pernas muito abertas". Escarrapachado.

CANTIGAS DE CONSELHOS

68

À força de jeito e voltas
Ao cabo fui-a colhendo;
Para as moças é boa a manha,
Se acertas chegar a tempo.

69

Guarda o pradinho que levas,
E guarda-o bem noite e dia;
Que se uma volta te furtam,
Hão-che pascer* a outonia⁵⁸.

70

Não te importes por se chove.
Que, se chove, há de parar;
E, se não para..., do couro
A água não há passar.

71

Se como vemos os rostos
Víssemos as intenções,
A mais de quatro galinhas
Viam-lhes os esporões.

72

Quando te afogue uma mágoa,
Nunca a ninguém o confesses;
Que nunca um toparias
Que o teu segredo guardasse.

⁵⁸ Pascer a outonia: literalmente, o gado vai comer a erva do outono no campo. Em Mondonhedo é cláusula que significa infidelidade da mulher própria com outro.

73

Deixa-te de panjolinhas⁵⁹
Que estes não são tempos velhos;
Deixa-te de panjolinhas,
Que, abofé⁶⁰, perdes o tempo.

74

Porque hoje campos sem lacra,
Das que a tenham não te rias;
Que, quando menos se pensa,
Come o raposo a galinha.

75

Cereja que em pola* baixa
E ao pé de um caminho esteja,
Não se vê nunca em nenhures
Que tardem muito em comê-la.

76

Truta que muito se amostra⁶¹,
Logo vai dar à tigela;
Olha o que fazes, rapaza,
Que andas da feira pra a festa.

77

Se queres, moça, guardar-te,
Não 'speres a noite fora;
Que a lentura de entre luzes
Às solteiras não é boa.

⁵⁹ Panjolinhas: vilancicos, canções de meninos. Também indivíduo cuitado e ingénuo.

⁶⁰ Abofé: a boa fé, com certeza.

⁶¹ Amostra: mostra No original: *amosa*.

78

Rapazas que tras o riso
Vais até o cabo da terra,
Olhade bem que há risadas
Que trás si cem choros levam!

79

Olha como andas, Maruja,
E não esbares que há lama;
Que, a que na lama tordeia⁶²,
Sempre nela se emborcalha⁶³.

80

Renega como do diabo
De aquelas mija-morninhas⁶⁴,
E não lhes tripes* o rabo,
Que são como delonzinhas⁶⁵.

81

Ai! minha moça, ai menina,
Olha o caminho que colhes!
Ai!, olha que andas nas beiras
Do de mais báguas pra as pobres!

82

Enquanto tive que dar(e),
Vinhame-me ver os vizinhos;
E agora, por não topar-me,
Torcem de longe o caminho.

⁶² Tordeia: dá um traspé, cambaleia.

⁶³ Emborcalha: chafurda, mancha, fica suja.

⁶⁴ Mija-morninhas: literalmente "mija quentinho" e figuradamente: delicada, melindrosa, que morde pela calada

⁶⁵ Delonzinhas: dialetal mindoniense por donizelas, doninhas, mustelídeo carnívoro e mito popular.

83

Bom é ter muitos amigos,
E que por de bem a um tenham;
Mas, quando chega um aperto,
Val' mais sempre uma *marela*⁶⁶.

84

Posto no bico das socas
Pôs-se-me a mim um parente;
Não se pôs enquanto tiverem
Polpa em que ele meter dentes!

⁶⁶ Marela: moeda de ouro. Também pode ser uma vaca ou o valor de uma vaca.

CANTIGAS DE MARINHEIROS (MARUJOS)

85

Não saíades, marujinhos,
Que brua o mar em Burela!
Marinheiros, não saíades,
Que os marçalinhos⁶⁷ já ventam!

86

Pra fazer bem a costeira⁶⁸,
Marujeirinhos rinlegos⁶⁹;
Para... botar contas em porto,
Marinheirinhos fozegos⁷⁰.

87

Vão as lanchas à sardinha,
Que esta noite há escurada⁷¹.
Deus lhe-la dê de boa sorte
Pra matar a Reganhada⁷²!

⁶⁷ Marçalinhos: ventos e temporais de março. Burela é hoje porto pesqueiro importante da Marinha.

⁶⁸ Costeira: tempada de pesca de uma espécie de peixe, especialmente da sardinha e do bonito.

⁶⁹ Rinlegos. Naturais do antigo porto de Rinlo, na Marinha de Lugo, grandes trabalhadores do mar.

⁷⁰ Fozegos: naturais do porto de Foz, na Marinha lucense, pátria do adaptador. Bons marinhos e faladores.

⁷¹ Ecurada. Período de escuridão total, boa para pescar à ardora os peixes em bancos ou cardumes.

⁷² Raganhada: metafórico por fome na expressão feita "fome reganhada", fome grande, fendida.

CANTIGAS DE LEMBRANÇA DAS ALDEIAS E
DA MOCIDADE

88

Com casar como eu quis,
E ter eu o céu em casa,
Não há noite que não lembre
As noites de moinhada.

89

Não quero a vida da vila
Assim folgada ma dessem;
Quero ir e vir pelos pousos⁷³
Ao sol e ao ar pela aldeia.

90

Batei-me ares, batei-me;
Batei-me ares da serra;
Que aqueles bafos da vila
Botando-me iam na terra.

91

Ai! quem dera no meu souto
Que há junto da minha casa!
Ai! quem dera com as moças
Com quem pouco há brincava !

92

Auguinha, a da minha fonte!
Mainço⁷⁴, o da minha veiga!
Moças, as da minha rua!
Sinos, os da minha igreja!

⁷³ Pousos: pousadoiros, lugares onde se pouso o peso para descansar

⁷⁴ Mainço: milho.

COPLAS DE LOUVANÇA DA ALDEIA E
MENOSPREZO DA VILA

93

Guarda a gaitinha, gaiteiro;
Volta-te tocar pra aldeia;
Que os vilegos, desleigados
Ja estojam⁷⁵ as moinheiras!

94

Val mais uma sede de água
Da fontinha do meu souto,
Que quanto os vilegos tenham
E isso que têm de tudo.

95

Não tenho lençóis de linho,
Nem palha limpa no leito;
Mas tenho teias na arca,
E ao pé da meda um palheiro.

96

Queixam-se as pimpinelinhas⁷⁶
De nascer entre as silveiras;
Chamando, como lá chamam
Não sei por que elas se queixam!

⁷⁵ Estojam: sentem nojo, desprezam.

⁷⁶ Pimpinelinhas: florinhas silvestres

97

Ainda que sou da Montanha
Ando eu bem limpa e fresca;
Que ainda que sou da Montanha
Não sou dessas carracentas⁷⁷.

98

Minha mãe quer umas socas
Branquinhas de abedoeira*;
Mande-mas vir de Vilalva⁷⁸,
Daquelas que há de chinela.

99

Pra palique⁷⁹, as da Montanha;
Pra ferver logo, as valecas;
Pra frescura, as da Marinha;
Pra querer bem, as vilegas.

100

Não quero viver na vila
Na vila de Vilanova⁸⁰
Que por bem santos que sejam,
Não quero frades à porta.

⁷⁷ Carracentas: pouco limpas, com carraças, parasitas.

⁷⁸ Vilalva: Vila Alva, vila central da Terra Chã.

⁷⁹ Palique: fala, paleio

⁸⁰ Vilanova: Vila Nova de Lourençã, próxima a Mondonhedo, com antigo mosteiro medieval.

101

Nunca tu seques fontinha,
Fonte da Ponte Pousada⁸¹
Fonte à que fui muitas vezes,
Coa minha moça galana⁸²

102

Nunca sequinha te vejas.
Fontinha da Ameixoadá⁸³,
Onde eu lavei tantas vezes,
A minha carinha branca.

103

Nunca tu seques fontinha,
Fontinha da Ameixoadá,
Onde eu bebi tantas vezes
Onde eu lavei tanto a cara.

104

Atalho dos Pedregás⁸⁴
Quem dera que me falasses,
Para ouvir os quatro contos
Palharegos⁸⁵ que tu sabes.

⁸¹ Fonte da Ponte Pousada: localizada em Mondonhedo, perto do Matadoiro.

⁸² Nena galana: rapariga bonita, mocinha que é um galano ou prenda.

⁸³ Fonte da Ameixoadá: no lugar da Campã, nasce ao lado duma grande pedra redonda, perto da aba do monte Pombeiro.

⁸⁴ Pedregás. Terras mindonienses em Pelourim ou Argomoso.

⁸⁵ Palharegos: de palheiro, de casa de aldeia, rústicos.

105

Deixa-me ver, névoa moura,
Deixa-me ver bem a Granda⁸⁶
Deixa-me ver em que volta,
Um meigo ruivo me aguarda.

106

Sei de uma pícara⁸⁷ em Quende⁸⁸
É como um sol espelhante;
Ou não é caste de moles
Ou com ela hei de ajeitar(e).

⁸⁶ Granda, gandra, gândara. Aquí, encosta e volta grande na estrada que sobe de Mondonhedo à Gesta.

⁸⁷ Pícara: menina, em dialetalismo mindoniense, referido a gente de pouca idade. Aquí: uma moça nova.

⁸⁸ Quende: aldeia do Alto da Gesta, chegando a Abadim de Mondonhedo.

CANTIGAS DE LOUVANÇA DA MARINHA
E MENOSPREZO DA MONTANHA.

107

Dai-me onde o mar uma cova,
Dai-me minchinhas⁸⁹ e lapas
E dou-vos todo, todinho,
Quanto se dá na Montanha.

108

Quem mora cá na Marinha,
Tem cara ao mundo as janelas;
Quem mora lá na Montanha,
tem-nas... também; pero pechas.

109

Na Marinha no 'há⁹⁰ morrinha⁹¹;
Na Marinha no 'há pão mouro;
Na Marinha no 'há quem sinta
Pesar pelas medras de outro.

110

Uma rochinha do Cabo⁹²
Que cobre o mar nas marçadas,
Val' mais que todos os picos
E veigas que há na Montanha!

⁸⁹ Minchinhas e lapas: moluscos do mar, pequenos caracóis marinhos, o marisco mais modesto.

⁹⁰ No 'há: não há, (exigência métrica)

⁹¹ Morrinha: saudade, lembrança triste da terra de origem de longe.

⁹² Cabo: o único cabo salientável da Marinha é o Cabo de Burela. O resto é Golfo do Masma.

CANTIGAS DOS COSTUMES E DAS FESTAS

111

Como e bebo, e durmo e folgo,
E bailo e brinco coas* moças;
Não pode ninguém dizer-me
Que faço eu poucas cousas.

112

Minha casinha, meu horto,
Meu cajigo⁹³ e meus loureiros,
Parte-me a alma o deixar-vos
Mas não tenho mais remédio.

113

Ou não hão dar leite as cabras,
Ou não ter fio o foucinho,
Ou hoje o galo do Coto
Ha-se comer nos Moinhos⁹⁴.

114

Pus-lhe eu preto a um vizinho
Pelo derrego de um leiro⁹⁵
Comer, comeu todo a cúria,
Mas amolar⁹⁶, amolei-o

⁹³ Cajigo: dialetal mindoniense aplicado a árvores como a azinheira ou castanheiro muito novos.

⁹⁴ Coto e Moinhos: Coto da Recadeira e Os Moinhos são bairros da antiga cidade bispal de Mondonhedo. Esta quadra refere-se à corrida do galo, divertimento de que se ocupa no primeiro poema da ed. 1930.

⁹⁵ Leiro: pequena terra de lavoura. Leiras (idem a apelido do poeta) são pequenas propriedades agrárias. Fazer um derrego é delimitar com um rego a propriedade, deslindar.

⁹⁶ Amolar: abrandar. Aquí tem um significado de desgostar, afiar, maçar, aborrecer.

115

Anda raseira a laverca,
E o vento vem da Montanha;
Vai-te correndo, meu Pepe,
Que vai-nos vir logo a água.

116

Vai-te, barruço⁹⁷, que venho
Coa^{*98} minha mantela nova;
Vai-te, barruço, da festa,
Que quero dar quatro voltas.

117

Fui a romagem do Conforto⁹⁹
Onde tantos se consolam;
E qual eu fui, tal voltei
Com as minhas mágoas todas.

118

Pus todo o fundo da arca
E fui correndo até a festa;
Ai!, quantas vezes um corre
Trás do que nunca quisera!

119

Não vou, e Deus mo perdoe!
À festa por ver a Santa;
Que vou por ver se tropeço
Com um toleirão* que encanta.

⁹⁷ Barruço: chuva miúda, orvalho.(dialealismo mindoniense)

⁹⁸ Coa: Com a

⁹⁹ Conforto: famosa romaria entre A Ponte Nova e Pastoriça.

120

Ainda ensinas bem a vara!
Ainda vais bem galhoufeiro¹⁰⁰!
Já mo dirás quando aqueçam
As cacholas¹⁰¹ no terreiro.

¹⁰⁰ Galhoufeiro: que arma barulho, que presume, vaidoso, ufano.

¹⁰¹ Cacholas: cholas, pop., por cabeças

CANTIGAS DE COSTUREIRAS E DE XASTRES* (ALFAIATES)

121

Dá-me aqui, costureirinha,
Dá-me aqui, quatro pontadas,
Já que me acabas co' o corpo,
Trai-me a roupinha mendada.

122

Ainda que cousas te digam
Mais de quatro louvadiços¹⁰²,
Pra limpar-se as costureiras,
Não vale qualquer capiço¹⁰³.

123

Dizem que as costureirinhas
Não sabem querer ao jeito;
Ai! sabem, sabem; não sabem
Querê-las os galanceiros¹⁰⁴.

124

No coser todas são umas,
Todas fam bem a pontada;
Mas a apertar...nos remates
Não há quem ganhe às de Masma¹⁰⁵.

¹⁰² Louvadiços: que se louvam, que querem fazer méritos.

¹⁰³ Capiço: trapo, farrapo, pedaço de pano.

¹⁰⁴ Galanceiros: galanteadores, pretendentes de uma moça.

¹⁰⁵ Masma: paróquia de Mondonhedo, por onde passa o rio Masma, que desemboca na Ria de Foz.

CANTIGAS CONTRA OS MURMURADORES

125

Como te vê's com camisa
Já cuidas que és grandeza;
Não sai o tojo de tojo
Por floreado que esteja.

126

Mulher que, quando se queixa
Abre as ventás¹⁰⁶ pra que a ouçam,
Poderá ser comenência¹⁰⁷
Mas não será nunca boa.

127

Quanto mais bouram¹⁰⁸, mais calo
Que o ter razão vale sempre;
E se não val, Deus me valha!
E bourem quanto quiserem.

128

Nada che* vale que espelhes
Nem que te ponhas tão *maja*
Se não dominas a língua...
A língua que tens tão gafa.

¹⁰⁶ Ventás: janelas

¹⁰⁷ Comenência: vulgarismo por conveniência, algo ou alguém que convém, que é de proveito económico.

¹⁰⁸ Bouram: armam barullo ao falar, gritam, murmuram

129

Tenho vizinha uma choia¹⁰⁹
Que me tem sempre na língua;
Que farei para que cale,
Ou só conte o que ela saiba?

130

Sempre foste um bom badua¹¹⁰
Sempre andas tocando a choca¹¹¹;
Mentres não che andem co's* dentes,
Não sabes calar a boca!

131

Para chufar¹¹² vales ouro
Ninguém che põe o pé diante;
Porém se o grilo não grila,
De nada as chufas che* valem.

132

Quanto chufas¹¹³, montanhesa,
Com quatro medas na aira*...!
Pois a mim, menos me basta
Tendo frescura na cama.

¹⁰⁹ Choia: gralha, mulher murmuradora.

¹¹⁰ Badua: que fala de mais e muito.

¹¹¹ Tocar a choca: tocar o chocalho que levam os animais ao colo, andar enredando, falando.

¹¹² Chufar: dirigir chufas. Louvar exageradamente, falar bem de algo ou alguém.

¹¹³ Chufas: presumes, autolouvança exagerada.

CANTIGAS DE SAUDADE

133

Não se abaneia*¹¹⁴ uma folha;
Todo esta noite está calmo;
Ai! quem pudesse dizer,
Com mão no peito, outro tanto!

134

Negruras, nada mais vejo
Colha pra baixo ou pra cima!
Negruras! E só negruras!
Quem mo dissera algum dia!

135

Pobre de mim que não tenho
Se caio, quem me a mão bote!
Pobre de mim!, que se choro,
Não tenho quem me console.

136

Porque me vejas calada,
Não penses que eu nada peno;
Também calam as ovelhas,
E mais sentem o cuitelo.

137

Todo floresce no maio,
Todo co' maio se alegre,
Não sendo eu, malpocadinha¹¹⁵,
Que um meu pesar não me deixa!

¹¹⁴ Abaneia: abana, move.

¹¹⁵ Malpocadinha: coitadinha, desgraçada.

138

Pra mim as noites são noites,
E os dias, de névoa pecha;
Pra que me dariam olhos,
Se o meu sol ver não me deixam.

139

Colha pra baixo ou pra riba,
Triste vou e triste volto;
Pra mim não há senão penas,
Deus me chame pra si logo!

140

Quem dera, à minha porta,
E ao pé de aquele cajigo*
Onde minha mãe fiava
Vendo brincar seus meninos!

141

Bem vejo a minha casinha,
Por entre os meus castanheiros;
Ai! mas não vejo com olhos,
Que é só com o pensamento!

142

Não me afago nesta costa,
Quero-me ir pra onde nasci;
Leva-me pra lá, meu Fuco*¹¹⁶,
Dói-te uma vez de mim.

¹¹⁶ Fuco: Farruco, Francisco.

143

Não sei que tem no badalo
O sino da minha aldeia;
Se o sinto às doze, relouco;
Se ao anoitecer, dá-me pena.

144

Indo ao moinho, eu olhei-me
Junto à presa, no remanso...
Ai! de mim, que ele me acaba!
Mazmida^{*117} que vou ficando!

145

Lá vão todos para a festa,
Todos lá vão a folgar;
Só fiquei eu, cá sozinha,
Sozinha com meu pesar!

146

Qualquer dia...não acordo!
E oxalá que amanhã seja!
Que esta vida... não é vida,
Pra viver quem alma tenha!

147

Vou-me até à beira do rio,
Que consola ouvir a água;
Porque a água vai dizendo
Tudo passa, tudo passa!

¹¹⁷ Mazmida: masmida, debilitada, consumida, murcha.

148

Embora traidor tu foste
E assim chore eu toda a vida,
Não, home!, não tenhas medo
Que más pragas eu che pida!

149

Pedra sem fala fui sempre,
Pedra que sem dó pisaste;
Mas hei de ser outra cousa
Se não melhoras em diante.

150

Minha mãe, minha mãezinha,
Minha mãe, não sei que tenho!
Que nem na cama eu acougo
Des'que¹¹⁸ rifei com o meigo.

151

Por te ver, muitas noitinhas
Levei detrás do puxigo^{119*}!
Por te ver só!... e tu mentres,
De troula¹²⁰ pelos moinhos!

152

Bote como quiser contas
Todas me saem furadas¹²¹;
Não sei quando há vir o dia
De que uma só bem me saia.

¹¹⁸ Des'que: desde que

¹¹⁹ Puxigo: poxigo, janelinha da porta para ver quem chama

¹²⁰ Troula: festa, diversão festiva.

¹²¹ Sair furadas: dito popular que significa sair mal, obter algo deteriorado.

153

Sempre estou dá-lhe que dá-lhe,
E nunca saio do dia;
Não sei como fam alguns
Pra fazer ceifa em seguida!

154

Como hei ter eu cara branca
Como não a hei ter pedresa¹²²
Se ma roem os coriscos¹²³,
Se ma toldam as rajeiras¹²⁴!

155

Adeus, meus filhos, adeus!
Adeus, chousa dos meus velhos!
Bem sabeis por que me vou!
Sabeis bem por que vos deixo!

156

A noite que adeus me disse
Coma mim, também chorava...!
Foi bem o adeus derradeiro¹²⁵!
Nem que no-lo desse a alma!

¹²² Pedresa: às pintas, cútis branco do rosto que se põe moreno com lunares.

¹²³ Coriscos: chuvascos de saraiva com vento frio.

¹²⁴ Rajeiras: forte raio de sol entre as nuvens, a força do sol ao meio-dia.

¹²⁵ Derradeiro: o último de todos, o definitivo.

TRÍADAS POPULARES

157

Espinho de encruzilhada
Não fales, mentres te abanem
Quantos por onde ti passam!

158

Que xistra¹²⁶ corre, meu Deus!
Não há casinha coberta,
E estou mortinha de frio.

159

Não me espinhes, não, tojinho,
Que abondo espinhado tenho
este meu coraçãozinho!

160

Levaram-ma da casinha,
No ataúde e sem cura...!
E a ninguém segou a vida...!

161

Tens o aquel¹²⁷ das taberneiras,
Que abrem a porta, se chama,
O diabo maior que seja!

162

Depois que os teus adormeçam,
Não me deixes, como possas,
Sem que sequer, eu te veja;

¹²⁶ Xistra: vento gelado com chuva. O vento frio que vem do monte Xistral no Valeadouro.

¹²⁷ Aquel: Aquela cousa, a graça, o jeito, o encanto, a maneira.

163

Sem que, sequer, eu te sinta
Dizer adeus, calandinho,
Desde o fachal¹²⁸ da cozinha!

¹²⁸ Fachal: tragaluz, janela do teto, onde se colocava de noite o facho para alumiar.

CANTIGAS DAS VACAS

164

Muito te quero, vaquinha...,
Mentres me dês o teu leite;
Que o dia que não mo dês,
Levo-te à feira a vender-te.

165

Não tenho lei a ninguém,
Fora da minha vaquinha,
Que me dá um par de canadas
De leite todos os dias.

166

És como as vacas de Galdo¹²⁹
Que sem lhes ter que afalar¹³⁰,
Levam ou deixam o rego
Por um finho de lá.

¹²⁹ Galdo: parróquia próxima de Viveiro nas ribeiras do rio Landrove.

¹³⁰ Afalar: falar aos animais dando ordens para que caminhem.

CANTIGAS DE DESDÉM

167

Querem que queira um toupiço¹³¹
Com cara e corpo de nabo;
Eu busco moça bonita
E de corpinho delgado.

168

Se não apadras¹³² o neno¹³³,
Farruco*, não te perdoo;
Não te perdoo, assim morras!
Já que disseste que é de outro.

169

Deu-ma uma rapaza, e calo,
Que não saem todas boas;
Também ao raposo, às vezes,
Lhe sai a galinha choca.

170

Nunca pássaro fugido
Tornou de seu prà gaiola;
Nem a uma moça que eu quis,
Lhe hei rondar mais a sua porta.

¹³¹ Toupiço: mulher pouco arranjada ou engraçada fisicamente, como uma toupeira.

¹³² Apadras: reconheces como pai.

¹³³ Neno: menino, criança.

171

Que me queres, dizer,...dizes,
E até que comigo sonhas;
Mas tiveste-me uma noite
Chovendo às cuncas à porta.

172

Pudem-che ver as orelhas
Antes de que me adentaras...¹³⁴
Já podes tocar o soco*...!
Quem te pariu, que te lamba!

173

Assim cem cruzes me ponhas,
Nunca mais fé che* hei de dar;
Que, o que uma faz, faz um cento
Se lhe acertasse a calhar.

174

Pedi-te* casa coberta,
E tu com Deus me mandaste;
Que nunca outro mal che* façam!
Que sempre com Deus te mandem!

175

Tirou o vento uma rosa
Em meio de uma lameira;
Muitos a viram *caída*¹³⁵,
Ninguém se chegou a erguê-la!

¹³⁴ Versos que se referem ao dito de ver ao lobo as orelhas, escarmentar, precaução.

¹³⁵ Caída: faz alusão a uma moça (rosa) caída ou que perdeu a honra, nesta formosíssima quadra popular.

176

Bota pra lá, cara suja,
Que junto a mim não te quero,
E antes de dormir contigo,
Durmo com cão de palheiro¹³⁶.

177

Pensas que todas te querem?
Nunca tão galá tu foras!
Pois, hás de ficar com ganas
De que pra ti bem me ponha!

178

Anda! Vai tomar o ar,
Já que és ar, em dares voltas!
Anda!, vai tomá-lo, e vai-te,
Vai-te-me aginha da porta!

¹³⁶ Cão de palheiro: cão sem raça definida, de cor parda ou amarela, resistente, comum nas casas rurais.

CANTIGAS BURLESCAS

179

Levando a moça queavas
Bem podes ir fachendoso¹³⁷ ...;
Des-que lhe mondam a febra,
Qualquer cão apanha um osso.

180

Trabalhar, algo trabalho;
Mas muito não che* me apuro;
Que pau que Deus não engorda,
Nunca sai de carabulho¹³⁸.

181

Tu andaste escolhe, escolhe,
Como quem escolhe as peras,
E levaste a que calhar,
Que a levaste falmaguenta¹³⁹.

182

Quem como tu que casaste
Com mulher bem governeira...
Quem como tu, que topaste
Fermento já na masseira...!

¹³⁷ Fachendoso: satisfeito de si próprio, orgulhoso, ufano, com fachenda ou pesunção.

¹³⁸ Carabulho: pau delgado, pedaço de lenha miúda, gravato.

¹³⁹ Falmaguenta: fruta madura ou passada, farinhenta.

183

Ando buscando um mantelas¹⁴⁰
Que a tudo cale a boquinha;
Mande-mo quem um conheça;
Quem saiba de um, que mo diga.

184

Não che* me colhe de novo
Que me deixes qual me deixas:
Lacazão¹⁴¹ como saíste
Falta-che* mãe mainceira¹⁴².

185

Não te ponhas tão chufona¹⁴³
Por levar vestido novo;
Que outras mais belas se viram,
E logo viram-se em coiro¹⁴⁴.

186

Estimo-te, rapariga,
Como nunca estimei outra;
Que te estimo...igual que estimo
A lama dentro das socas*.

¹⁴⁰ Mantelas: um Joám, sem vontade nem carácter, que se deixe governar.

¹⁴¹ Lacazão: pessoa que não gosta do trabalho, preguiçoso.

¹⁴² Mãe mainceira: mãe com mão-cheia de mainço ou milho, com mão produtiva ou exigente.

¹⁴³ Chufona: presumida, orgulhosa, auto-complacente.

¹⁴⁴ Em coiro: em couro, com a pele ao ar, despidas.

CANTIGAS PICARESICAS (E SATÍRICAS)

187

Não sei para que topei
Contigo, minha santinha!
Não o sei, se não te vejo
Mais que uma vez cada dia!

188

Diz que não posso coas cuecas
Não che* sou o que pareço;
Que ainda che* tenho dentâmia¹⁴⁵
Para me pôr a um enceto¹⁴⁶.

189

Não olhes pra mim, nem chores,
Que agora, moça, já foi;
Trata de armar o burulho¹⁴⁷
Que é primeiro que os pregões.

190

Que outro mais ca* mim te queira,
Não o penses, nem mo digas;
Que eu sempre igual te quisera,
Ainda que em coiro* te vira!

¹⁴⁵ Dentâmia: popular por dentes, dentadura.

¹⁴⁶ Enceto: começo, quando se começa a partir o pão. Aqui com o significado figurado: virgindade.

¹⁴⁷ Burulho: envoltura com pagel, baieta e faixa para o recém nascido. A moça estava grávida.

191

Não sabes bem, queridinha,
que inveja tenho ao luar,
quando pela lumieira¹⁴⁸,
no teu leitinho vem dar.

192

Dia e noite, teço e teço,
E nunca saio de pobre;
Quisera ver-lhes a muitas
O tear em que elas põem.

193

Eram um os nossos corpos
E uma as nossas duas almas...!
Como hei esquecer eu nunca
Aquela aperta apertada!

194

Se hei de botar outra noite,
Há de ser na tua cama;
Que não quero espertar logo
Com as juntas entaladas¹⁴⁹.

¹⁴⁸ Lumieira: janela no teto.

¹⁴⁹ Entaladas: imobilizadas, endurecidas ou fixas.

195

Naquel' burguinho de riba
Detrás de aqueles loureiros,
Como o diabo não a torça,
Hei de topar eu achego.

196

Se tu vais e eu vou contigo,
Então havemos*¹⁵⁰ ter festa;
Então sim que há ser tumbada;
Então sim que há ser inteira.

197

Ai! que sonhei que era miúdo
E que no colo me tinhas!
Ai! e que bem me anainavas
Achegando-me a carinha!

¹⁵⁰ Havemos: no original Leiras escreve *si hemos*

CANTIGAS DE RONDA (DE RUADA)

198

Livre-me Deus de congostas
E pontigos, pra ruá-la¹⁵¹;
Livre-me Deus de mocinhas
Que trás si dous¹⁵² moços tragam!

199

Pela minha corredeira,
Muito te guardas da gente;
Pra vires dessa maneira
É bem melhor que não voltes.

200

Quando tropeço o teu cão,
Põe-se-me rosma que rosma;
Que *judas*¹⁵³ tu lhe fizeste
Pra que já não me conheça?

201

Vás cheia de rir de mim,
De saíres com a tua;
Como te apanhe entre os sucos¹⁵⁴
Hás-mas pagar todas juntas!

¹⁵¹ Ruá-la: andar de ronda, pela rua onde mora a amada.

¹⁵² Dous: dois

¹⁵³ Judas: expressão como que diabo!, sem significado. No original: *xuncras*.

¹⁵⁴ Sucos: sulcos, regos que faz o arado na terra, aqui seguramente de trigo ou milho alto, que ocultam.

202

Não che* volto a vir de noite,
Ainda que me dês o céu;
Que vi andar uma cousa¹⁵⁵
No campo-santo correndo.

203

Na carreirinha da fonte
Dei-lhe uma volta a uma moça;
Nunca tal volta eu lhe dera!
Nunca lhe¹⁵⁶ eu dera tal volta!

204

Esta noite hei de ir de ronda
E hei de ir rondar uma moça,
Que diz que a ronda um valente
Que escorrenta¹⁵⁷ os que a rondam.

205

Mentres que canta que cantas
Andas de riba pra baixo,
Ando eu, trás as silveiras*,
Aqueloutrada¹⁵⁸ acorando!

206

Quando queiras, meu Andruco*,
Vir-me ver pelo puxigo*,
Vem-te por trás do palheiro,
Raseirinho, raseirinho!

¹⁵⁵ Cousa: cousa. Em português mais frequente *coisa*.

¹⁵⁶ Lhe eu: eu lhe, colocação mindoniense do pronome pessoal átono proclítico.

¹⁵⁷ Escorrenta: faz correr, assusta, ecorraça, afugenta.

¹⁵⁸ Aqueloutrada: com enfado, literalmente com aquilo outro dentro, aborrecida, incomodada.

207

Vão três noites que não me abre
A minha escarapulida¹⁵⁹;
Pode que lhe entrasse medo
De que lhe entre eu na cozinha.

¹⁵⁹ Escarapulida: rapariga descarada e de génio vivo. Ou presumida e orgulhosa.

CANTIGAS DE CASAMENTO

208

Em¹⁶⁰ que toda a vida andei
Guardando cabras na Corda¹⁶¹
Ainda sei que, pra casadas
Valem mais as lutadoras.

209

Quis casar com uma moça
Que tinha pão e capelo¹⁶²,
E não pude, por cangar-se¹⁶³
No caminho um vinculeiro¹⁶⁴.

210

Cheguei a cas* do Fidalgo,
Pedindo a filha mais velha,
E deixaram-me na porta,
Sem dar-me fala sequer(a)¹⁶⁵.

211

Eu casar, sei que, casava,
Se fosse pra não ir pra riba;
Mas, casar para a Montanha¹⁶⁶...
Tem-che* muitão¹⁶⁷ que lhe digam!

¹⁶⁰ Em que: ainda que, dialetal e vulgar, *anque*, arcaico, no original de Leiras. Caberia a grafia em-que.

¹⁶¹ Corda: Serra da Corda, pelo Sueste de Mondonhedo, cara à Pastoriça.

¹⁶² Capelo: carrapuchinha, capinha, algo com que cobrir-se.

¹⁶³ Cangar-se: estorvar, por cangas, impedimentos, interferir.

¹⁶⁴ Vinculeiro: herdeiro rico que exerce direitos sobre bens vinculados ao morgadio.

¹⁶⁵ Sequera: sequer, conservado por exigências da rima e métrica.

¹⁶⁶ A Montanha: zona interior ao sul da Marinha e anterior à Terra Chã ou nos seus limites.

¹⁶⁷ Muitão: aumentativo de muito, de uso dialetal mindoniense como "*moitón*", muito, muito.

212

Fizeste bem em buscares
Uma mulher fanegueira;
Fizeste bem; não há nada
Como ter pão na masseira.

213

Agora já pôsso rir;
Agora sim que estou leda;
Que o filho trouxe-me nora
Bem mandadinha e videga¹⁶⁸.

¹⁶⁸ Videga: de bom caráter, de bom viver, videira, trabalhadora, diligente.

CANTIGAS DE MORTE

214

Meu Farruco*, da outra banda
Não te esqueças de volver(e);
Olha que deixas na casa
Filhos, fazenda e mulher(e)*¹⁶⁹.

215

Ai! Morte, quanto já tardas
Em me lewares contigo!
Bem se vê que não te dóis
Das dores dos coitadinhos!

216

Ditosos os que se finam*:
Que lá vão todas as bágoas!
Pobrinhos os que cá ficam:
Que nenhum vive sem mágoa!

217

Muitinhas¹⁷⁰ báguas, muitinhas
Chorei doente daquela*;
Que antes de ver-me aquestada¹⁷¹
Morrer cem vezes quisera.

¹⁶⁹ Volvere e mulhere: levam e paragógico de frequente uso dialetal na zona mindoniense e outras.

¹⁷⁰ Muitinhas: agora é emprego diminutivo de muitas, com valor estilístico afetivo.

¹⁷¹ Aquestada: de aquesta, aqui esta, com o significado de molestada, fastidiada, mesmo desonrada.

CANTIGAS DE DESENGANOS

218

Muitas bágoas, muitos dias
Levei chorando daquela¹⁷²;
Mas...consolei-me; que ao cabo,
Val mais prenhada¹⁷³ que cega.

219

Cegou-me uma vez o demo*
E bem pôde então levar-me,
Que, feito o feito daquela*,
Bem me rolou¹⁷⁴ com deixar-me

¹⁷² Daquela: em aquele tempo, então.

¹⁷³ Prenhada: prenhe, grávida. No original escreve *caída* em cursiva.

¹⁷⁴ Rolou: cantou o canto da rola, enganou-me.

CANTIGAS DE MÃE E DE MENINHO

220

Adeus, meu filho querido,
Meu filhinho regalado!
Ai! quem dera ir no caixão,
Junto a ti pra o campo-santo!

221

Calai, campanas laionas;
Calade, por Deus, calade;
Calai, que se me recorda,
Quando finou minha mãe¹⁷⁵.

222

Tocam a morto em São Pedro,
E chora e laia a menina;
Não é milagre que chore
Orfinha como ela fica.

223

Cala, meu filho!, chorando
Me disse um dia mi madre^{176*}.
Cala, meu filho!, que ainda
Me há dar Deus para ajudar-te!

¹⁷⁵ Minha mãe: no original de Leiras escreve "cando se finou mi madre", com castelhanismo de respeito.

¹⁷⁶ Mi madre: respeita-se este castelhanismo por exigências da rima e o costume mindoniense ancestral.

224

Como as ervinhas do adro,
Que todos vão a pisá-las,
Assim me vejo, mãezinha,
Des'* que¹⁷⁷ a sua sombra me falta!

¹⁷⁷ Des'que: desde que, por exigências métricas. O tratamento tradicional à mãe era de você em 3ª pessoa.

CANTIGAS DE GENTE POBRE

225

Pobrinho e tudo, sou rico,
Que não sou feixe de naide¹⁷⁸;
E muitos, que muito rumbam¹⁷⁹,
Não podem disso louvar-se.

226

Tive casa, pão e gado,
Mas nunca tive governo,
E trás de cem focinhadas
Bem vedes como eu me vejo.

227

Para onde vas¹⁸⁰, minha alminha!
Que te chama de tão longe?
Nao te dói o que me apeno?
Estojas-me¹⁸¹, ora , por pobre!

228

Se tivesses de fanegas
O que che* vem de cortejos,
Outros tua porta rondaram
De outra hora e de outro jeito.

¹⁷⁸ Naide: ninguém, castelhanismo e dialetalismo mindoniense.

¹⁷⁹ Rumbam: Pode significar meter ruído, rumar, fazer rrr...

¹⁸⁰ Vas: vais.

¹⁸¹ Estojas-me: desprezas-me.

229

Venho molhada e pitada¹⁸²,
De andar com gado na serra;
Pobres dos que a minha vida,
Dos que a minha vida levam!

230

Pobre do pobrinho que anda
Pelas portas a pedir,
Se outros pobrinhos não dessem
Onde aquestrar-se e dormir.

231

O pobre não tem padrinho,
Nem porta nenhuma aberta!
Pra o pobre não há justiça,
Se o braço torto¹⁸³ não leva!

232

Andaste-me tu rogando,
E agora dás às corneiras¹⁸⁴...;
Pobre de quem bote contas
Do que no bolso não tenha.

¹⁸² Molhada e pitada: literalmente significa molhada como um pito (pinto) ou frango. É frase feita.

¹⁸³ Levar o braço torto: com um presente.

¹⁸⁴ Dar às corneiras: abanar a cabeça de um lado a outro, como dizendo que não, arrependido.

CANTIGAS SOCIAIS

233

Dorme, meu menino, dorme;
Dorme bem, e não despertes;
Para passar trabalhinhos,
Tempo de sobra hás de ter(e).

234

Tira do sacho, labrego¹⁸⁵,
Turra do sacho e espreita;
Não há faltar quem, folgado,
Coma toda a tua colheita.

235

Lá vão os nossos mocinhos
Passar as penas da sega¹⁸⁶,
Da sega, onde se assam vivos,
Sem provar a água fresca!

236

Não temos pão, meus filhinhos,
Nem há em onde ganhá-lo!
Temo-nos que ir pelo mundo,
Temo-nos que ir a buscá-lo!

237

Já não ficou um mocinho!
Já ninguém rolda uma nena*!
Já não se ouve um aturujo*!
Tudo é tristura na aldeia!

¹⁸⁵ Labrego: lavrador humilde, trabalhador da terra.

¹⁸⁶ Sega: Ceifa, aquí do trigo, em Castela.

238

Muito me querem meus amos,
Meus amos muito me querem;
Por isso me têm descalça...,
Descalça, chova que neve!

239

Quanto trabalhinho temos!
E, para que, minha filha?
Para viver padecendo¹⁸⁷
E morrer numas palhinhas!

¹⁸⁷ Na escrita original de Leiras figura "esgarecendo", com o significado de morrer de fome e padecer.

CANTIGAS PATRIÓTICAS DO MARECHAL

240

Cheguei à Ponte de Ruzos¹⁸⁸,
E ouvi tocar as campanas;
E dei em pensar nas tristes
Que ouviu ali a Marechala*!

241

Ainda se lhe acorda o mundo
No convento à campaneira*,
Que quando repica os sinos
Toca sempre moinheiras!

242

Dês-que a peta¹⁸⁹ lhe botaram
Ninguém mais foi à Frouseira¹⁹⁰;
Só Deus pôs essas florinhas
Pelo entremeio das penas.

¹⁸⁸ Ponte de Ruzos: a famosa Ponte do Passa-tempo, no bairro mindoniense dos Moínhos, onde se diz que membros do clero entretiveram a Dona Sabela de Castro, coirmã da rainha católica e esposa do Marechal Pedro Pardo de Cela, que impediram que chegasse a tempo o indulto da rainha Isabel, pelo que seu marido foi justificado em 17 de dezembro de 1483. A Marechala é a esposa do Marechal Pardo de Cela.

¹⁸⁹ Botar a peta: picar, destruir, com um instrumento de petar na pedra.

¹⁹⁰ Frouseira: Monte emblemático situado entre os concelhos de Foz e Alfoz, em cuja fortaleza roqueira, hoje em ruínas e abandonada pelos poderes públicos, se fez forte o Marechal Pedro Pardo de Cela ante o invasor castelhano Mudarra, enviado pelos reis Católicos, pelo qual se considera o último bastião nunca conquistado e símbolo da resistência do Reino de Galiza. A Frouseira foi entregue por traição de vinte e dous criados do Marechal, quem foi preso e depois decapitado na Praça da Catedral de Mondonhedo.

Frolinhas pequerrechinhas,
E avermelhadas, semelham
Báguas de sangue calhadas
No bico das carrasqueiras.

Florinhas, que, com ser flores,
Caladamente se queixam
De que tanto, tanto, tardem
Em cobrar-se contas velhas¹⁹¹!

¹⁹¹ As contas velhas: são contas que estão pendentes, a vingança pela traição, e a libertação nacional de Galiza. As três coplas podem considerar-se uma única composição estrófica e assim foram repetidas nas Obras Completas de Leiras, editadas pela editora Nós em 1930.



POESIAS

EDIÇÃO 1970

CANTARES GALEGOS
Acrescentados por Franco Grande



CANTIGAS DE SENTIMENTOS AMOROSOS

243

Rolinha que me cativas
E vida e alma me levas;
Se tardei, não é ainda tarde,
Rolinha, como tu queiras.

244

De dia, leva-me a alma
De noite, leva-me o corpo;
A alma trás do meu céu,
O corpo trás dos antojos.¹⁹²

245

Bem sei eu, bem, que me queres
Em* que não sempre mo digas;
Porém também tu bem sabes
Quase te tenho na alminha!

¹⁹² Esta copla aparece manuscrita e riscada no fundo documental da R.A.G. , Biblioteca da sede em Rua Tabernas, 11, Corunha. Figurava junto às que se publicaram em 1911, mas foi publicada em 1970 por Franco Grande. A obra manuscrita original de Leiras Pulpeiro foi doada pela família à R.A.G. e está arquivada ali (C/210, pasta 1a).

CANTIGAS DO CLERO

246

Inda¹⁹³ bem não abri a porta
Passou um corvo gralhando...
Nem que fora o demo* ceivo
Me dera medo tamanho!

247

Diz o meu cura que levo
Pelo que vou, mau caminho;
E tem razão, não há volta:
Melhor é o dele, com trigo!

248

Quando na porta te topes
Com frades que andem de questa¹⁹⁴
Ceiva o cão, se é que morde
E a vaca, se turra, ceiva.

249

Correde aquela, rapazes,
Que se arranja com qualquer(a);
Mas não lixedes estoutra
Que em cas* do Abade governa.

¹⁹³ Inda: ainda..

¹⁹⁴ Questa: questão, pedindo esmola, seja o que Deus quiser..

250

Hei de levar ao São Cosme¹⁹⁵
Como não se espoltre, a égua;
Hei-a de levar com missa
E uma candeia de cera.

251

Não vaias coser pra o cura
Que che* há dar mel e manteiga;
E nunca ali tal mistura
Sentou bem às costureiras.

252

Campana grande dos Picos¹⁹⁶
Muita saudade me dás!
Mas por mim, se eu mandasse,
Cada hora havias soar!

253

Se queres ter algo teu
Faz em tudo como o clero;
Que nunca dá nada seu...
Como não sejam conselhos.

¹⁹⁵ São Cosme: romaria da Montanha, em Galgão, no sopé do Alto da Gesta. Espoltrar é perder o potro.

¹⁹⁶ Os Picos: convento de freires próximo de Mondonhedo em um outeiro ao outro lado do Vale.

254

Tocam os frades os sinos
Para escorrentar nuveiros¹⁹⁷;
Bem eles suam... pra encherem
Pra todo o ano os granceiros¹⁹⁸!

255

Agora que estás de cura
Hás ter bem que dar ao dente;
Só che* falta o coçar-te
Com o lombo nas paredes.

¹⁹⁷ Escorrentar nuveiros: escorraçar os maus espíritos, botar fóra, afugentá-los.

¹⁹⁸ Granceiros: onde se guarda o grã. Em Mondonhedo chamam-se caboços ou celeiros.

CANTIGAS DE MALDIZER

256

Levaram-me o meu filhinho...!
Deus ponha a quem mo levou
Vinte e cinco anos de um lado,
E a gosto, qual me deixou!

257

Maus demónios te comam
A bocadinhos a língua,
Já que não calas a boca,
Demónio de abrindoeira¹⁹⁹.

CANTIGAS DE CONSELHOS

258

Por bem que as moças che* falem,
Por pão que lhes dês às mulas,
Não sendo que tenham solta²⁰⁰,
Não te fies delas nunca.

¹⁹⁹ Abrindoeira: nome de planta, para nós desconhecida. Quiçá abrolho ou abrótno. Abrideira?

²⁰⁰ Solta: atadura para os pés dos quadrúpedes para impedir que corram, diferente da peia (piega).

CANTIGAS DE LEMBRANÇAS DAS ALDEIAS

259

Já não volto à fontelinha
Onde eu a sede matava;
Já não che* volto, que contam
Que lhe enturvaram a água.

260

N'há²⁰¹ como as noites de inverno
No escano* trás da cacheira²⁰²,
Havendo porco, e mais vinho,
E um compadre pra a palheta²⁰³.

²⁰¹ N'há: não há

²⁰² Cacheira: bom lume que arde com chama alta

²⁰³ Palheta: aqui referido a "dar à palheta", ou falar, conversar, e beber.

CANTIGAS TOPONÍMICAS

261

Tal a minha pena era,
E tanto e tanto chorei,
Que a mesma Pena da Roca²⁰⁴
Com o meu pranto abrandei.

262

Diz-me, leiteira de Arrojo²⁰⁵,
Com que aleitas o teu jato²⁰⁶,
Trazendo sempre pra a vila
Jarros de leite tamanhos...?

263

Viva a Montanha que tem
Claro sol...quando ali assoma,
Que muitas vezes, com névoa,
Sai como com carantonha²⁰⁷.

264

Quando no mar me chapuce,
Nadando junto à Borneira²⁰⁸,
Que não me falem de nada,
Que a minha glória é aquela.

²⁰⁴ Pena da Roca: Monte elevado e cónico, ao Sul de Montonhedo. Roca, referido a fiar o linho. Ou Rocha

²⁰⁵ Arrojo: outeiro com um burgo de casas, perto do cemitério novo, indo de Mondonhedo a Loureçã.

²⁰⁶ Jato: cria da vaca, vitelo, novilho. Aleitar é dar leite a mamar.

²⁰⁷ Carantonha: uma máscara ou fazer acenos de desagrado.

²⁰⁸ Borneira: nome de uma praia em Nois (Foz), conhecida pelo poeta. No original de Franco Grande figura "Corneira", mas não há nenhuma praia com esse nome. Existe o monte Corneira ou Corneria.

CANTIGAS DAS FESTAS

265

Fui à feira um vinte e oito,
Por ir coa minha Sabela;
E, sem mercar nem vendermos,
Fizemos senhora feira!

266

Hei brincar o lume novo
Que hei fazer para o São Joám;
E hei de ir pela flor da água
Pra as meigas de mim tornar.

267

As malhegas²⁰⁹ das São Lucas
Hão-che-me ser recordadas,
Que, em* que me tenho por algo,
Bem deitei²¹⁰ de dar às sancas.

²⁰⁹ Malhegas: lutas, paus, surras, golpes com o malhe para malhar o grão.

²¹⁰ Bem deitei: expressão dialetal muito mindoniense para indicar "graças a Deus que saí correndo", menos mal que...", "salvei-me que...". No original figura "bem deixei", o qual é um erro do editor.

CANTIGAS DE COSTUREIRAS E ALFAIATES (“XASTRES”)

268

Costureirinha, que a vida
Passas com cu no ferrado²¹¹,
Bem que te espiles²¹² na festa,
Mas...não ergas o refaixo²¹³.

269

-Que é o que se passa, meu xastre*?
Por que da sorte renegas?
- Renego porque não tenho
Junto a mim as costureiras.

²¹¹ Ferrado: medida de superfície (612 metros quadrados), aqui referida ao pequeno caixão de madeira para medir a quantidade de grã produzida nessa superfície, onde a gente sentava.

²¹² Espiles: divertes, jogas, brincas.

²¹³ Refaixo: roupa interior por debaixo da saia

CANTIGAS DE SAUDADE E COITAS AMOROSAS

270

Dizer o meu mal não pôsso,
Nem pôsso chorar, e apedo²¹⁴.
Nem por mim quer vir a Morte!
E louca já me estou vendo!

271

Prendaste-me, mentireira,
Com a tua cara de rosa;
Mas refugaste-me logo
Co teu coração de loba.

272

Botaste-mas todas ontem
E eu não o tomei a mal;
Mas, se outra vez com tal voltas,
Hei-te, abofé!, de alindar²¹⁵.

273

Estive leda na festa,
e alegre dela saí;
Mas a casa cheguei triste...
Desgraçadinha de mim!

²¹⁴ Apedo: afogo, sinto um nó na gorja.

²¹⁵ Alindar: levar pascendo as vacas pelo lindeiro, atadas. Dar com a vara. Submeter.

274

Não digam que pra o que chora
Tem sempre o céu consolo;
Que bem eu tenho chorado
E pra mim sempre foi xordo!

275

Não me crê nada que eu diga
Uma mourinha que eu rondo.
Não me crê nada, assim jure!
Não me crê nada, e eu morro!

CANTIGAS SATÍRICAS E PICARESCAS

276

Por muito que te cuspinhes²¹⁶
E sacudas a chinela²¹⁷;
Por muito que te cuspinhes
Hás de ficar tu solteira.

277

Chamaste-me comiloa ,
E eu do teu não comerei;
Não sei que me chamarias
Se comesse o que eu te dei.

278

Disse-me meu pãe, que tinha?
E eu calei, sem dizer nada;
Que tem tempo de saber(e)
O bem de Deus que há na casa!

279

Não penses mal, raparigo,
Por ver-me a saia pequena;
Trago-a para andar no monte,
Não pra que as pernas me vejam.

280

Hei de ir contigo esta quenda²¹⁸
Se é que baixas ao moinho,
E hei-che* ajudar a barrê-lo
Que pra isso sou manhosinho.

²¹⁶ Cuspinhes: laves com cuspe, arranjes.

²¹⁷ Sacudir a chinela: meter ruído ao andar, sacudir o calçado.

²¹⁸ Quenda: turno que corresponde a cada vizinho para moer ou usar a água do rego.

281

As moças que aos dezassete
Não lhes cosam aos ferrolhos²¹⁹,
Qualquer poderá chamar-lhes
Flores de alimpas²²⁰ pra os cochos²²¹.

282

Dão cem voltas as abelhas
Pra dar o mel na colmeia;
Mas dou eu mais na procura
Do da boquinha das nenas*.

283

- Abre-me, mulher, aginha!
Que venho um pouco molhado.
- Vai enxugar-te a taberna
Já que ali deixas os quartos²²².

284

Os caminhos da tua porta
Às ceguinhas eu acerto;
Olha se os levo eu andado
Ainda não há mês inteiro.

²¹⁹ Cosam aos ferrolhos: significado desconhecido desta expressão. No original: "*cusan aos ferrollos*".

²²⁰ Alimpas: flores de poda, do chão, de plantas para as cortes do gado.

²²¹ Cochos: porcos.

²²² Quartos: dinheiro, notas. No original "*cartos*".

CANTIGAS DE DESAFIO

285

Já sei que ma tens jurada,
E também que é pra uma feira;
E hás dar ainda uma volta
Antes que a jeito me vejas.

286

Dizem que es igual que os carros²²³,
Que, não os untando, cantam;
E hei-te de untar, assim medre²²⁴!
Mas há ser com aguilhada²²⁵!

²²³ Carros: naturalmente, naquele tempo, carros agrícolas puxados por vacas ou bois, que produzem ruído.

²²⁴ Assim eu medre!: dito popular como um juramento, que significa “assim Deus me valha, a fé minha”.

²²⁵ Aguilhada: vara com ferro na ponta para afalar os animais de tiro. Vara de arrieiro.

CANTIGAS DA MORTE.

287

Vi-a e revi-me em seus olhos
e oxalá que nunca a vira!
Que teve que vê-la morta!
E no seu caixão metida!

288

Deus me leve e Deus me deixe
Dormir o meu sono grande
Sob as ervas do recanto
Onde os meus velhinhos jazem!

289

Que me fica a mim no mundo
Se não te hei beijar cada hora;
Que me fica, que me fica,
Que me fica, minha joia!

290

Tudo é pesar, tudo é luto,
E tudo é chorar em casa;
E tudo é pouco, e bem pouco
Pra o que era nela quem falta.

291

Já nunca mais volto ver-te
Como se, meu bem, morresses;
Agora sim, se eu viver,
Vou saber que são pesares.

CANTIGAS DE CASAMENTO

292

Nos pinheiros gralham corvos
E as pegas entre as gesteiras;
Temos inverno bragado²²⁶;
Casa, se puderes, meiga²²⁷.

293

Cuidando de me ajeitar
Casei com uma viúva,
E se não arredo* a cama,
Bota-me na sepultura.

294

Fiquei como esse ramalho
Que está sozinho na fraga;
Não tenho quem bem me abrigue
Do sol, do vento e da água.

295

Trabalho sempre sem folgo*
Até dar as boquejadas²²⁸;
O diabo! Que ele, meu pobre!
Nem camisinha levava!

²²⁶ Bragado: Branco, como os animais bragados, de pé branco. Com neve e geadas. Inverno duro.

²²⁷ Meiga: bruxa feiticeira em sentido carinhoso. No original, "nena", menina. Por exigências de rima.

²²⁸ Boquejadas: abrir muito a boca para respirar quando um está cansado. Também, morrer ou expirar.

296

Vi-me afogado e chamei
Por todos os meus vizinhos,
E acudiu só a valer-me
Um que não tinha servido.

297

De te trazer a este mundo,
Minha joinha pequena,
De te trazer a este inferno
Nunca me há passar a pena!

298

Não sei como hei de manter
Este meu cagarrosinho²²⁹,
As papas²³⁰ não se lhe dão
E ao caldo torce-lhe o bico²³¹.

²²⁹ Cagarrosinho: diminutivo agarimoso para referir-se a uma criança, um cagãozinho.

²³⁰ Papas: alimento líquido tradicional feito com água e farinha de trigo ou milho, mesmo com centeio.

²³¹ Torce o bico: aparta a cara, não quer, não gosta disso.

CANTIGAS SOCIAIS E CIVIS

299

Ouve missa onde te vejam,
E prega diante os cruzeiros;
Que assim mates ou esfoles,
Hás de ter terra e mais céu.

300

Ainda se hão volver as tornas;
Ainda alguns hão de pagá-las;
Ainda se hão ver quatro peixes²³²
Colgados da Mariscala²³³.

301

Gentinha do Valedouro!
Nem Deus a guarde à sua beira²³⁴,
Que, se calhar, mais cem vezes
Venderiam a Frouseira²³⁵!

²³² Peixes: peixes graúdos, pessoas importantes.

²³³ Mariscala: Marechala; aquí significa o sino da catedral mindoniese que repicou na morte do Marechal Pardo de Cela ou a forte cadeia com que esteve preso antes da sua execução em Mondonhedo.

²³⁴ No original " Nin Dios te garde siquera", de difícil adaptação métrica e de rima.

²³⁵ Frouseira: Monte onde esteve no século XV a fortaleza de Pardo de Cela, entregue aos Reis por traição dos seus servidores. Entre os vinte e dous traidores havia gente do Valedouro ou Valadouro, (Vale banhado pelo Rio Douro). Mais tarde foi proibido a essa gente testemunhar nos julgamentos, por falsa.





POESIAS

EDIÇÃO 1998

CANTARES INÉDITOS

Edição de Ramom Reimunde

302

Mentres no mundo haja carne
Tentadora como esta
Com a cara de santinha,
Com tão luzidas guedelhas,

E com o seio apompendo²³⁶
Como o pão quando leveda²³⁷...
Há se poder rir o demo
De vigílias e Quaresmas²³⁸.

303

Oh! Galiza, minha santa,
Minha musa, minha meiga,
Meu amor, minha terrinha,
Oh! Galiza feiticeira!

Quem pudera viver sempre
No teu chão, Galiza meiga,
Longe, mui longe do mundo,
Na paz do amor, numa aldeia,

Numa casa pequeninha,
Branca, de encarnadas telhas,
Escondida entre a ramagem
De parras e de figueiras,

²³⁶ Apompendo: erguendo, subindo, enchendo até trasbordar.

²³⁷ Leveda: fazer fermentar a massa do pão.

²³⁸ Esta quadra dupla aparece escrita pela mão de Leiras Pulpeiro num postal com fotografia, enviada a Eduardo Lence Santar em data 15 de maio de 1903.

Entre ninhos de passaros²³⁹,
Entre pombinhas roleiras,
À beira de um regatinho
Murmurador...quem pudera!

304

Quem a Deus lhe põe tachas?
-As beatas.
Quem sempre tem bom achego?
-Os cregos.
Quem mais sonha com herdades?
Os frades.

Pois, se os cães não lhes botades,
Já que fazer isso podem,
Bem, Mercês, que vos amolem²⁴⁰,
Beatas, cregos e frades.

²³⁹ Passaros: aqui com acento grave, quando é mais frequente esdrúxulo. Este poeminha em quatro quadras octossilábicas figura em manuscrito autêntico de Leiras, arquivado no Fundo da R.A.G c/210.

²⁴⁰ Amolem: incomodem, prejudiquem. Este texto anticlerical inédito, manuscrito por Leiras, está nos Cadernos negros depositados na RAG e tem por título "Mercedes", melhor Mercês.



QUADRAS DAS OBRAS COMPLETAS

EDIÇÃO 1930

CANTARES GALEGOS



1

Pesam os socos seis libras
E umas socas, quatro e meia!...
Não é milagre que tire
Pelos galegos a Terra.

2

Entre os pobres que gememos,
Ainda o Belemnita reina;
Mas..., com clérigos?...
Entre os cregos, nem se creia²⁴¹!

3

Dá-lhes uma carda²⁴² aos filhos
Galiza, que se che* malvam²⁴³;
Que os há que de ti renegam,
E a fala tua não falam.

4

Matou-se por ter jugada²⁴⁴,
Carro, e chousa, e bens de seu;
E assim que a teve lograda,
deu-lhe a da morte... e morreu.

Ninguém sabe o que vale o trabalho...
Se a Gadanha não vem pelo atalho!

²⁴¹ No original: *¡entre cregos, nin siquera!!!*

²⁴² Carda: admonestação ou reprimenda forte. Cardar é limpar com força o pelo dos animais.

²⁴³ Malvam: que se perdem, que se voltam maus. No original: *malvan*.

²⁴⁴ Jugada: parelha de bois ou vacas para pôr ao jugo no carro ou arado.

5

MOXENA

(Tradução de Manuel del Palacio)

Os amigos verdadeiros
Têm que ser como o sangue,
Que acode sempre às feridas
Sem esperar a que o chamem.

6

Quando as feridas são fundas,
E aliás peçonha levam
Não há que fazer-lhes nada
Mais que cobri-las com terra.

7

Veio ao mundo, abriu os olhos,
Olhou como era esta vida,
Fechou-nos, e deu às ás,
E ala! Que alá!, pra cima.

É que os anjinhos do céu
Aqui na terra não acham
Nem o ar puro que eles querem,
Nem a luz com a que sonham.

NÃO SE FAZ DO MOURO BRANCO

(Dez quadras de escarnho contra a Montanha)

És cadaval pelos cumes
 Nos baixos, fraga famenta,
 Bem podes rumar, Montanha,
 Bem podes botar por ela!

Não sei com que olhos te olham
 Os que te sonham e louvam!
 Nem que os tojos no'espilhassem,
 Nem que as giestas não gafaram!

Nem que os musgientos caxigos
 Se tornassem castanheiros!
 Nem que os pereirinhos bravos
 Dessem maçãs ou pêsegos!

Nem que os nabos cacholaram!
 Nem que ulissem muito as rosas!
 Nem que as tuas gralhas e pegas,
 Pegas e gralhas não foram!...

Não viram que aí, co' a névoa,
 Os mais dos dias são pardos,
 Só bons para, de morrinha,
 Levar a vida engajando²⁴⁵?

²⁴⁵ Engajando: raivando, de má maneira.

Não viram como até a água
Desses quatro maus regos,
Ainda bem não nasce, bota
A fugir pra o val correndo!

Não viram quanto melhor
Canta a laverca de erguida,
E quando, sobe que sobe,
Se alonja das uzes hirtas?

Não viram que nos invernos,
Anda o gado e anda a gente,
Que lhes sobra da dentâmia,
Pelo menos uma renque!²⁴⁶

Não viram que no 'há justiça,
Nem limpeza, nem verdade;
Se não má fe para tudo,
Trampulhadas e cotrame!

Quanto falamos às vezes
Sem pensar o que falamos!
Mas, por muito que se fale,
Não se faz de mouro branco!

²⁴⁶ Renque. Fila (que passam fome). Sobram os dentes porque não há nada que comer.

TRIADAS DAS OBRAS COMPLETAS

EDIÇÃO 1930



1

Quis contar as minhas coitas,
Para desfogar as penas,
Que são muitas, muitas, muitas.

E ao ir, coitado, buscando
Quem o sentir meu sentisse,
Foi meu penar agrandando,

Vendo que, onde cuidava
Seguro topar consolo,
Desenganos eu achava...!

Pobre do que a outros acode
Cobiçoso de sossego
Que só a morte dar pode!

2

Quando por trás do Pombeiro²⁴⁷
Guardando o gado miúdo,
Topo uma moça que eu quero,

Sempre, a comer duas codinhas²⁴⁸,
vamos ao pé de uma fonte,
Que há num campinho lá arriba;

²⁴⁷ Pombeiro: Nome da montanha com forma de castelo, entre a Campá, Abeledo e Figueiras, visível de Viloalhe e Mondonhede. Recebe o nome da sua forma e por criarem nele os pombos.

²⁴⁸ Codinhas: côdea de pão duro que levavam os pastores, pequenas côdeas.

E ali horas mortas passamos,
Contando-nos quatro contos
Num abeiro²⁴⁹, achegadinhos,

Vendo ele a água correndo,
Vendo as folgueiras²⁵⁰ e as uzes²⁵¹,
E vendo, às vezes, o céu!

3

Onde vai a minha nena,
Onde vai o meu anjinho,
Que não me vem dar a aperta²⁵²;

Que não me vem dar a aperta,
Para que colha no colo,
E lhe dé o bico²⁵³ na testa;

E lhe dé o bico na testa,
E mais o par de açoutinhas²⁵⁴
Nas cachinhas de manteiga!

4

Não me tentes coas ferrenhas²⁵⁵;
Que em-que outra cousa figure
Já não vos sou o que eu era.

²⁴⁹ Abeiro: lugar abrigado e escondido

²⁵⁰ Folgueiras: dialetal mindoniense. Designa felgos, fentos, feitos, planta conhecida co nome de feto.

²⁵¹ Uzes: urzes, arbustos silvestres dos montes.

²⁵² Aperta: abraço.

²⁵³ Bico: beijo

²⁵⁴ Açoutinhas: pequenos golpes nas nádegas. Os diminutivos afetivos referem-se a uma criança

²⁵⁵ Ferrenhas: castanholas, soalhas de tocar nas festas.

Já não vos sou o que eu era;
Que se aquel* fosse, troulava
Como algum dia , 'nhas nenas.

Como algum dia, 'nhas nenas!...
Como algum dia em que, tudo,
Tudo, pra mim, era festa!

5

Vagalhões do mar bruantes²⁵⁶,
Quem não se pasme de ver-vos
Não sabe sentir o grande!

6

Não pôsso lembrar-me
De quando queria
Fôlego faltar-lhe!...

Aquelas duas lágrimas
Que, então, nos seus olhos,
Já turvos, tremiam...

Aquelas congoxas,
Pra dizer, já muda,
Quem sabe que cousas...!

Dizê-las não pôsso
Lembrar-me sequer...
Sem pranto e soluços

²⁵⁶ Bruantes: que faz grande ruído, como estas grandes ondas do mar.

Cada hora mais acres,
Segundo da vida
Vou vendo os enganos...!

Que os ocos que deixam
As mães, ao morrerem,
No mundo, n' há nada nem ninguém que os encha!!!

POESIAS

EDIÇÃO NÓS 1930



1
UM GALO¹

I

- i Graças a Deus que chegaram
As festas!

-Já me tardavam,
Pra botar longe a tristura,
E desengueimar² as sancas;
Que co conto da Quaresma,
Tenho-as de tudo engueimadas.

- Dizem que há um galo xebre!³

- Ai!, haverá, que os de Masma
Foram sempre fachendosos⁴,
E hão querer levar a palma.

- Mas, isso haverá que vê-lo;
Que nestas quatro semanas,
Que de aqui ao nosso ficam,
Mau será que não se vão
Vendo alguns para escolhermos
Um que ao seu lhe leve as barbas.

Com estas e outras, saindo,
De agochar-se, da cabana
Da baiuca do da Gesta
Mentres um bulhão⁵ passava,
Cinco ou seis moços da Costa
Iam domingo de Páscoa.

¹ Composição popular sobre um antigo costume ou jogo brutal, a corrida do galo; poema da autoria de Leiras Pulpeiro premiado no Certame literário realizado na cidade de Vigo em agosto de 1910.

² Desengueimar: desintumescer as pernas, estirar as pernas.

³ Xebre: muito bom, superior, escolhido.

⁴ Fachendosos: orgulhosos, presumidos, pretensiosos

⁵ Bulhão: bâtega, chuva forte. Dialelismo también chamado "ballón" e "bullón" no original.

E apanhando por Cornide,
E depois baixando a Granda
Foram cair junto ao Paço⁶,
Onde já soava a gaita
Do Jugo, e a moinheira
Uns dançarinos ponteavam,
E tumbavam os foguetes,
chamando pelas *rapazas*.

II

Na cabeceira de um souto,
Debaixo de um castanheiro,
Que co´ as suas longas polas,
Abertas aos quatro ventos,
Cobria mais do que condem⁷
Sete ou oito ou dez palheiros,
Pra dar a faterna⁸ à gente,
e como dizendo: vede*-o,
Os armantes da corrida
Andavam co galo ceivo,
C´ uma canga que puseram
A uma perna com atrelo⁹.
E bem podiam mostrar-se
Inchados e satisfeitos;
Porque, de altura e de lombo,
Era, sem chufa, um bezerro.
E logo com o seu rabo,
E o papo feitos espelhos;

⁶ Paço, Granda, Cornide, Masma, Gesta, etc. : nomes de lugares próximos de Mondonhedo

⁷ Condem: dão de si, abarcam.

⁸ Dar a faterna: para provocar, para meter-se com a gente.

⁹ Atrelo: fita para atar.

Com as calças e a sua crista,
Vermelha o sangue vertendo...!
Dava pena de que fossem,
Tão rufo e belo, a corrê-lo,
Mas...caíra-lhe a ele a facha,
E não houve mais remédio.
E anasaram-o no fojo¹⁰ ,
 Coberto a meias co bargo¹¹,
Pra que botasse de fora,
Do pescoço, mais do terço;
E os amigos da lareta¹²
Romperam com ele a gritos:
- Quem cho* dissesse ontem à tarde,
Quando, do cacho ao poleiro¹³,
Volteavas entre as galinhas
Cacarejando tão teso!
- Pois, que acadulhe!¹⁴ Que a raiola
Do sultão também tem termo...!
- E, no intre¹⁵ que lhe durou,
Teve o que muitos não temos...!
- Coma-me o Cuço¹⁶!
 - Cegue eu!
- E sem pagar um mau censo!
 E assim, cada um pelas más,
Mataram o escaravelho¹⁷
Até que botaram sortes:
Que, então, todos, correndo,

¹⁰ Fojo: burato, neste caso melhor seria *foia*, dado que não é cova ou caverna para apanhar animais.

¹¹ Bargo: pequena lousa para cobrir o burato na corrida do galo.

¹² Lareta: bulha, falar muito de brincadeira.

¹³ Do cacho ao poleiro: do comedheiro ao pau do galinheiro, de Ceca em Meca.

¹⁴ Acadulhe: aguento, sofra.

¹⁵ Intre: ínterim, intervalo de tempo.

¹⁶ Coma-me o Cuço: expressão asseverativa, como "coma-me o demo", que me coma o diabo...

¹⁷ Matar o escaravelho: sair com a sua, ficar contentes, passaram o tempo.

Se puseram em duas filas;
E começou
- Ai! , laverco!
Sei que pensas que há valer-che*
Calares? (disse o primeiro,
Desde o fite¹⁸) Não sonhes!
Que nem com bula de Meco¹⁹
Livras de mim! E com o soco
Tentando bem o campelo,
Pra ventar onde pousava,
Foi direto cara o galo;
E, quando cuidou que o tinha
Pra soscar-lhe a corpo cheio,
Fincou um joelho²⁰ em terra,
E deu o golpe, mas deu-o
Um sim e não contra a esquerda,
E uma miguinha traseiro;
E, enquanto de bater nele,
Tronçou dous cardos terrenhos;
E todos deram em rir
E aboiá-lo²¹:

- Dou-te ao diabo!
Ná 'haviais ir mais adiante
Cara²² de mama no dedo!
- Ai! hom!, como assim atines
Co ' a cama, quando o Currego
Te entregue a filha, assim medre²³!
Se há ficar sem ver os netos!

¹⁸ Fite: lugar marcado desde onde se olha para o jogo.

¹⁹ Meco: personagem cômica do Entruido ou Carnaval, com significado irónico de burla à bula.

²⁰ Joelho: no original "xeonlo".

²¹ Aboiar: insultar, escarnecer, burlar.

²² Mama no dedo: parvo, idiota, sandeu

²³ Assim medre: juramento que indica "medre eu se isso se cumprir" (no original, *asi eu medre*)

- Vá! Pois vou eu lá agora,
A ver se lhe ganho em vista.
(disse o segundo). E estear²⁴-se,
Que sou um pouco pereno²⁵!
E saiu dando ao ar
Foucinhas a bandeio²⁶;
E andou com cem figuras,
E cem paradas sem jeito;
E acabou perdendo o Norte
Indo a parar num cancelo
Desviado um estadal²⁷...
E Deus! Como ali o puseram!
Se tem vergonha, não volte
A ver galos nem de longe!
- Siga a corrida!
 - Que siga!
- Pois, ala!, adiante! E calemos!
(Farfalharam não sei quantos)
- A quem toca?
 - A este requeno²⁸
Do Casal de Vila Verde,
Que é o que vos vai deixar cegos,
(Falou o tal). Trazei tudo!
Onde está o pano? Ponha-o.
E pôs-se-lhe e deixaram-o.
Começou pintando o bêbedo,
Torcendo um pouco o caminho;
Mas, às dez passadas, volte

²⁴ Estear: proteger, cobrir, apartar. Colocar esteios.

²⁵ Pereno: bruto, temerário, bárbaro.

²⁶ Bandeio: às duas bandas, dando golpes com o foucinho.

²⁷ Estadal: medida de comprimento no agro, equivalente a doze pés. Hoje medida florestal de 2,50 metros.

²⁸ Requeno: home pequeno e valente.

Colhê-lo, cara à direita,
E, qual se os olhos cobertos
Não tivesse, onde cumpria,
Baixou, e zás!...Pelo meio,
O pescoço ao pobre galo
Lhe rabenou²⁹

- Não serve isso!

- Isso não vale!

- Não serve?

- Não, que não somos de Estelo
Pra não entender sinais,
A tossir! Coiro*, rapazes!

E que manhas eles usam!

- Tu sim que és um manhoso...!

- Esteja quanto quiserdes;

Mas não encarta...

Está bom!

- Sei que não andas a gosto
Sem fregas!

- Sim! Qual se deram

Há dous anos, pra ensinar-vos

Cortesia, no Convento...!

E nessa altura, aos colares³⁰

Se lhe botou um porquelho³¹

(É o alcume dos da Costa,

Valinho e o Formigueiro)

E, azeitando, a empurrões

Ou batendo com os pirtigos,

Ali num segundo, armou-se

²⁹ Rabenou: rabanou, segou, cortou (rabenar é cortar o rabo a um animal, que fica rabeno)

³⁰ Colares: colo, pescoço, parte do corpo onde se põe o colar.

³¹ Porquelho: porco-teixo, texugo, aqui referido a um rapaz do monte ou mato, montaraz.

O estardalhaço³² do diabo;
E, fora de poucos, todos
Sangravam como carneiros;
E ao que plantava de guapo
Maçotaram-lhe os cotenos³³,
E tordeia que tordeia³⁴,
Foi cair junto ao centeio;
E houve que atar-lhe a cabeça,
E com vinho dar-lhe alentos...!

III

E dirá alguém: E do galo,
Com tanto aquel, que fizeram?
Pois isso é o que ninguém soubo.
Viram o fojo vazio,
Quando por ele ir se quis;
E nada mais. Só, algum tempo
Depois, correu-se que foram
Aquela noite a cas³⁵ Petos
De esmorga³⁶, cinco rapazes;
Que, ao amanhecer... nos Remédios³⁷,
Ao tornarem pra o seu burgo,
Riam a escachar, desfeitos,
E pondo bem umas plumas
Que levavam nos chapéus...
Mas..., foram faladorias:
Quem sabe o que houve de certo!

³² Estardalhaço: grande barulho, agitação. (No original está escrito "estarabouza", grande ruído)

³³ Maçar os cotenos: malhar a paus, bater muito forte na cabeça.

³⁴ Tordeia: cambaleia, caminha sem firmeza. No original: *tordea*

³⁵ Cas´ Petos: Casa de Petos, casa de alguém que chamavam Petos.

³⁶ Esmorga: festa, comer e beber em grande quantidade.

³⁷ Remédios: bairro que recebe o nome da igreja dos Remédios, no campo da feira de Mondonhedo

2
VOLVER AO VEZO

- Sabes que me soube a mel

Subir à tua maçãzeira!

- Se calasses!

- Ai! Rosinha,

E por que hei calar, se é certo;

E, cada vez que me lembro,

Parece-me que estou vendo

A *cana*³⁸ que eu me colhi,

Pra aganchar!

- Cala com isso...!

- Pois...já calei, mas, diz, logo,:

Quando hemos volver ao vezo³⁹ ...?

³⁸ Cana: pola, ramo da árvore. A cursiva é do original e indica ambivalência, com segundas intenções.

³⁹ Vezo: hábito mau, costume vicioso ou criticável, reincidência.

TAL PARA QUAL

- E logo, que diz, meu xastre*?
 Que hei de amañhar-lhe de almoço?
 -Ai!, senhora, alô você....
 - Háo ser torresmos, ou ovos?
 - Olhe, minha ama: <melhor>
 Lhe é botar tudo revoltó,
 Já que o há, e Deus o guarde!
 - De sorte que sendo sós...?
 - Nem uns nem outros me prestam,
 Nem achei ainda o modo
 De fazer que, sossegado,
 Mos admitisse o meu corpo,
 Não misturando-os ...e muito...
 - E se aos torresmos o couro
 Se lhes quita e se dessalgam?
 Não lhe me prestam, tão pouco;
 Que não há bem oito dias
 Tomei-os por um antojo,
 E seringaram-me muito!
 - É-lhe, assim eu..., muito conto
 Com o dianho⁴⁰ da franqueza!
 - Pois, olhe, não lhe são contos,
 Que é bem certo o que lhe digo...
 - Bom, pois vou catar⁴¹ os tojos,
 Pra num intre a encaldada⁴²
 Ter lista pra dá-la aos cochos*;
 E depois, como apetece,

⁴⁰ Dianho: eufem. Pop. Por diabo.

⁴¹ Catar: buscar, colher, conseguir. De *captare*, capturar.

⁴² Encaldada: comida para os porcos, líquida e quente.

Arranjaremos o almoço.

Dizia ela, quando ia
Cozinhar ao xastre o bródio:
- És bem larpeiro, punhesflas!⁴³
Nunca che saia do corpo!

-Leve-me o velho⁴⁴! Dizia
Ao mesmo tempo: É-che muito!
Como lhes valesse... ao xastre
Davam-lhe palha e caroços!...
E se alampa⁴⁵ um... que se role
Mentres atendem aos porcos!

⁴³ Punhesflas: expressão eufemística por "punhetas".

⁴⁴ Velho: outro eufemismo por "diabo".

⁴⁵ Alampa: arde ou passa fome.

PÃO QUE SE SOLTA...

Os corvos das ideias;
Os que, pra eles triunfar, afogar querem
Doutrinas que hão quebrar muitas cadeias;
Os que roendo latim, sem o entenderem,
Dão pra o céu boletas a mãos cheias,
Vendo que há pouca fé nas argalhadas,
Que inda hoje lhes valem boas talhadas,
Bouram⁴⁶, e com razão: pão que se solta,
Pão perdido pra sempre...e não tem volta!

⁴⁶ Bouram: protestam, falam a gritos.

5
AO QUE RONCA⁴⁷

Se um novo Décio Bruto, com ulanos⁴⁸,
Quiser dominar hoje os nossos povos,
Veria os mansos anhos voltos lobos,
Qual viu já noutro tempo o dos romanos.

Veria que aqui sobram bragaltianos⁴⁹
Pra, igual que as abelhinhas os seus trobos⁵⁰,
Defender até a morte terra e tobos⁵¹,
De não poder vencer, como os cinianos.⁵²

Que se o tempo passou, e há tanto crego
Relaxando na gente, ainda é inteiro
E dado às arroutadas o galego;

E sempre nesses casos é o primeiro,
Como tenha não mais um mau pertego⁵³,
Pra pôr-se cara a cara do estrangeiro.

⁴⁷ RONCA: dorme ou murmura em voz baixa. Este é o único soneto culto de Leiras.

⁴⁸ Ulanos: milícia originária da Ásia que se introduziu na Europa com grande valentia.

⁴⁹ Bragaltiano: termo confuso como nome de tribo.

⁵⁰ Trobos: colmeias

⁵¹ Tobos: tocas, covas, refúgios, casas.

⁵² Cinianos: soldados vitoriosos do General Cinna? Tribo pré-romana de Viveiro.

⁵³ Pertego: pirtigo, pau.

5
PÃO E PAZ

Sem lacra que quite o sono
Com vaquinha e com fazenda
Nas cortes; co outono feito;
Com bem demoucas⁵⁴ e erva
Trás da casa, e co jeitinho
Pra tudo da minha Pepa...
Nem tenho inveja a ninguém
Por alto e farto que esteja.
Que vem o inverno de fumes...?,
Bota-se mão das astelas.
Que o gado não tem lindeiro
Sem neve...?, Vai-se à palheira
E com quatro ou mais braçadas
Sai-se do apuro com cheia.
Que n' há quem rompa por fora...?
Que nem se pode ir por verças...?
Pois... na casinha, a passá-lo
Como se passa se há febra,
E pão e paz; que o mau tempo
Nunca durou muitas quendas⁵⁵;
E a viver, e que nos mate
Deus que nos deu, quando veja.

⁵⁴ Demoucas: podas das árvores cortadas para lenha.

⁵⁵ Quendas: jornadas ou turno em que a um vizinho lhe toca a vez de moer a sua grã ou usar água.

6
À CREGAGEM⁵⁶

Dizem que com raposadas,
Quando não por força, pensas
Pouquinho a pouco ir logrando
Fazer-te dona da terra!...
Se a quem tu rogas botas⁵⁷
Os pilhasse a mais pequena,
Puder ser que visses isso,
Ou, se não, chegares cerca*;
Mas, nem dos braços se tolhem,
Nem se lhes entala a língua,
Quando com paus e razões,
Segundo calhar te batem,
E hão deixar-te, e não tardando,
Sem a que tens, e sem sedas.
E aqui mesmo, onde ontem inda*
Quase quanto há que ser eras
Logo só hão de lembrar-che
O teu valer e grandezas:
Alguma anárquica mitra,
Que hoje nem o seu governa,
E o Cristo do Passatempo,
Que, também, se desse à língua,
Dos que ali o tempo passaram⁵⁸
Diria: malditos sejam!

⁵⁶ À cregagem: aos cregos, ao clero, á padralhada. É vocábulo criado por Leiras (crego + agem).

⁵⁷ Botas: dificuldades, obstáculos, mentiras; também significa sementeiras, tumores e maldições.

⁵⁸ Faz referência aos cónegos que entretiveram, na Ponte de Ruzos ou do Passatempo, Dona Sabela de Castro, esposa do Marechal Pardo de Cela, que trazia um indulto dos Reis para deter a sua morte.

7
SOLIDÃO

Não quero ninguém comigo,
Que estou melhor sem companhia;
Não quero amigos que saem
Todos eles prata falsa.
Deixai-me a mim ir sem rabos,
Vaa ou venha, venha ou vaa,
Sem andar como jungido,
Nem com temperos de gaitas⁵⁹.
Ide-vos todos, e longe,
Que não me faz ninguém falta;
Pois indo bem, vou bem só,
E se a sorte se me troca,
Hei de saber... governar-me
Sem que me ajude uma alma.

⁵⁹ Temperos de gaitas: afinação, cuidado para afinar as gaitas. Andar jungido: sob o jugo, dominado.

CUNQUINHA DELEITOSA⁶⁰

Cunquinha deleitosa,
 Onde tudo floresce, e tudo medra;
 Rincão para os magoados
 Co incenso da maleza
 E a sombra dos seus soutos caladinhos,
 E a água das suas fontes, limpa e fresca...

Botarás algum dia de entre os funchos⁶¹,
 E os infantes⁶² da veiga,
 Tanta lumacha⁶³ moura
 Como nela se topa onde quisera,
 E fugindo do sol, sempre arrastados,
 E a poder de rastejo, a tudo chegam,
 E que tudo che enlimam,
 quando tudo o adentam⁶⁴?...

Deus te livre da praga! E faça logo
 Que o teu vale*, Vatíbria⁶⁵, limpo vejas
 De quantos do teu comem,
 E não aram teu pão, nem nele segam!...

⁶⁰ Cunquinha deleitosa: Referido ao Vale de Mondonhedo, com forma de cunca, que produz leite.

⁶¹ Funcho: funcho, planta verde aromática também chamada anis-doce ou erva-doce.

⁶² Infante: planta da menta, com propriedades curativas contra a urticção. Levante, Bras. Alevante.

⁶³ Lumacha: dialetal mind. : lesma. Enliman com a sua baba.

⁶⁴ Adentam: roer com os dentes. Esta longa pergunta vai referida ao clero (lesmas), pela cor negra, e foi o maior insulto que proferiu Leiras e nunca lhe perdoaram os seus destinatários do clero.

⁶⁵ Vatíbria: Vallíbria, de Valis Briam, Val do rio Brea, cabeçalho de jornal e nome de uma seita secreta. Erro tipográfico do primeiro transcritor, que deveria ser Valhíbria.

9
ASSIM É

Quando a campã⁶⁶ laiona da agonia
Soe logo que eu deixe de alentar,
Pode ser que haja alguém que, pouco ou muito,
Por mim chegue a chorar;
Mas quando ainda os vermes em mim bulam,
Por onde a minha cova passarão,
E, qual se não viesse nunca ao mundo,
Já não me lembrarão.
Ai!, que pouco se sente aos que não têm
Não sendo no montão algum valer,
E que esquecimento, quando a terra
Começou já os seus corpos a comer!...
Mas, assim é o mundo, assim foi e será,
E que chorem, ou que cantem, igual dá.⁶⁷

⁶⁶ Campã laiona: sino que se queixa ou laia, campana que toca a defunto após a agonia.

⁶⁷ Todo este poema "Assim é" lembra outros de Rosalia de Castro, que teve como modelo.

10
TEM!

Entre levar-lhes bicada
De pouquinho em pouco tempo,
E entre guardá-los cantando
Nas pontas de uns vimeiros⁶⁸,
Onde aninhar e escondidos
Tinha os seus quatro pequenos,
Passava feliz os dias
Um passarinho trigueiro.
Mas deu com eles um guicho⁶⁹,
(porque os guichos são o demo!)
E adeus pra sempre ninhada,
E adeus o seu cantar ledó;
Que, súbito, como um raio,
Foi, aganchou⁷⁰ e colheu-os,
E botando-os na cabeça⁷¹,
Tirou correndo a vendê-los,
Sem se doer dos chiinhos,
Que então davam aos ventos,
Dando cem reviravoltas,
Os coitadinhos dos velhos...!

Sorte cativa a do débil
Tem que seguir ainda sendo,
Mentres que a Razão em tudo
Não desterre antigos erros.

⁶⁸ Vimeiros: planta lenhosa com ramos flexíveis para fazer cestos. No original: biateiros, sabugueiros.

⁶⁹ Guicho: esperto, rapazinho da rua, aqui um menino buliçoso. No original: guiche.

⁷⁰ Aganchou: subiu a uma árvore com mãos e pés, agatanhar.

⁷¹ Cabeça: entende-se na cabeça sob a gorra ou boné. No original: cachucha

11
OXALÁ!

Por que o céu mais limpo ao galego
Parece afumado?
Por que a terra florida que manda
Lhe cheira a escamalha⁷²?
Por que a água, no olho da fonte,
Pra ele tem tasto⁷³?
Por que sente que o sangue sorento
Parece aburrá-lo⁷⁴?
Por que treme, dormente, e dacondo⁷⁵
Semelha ter raptos?...
Porque está nos começos da febre
Que aos povos deixados
Faz perder a cabeça, e erguê-la,
E dar fungueiraços⁷⁶,
Quando pintam que podem gandí-los⁷⁷
Os corvos, que a bandos,
Nunca faltam onde eles, famentos,
Seu couro buscando...
Oxalá que nem um se lhes lisque⁷⁸,
Nem gordo nem fraco!...

⁷² Escamalha: restos de peixe podre

⁷³ Tasto: mau sabor a velho.

⁷⁴ Aburrá-lo: estupidificar, bestificar.

⁷⁵ Dacondo: de quando em vez. (hoje esta palavra está perdida em Mondonhedo)

⁷⁶ Fungueiraços: golpes com o estadulho do carro.

⁷⁷ Gandí-los: comê-los, tragá-los, enganá-los.

⁷⁸ Lisque: escape correndo.

12
SEMPRE O MESMO

“Sei que viste o lobo, nena,
Pra tal tomar-se-che* a fala?”
Disse a uma pícara⁷⁹ um moço,
Porque passava calada,
Sem para ele olhar quase⁸⁰,
Nem pra os que ao seu lado estavam.
- Pelo visto..., saltou ela,
Sem sequer virar a cara.
- E como dele libraste?
El⁸¹ saíste algo adentada?
- E interessa-che sabê-lo?
- E não o sabes, minha santa?
-Pois, se che int´ressa... outro dia
De mais vagar, se che quadra
De me topar, cho direi...
E a pobre calou ... e impava⁸²!
.....
Sempre os rapazes o mesmo
Foram e são com as moças:
Dão sete voltas no inferno,
Sendo mester pra adondá-las⁸³;
Tudo é em ponto, mentres elas,
Não de tudo cegas, mandam;
Mas, em *subindo aos toucinhos*⁸⁴,

⁷⁹ Pícara: rapariga nova, menina. Também aparece nos versos anteriores “nena”, igual a moça.

⁸⁰ Quase: é uma variante em versão manuscrita do próprio Leiras. No original aparece: ô d´reito, diretamente, torcendo a olhada.

⁸¹ El saíste: emprego especial do pronome pessoal como “impessoal”, pop. Usado na zona mindonienese.

⁸² Impava: arfava, respirava com dificuldade, suspirando.

⁸³ Adondá-las: amolecê-las, abrandá-las, amansá-las.

⁸⁴ Subir aos toucinhos: literalmente, exaltar-se. Em sentido figurado: pôr-se desonesto, excitado.

Tudo se volta *pontadas*,
E, se se trata de *voltas*,
Só entendem das de *espalda*⁸⁵.

⁸⁵ Espalda: costas. As palavras em cursiva têm duplo sentido erótico.

13
AS PLANTAS E OS HOMES

Dão-se ao pé dos tojos bravos
Os malmequeres singelos;
Entre espinhosas gibardas⁸⁶,
O cabrinfolho⁸⁷ floreia;
E o fero acivro e a abrula⁸⁸
Juntos nos cômaros⁸⁹ medram...
Quando uns pra os outros os homes
Seremos dessa maneira?...

⁸⁶ Gibardas: plantas silvestres de cor verde escura, com frutos vermelhos e folhas com espinha na ponta.

⁸⁷ Cabrinfolho: planta sarmentosa silvestre com flores amarelas. Madressilva.

⁸⁸ Abrula: abritia, dedaleira, digital, com nomes populares de milicroques ou estalotes, com flores campaniformes de cor intensa e vermelha, curativa para o coração. Observe-se a quantidade de nomes de plantas com consoantes líquidas (r), que proporcionam um valor fonossimbólico ao som do poema.

⁸⁹ Cômaros: valados inclinados, lindeiros perto das chousas das casas para alindar o gado.

14
CACHIÇAS ELE FAZIA⁹⁰...

Cachiças ele fazia no concelho;
E todos a boquinha lhe calavam,
Porque era como o joio, e a qualquer(a)
Num ar lhe amanhava ele umas papas⁹¹,
Mas uma noite perdeu-se num caminho...
Amanheceu esganado numa fraga...
E ainda que todos o viram e reviram,
Ninguém viu, nem ouviu, nem disse nada;
E ali os corvos os ossos lhe mondaram;
E ali estão as costelas ainda estradas;
E só (pra o maldizer) dele se lembram
Alguma vez de noite, se ali laia
A raposa que lá tem o buraco,
E lá cria a larada⁹²...
Por muito que se argalhe⁹³,
Sempre dão o seu pago as más manhas.

⁹⁰ Cachiças fazia: fazia o que queria, rompia em anacos.

⁹¹ Amanhava umas papas: empapelava, denunciava com falsidade, cambadela.

⁹² Larada: descendência, crias, preferentemente aplicado às aves de curral; a cães e gatos, depre-dadores.

⁹³ Argalhe: embrulhe, minta, amanhe com engano.

15
DIRIAM...

Não pára nada nos pousos⁹⁴;
Não se põe *maja* aos domingos;
Não canta, nem dá parola⁹⁵,
Quando lhe toca o moinho:
E vai-se a fio ficando
Como as varas de um cainço⁹⁶...
Que erva pisou a moça,
Que até perdeu o sentido?...
.....
Se contasse algo o cancelo
Onde viu marchar o Chinto⁹⁷;
Se ela ensinasse o que esconde
Entre os lenços do justilho;
Se a carta, que, às furtadelas,
Fez um dia santo, aos pouquinhos,
Pudesse ler-se... diriam
Que não fez bem um malvado
Que lhe deu vinte palavras
De ser de lei, no puxigo⁹⁸,
Certa noite (que ainda teve
Que acalouminhar o chito⁹⁹)
E diriam que não sabe,
Nem esquecer nem sofrê-lo,

⁹⁴ Pousos: pousadoiros, lugares à beira dos caminhos rurais para pousar e descansar do peso dos feixes.

⁹⁵ Parola: palavra (não fala nada)

⁹⁶ Cainço: janelo para dar de comer aos animais ou varas laterais do carro. Não significa cio.

⁹⁷ Chinto: nome familiar de Jacinto.

⁹⁸ Puxigo: janelinha da porta ou parte superior das portas de duas folhas, muito comuns nas casas rurais de Mondonhedo, onde falavam as moças apoiadas nos cotovelos, enquanto o namorado ficava fora.

⁹⁹ Acalouminhar o chito: agarimar o cão para que não ladre nem roa.

E que por isso, a coitada,
Se vai voltando um esguio¹⁰⁰.

¹⁰⁰ Esguio: pessoa fraca e alta. Cria de peixe. Delgado, escorrido. No original, o dialetal Esguiffo.

16
DIZ A VELHA...

- Vaia um galano o galano¹⁰¹
Que hei de mercar ao menino!
- E quando mo há mercar, logo?
- Alô pra o v'ráo, por São Pedro.
- E porquê n'ó merca agora?
 - Porque não chegou o tempo,
 Nem me calha de ir à vila.
- Pois, então, já não o quero!
- Olha que cho hei trazer tal
Que che há de dar gosto vê-lo;
Cala a boquinha!
 - Não calo;
Dê-me o aqeste¹⁰² primeiro!
- Ai! se não calas, não cales;
Que em se me acabando o génio...
Já sabes como eu sacudo...
E aginha te eu aquento!

Esta parla aquela velha
Levava com o menino,
Pelo caminho da escola,
Que era para ele o do inferno,
e, ora arrastado, ora em bem,
ora da mão, ora ceivo,
tudo até a porta foi indo;
Mas, ali deu em dar berros,
E em recuar, couceando,
Sem querer seguir adentro;

¹⁰¹ Galano: brinquedo bonito, presente.

¹⁰² Aqeste: aqui-este, o juguete esse.

E enfadou-se ela, e pilhou-o,
E, embora guarda o traseiro
Taraveleando as pernas,
Bateu-lhas, que iam fervendo;
E foram de mão de santo
Pra deixá-lo um anho feito.

“Quando lhe-las pede o corpo,
Não vale andar com temperos¹⁰³,
E quatro açoutas¹⁰⁴, di´ a velha ,
Sentam-lhes bem por inteiro”.

¹⁰³ Temperos: cuidados, aluminhos, delicadezas.

¹⁰⁴ Açoutas: açoites, golpes, palmadas com a mão aberta.

17

LEVAI-ME AO MAR

Se quereis desmorrinhar-me¹⁰⁵,
Levai-me onde eu o mar veja,
E os seus arinhos me cheguem,
E o sinta quando referva;
Levai-me pra onde mais bata,
E mais se estrele nas penas,
E, ao rebentarem as ondas,
Mover os salseiros veja;
Ou, de não, levai-me a onde
Possa ter à mão, embora,
Para espelho, umas pocinhas,
Entre os juncos da ribeira!

¹⁰⁵ Desmorrinhar: tirar a morrinha, a tristeza, a saudade.

18
NUNCA!

Porque para os teus és boa,
Embora pra ti não o sejam;
Porque calada te agentas
Sem lhes rosnar tão sequer,
Chamaram-te quantas há
Tuas irmãs, ruins laverças!...
¿E que eras, quando dos mouros
Quasemente¹⁰⁶ estavam servas,
E tu a lutar te botaste,
Pra libertá-las a elas?
Que foste lá em Eibralfaro¹⁰⁷,
Quando não mais a bandeira
Do Alferes de Mondonhede
Pode avançar e estar d' reita?
E em Lepanto, quando Andrade
Fez dos turcos como arestas;
E quando, alô em Senimara
Pateou outro a cabeça
Dos que a Gonçalvo de Córdova,
o Grão Capitão, venceram?
Que foste, que te chamaram,
Pobrinha porca cinzenta?...
Nunca o que lixou a manta
Soubo ter calada a língua!

¹⁰⁶ *Quasemente: quase + mente, adv.*

¹⁰⁷ Eibralfaro: referido com certeza ao castelo de Gibralfaro, em Málaga.

19
COMO ISAAC COM O SEU FEIXE...

Como Isaac co seu feixe,
Quando à morte o levava o seu *bom* velho¹⁰⁸;
C' o lenha dos meus males sobre o lombo,
E levado da mão do duro Tempo,
Vou subindo a costinha que me fica
Da jornada da vida ao triste termo...
Que para mim não há haver
Nem anjo, nem carneiro¹⁰⁹!

¹⁰⁸ Bom velho: Trata-se do pai Abraão, do que o autor põe em dúvida a bondade, escrevendo cursiva.

¹⁰⁹ Nem anjo que detenha o braço que me executa, nem carneiro ou anho que ocupe o meu lugar no altar do sacrifício.

20
ASSIM!

Tinham nada mais o amparo
Do filho que ia na guerra,
E andava el dado a Juncras,¹¹⁰
E chora que choras, ela.
Mas sentiram os soluços
Da Pátria, à que tantas penas
Fam passar quatro *judeus*,
Que cara ao *Calvário* a levam;
E calou a boca o velho,
e calou a boca a velha;
E quando ao seu Fuco à porta
Lhe foram a dar a aperta¹¹¹,
Disse-lle o pai suspirando:
- Meu filhinho, nunca esqueças
Que melhor quero não ver-te
Até o céu, se a cabeça
Não hás de erguer, como erguíamos
Os de Prim, pra alô de Ceuta!...
E assim são sempre pra a Espanha
Os patrícios desta < *terra*
Esquecida, que espanhola
Nunca chamar-se devera! >¹¹²

¹¹⁰ Xuncras: eufm. Por Judas: andava jurando, enfadado.

¹¹¹ Aperta: abraço de despedida, abraço entre amigos ou familiares; conservado por razão da rima.

¹¹² Estes versos em cursiva são paráfrase literal dos de Rosalia de Castro no poema titulado A Gaita Galega, paráfrase também de outros de Ruiz de Aguilera. Duríssimos versos que Leiras também faz seus neste poema datado em Mondonhedo em 1901.

21
CHAMADA À LUTA

Por amor dos seus d' reitos anda o russo
Revolto pra os cossacos;
Pedindo liberdades, os arménios
A entrar coa Porta em guerra se arriscaram;
Com serem o que são, até os de Taza
Se opõem ao tirano,
Se a mão lhes finca um pouco coas gavelas,
Ou trata de tripá-los.¹¹³
Só nós, com a vergonha já perdida,
Vivemos como cumpre a sujos amos;
Levando-as humildosos, coa *de freixo*¹¹⁴,
Com cem cangas cangados¹¹⁵,
E nem pensar em dizer: arriba todos!
E à uma remangar-nos,
Apanhar alfandegueiros e traidores
E dar-lhes o seu justo com vergalho¹¹⁶!

¹¹³ Tripá-los: pisá-los, assovalhá-los. Neste poema há referências históricas da situação mundial em 1900.

¹¹⁴ A de freixo: a vara de madeira de freixo. Escrito no original com cursiva.

¹¹⁵ Cangados: sujeitados à canga, junguidos, subjugados, oprimidos.

¹¹⁶ Vergalho: verga, vara delgada e muito flexível, chicote.

22
POUSADOIRO¹¹⁷

À Marinha¹¹⁸

Terra, que o sol, sempre amante,
Tempera todos os dias;
Agros, que dais o bom milho
Com polas de quatro espigas;
Junqueiras, onde as gaivotas
Se pousam e se agarimam
Quando com seu voo calmoso
Não vão ao mar trás a vida;
Quem vão vos viu bem de perto,
Nem passou uma invernia
Nos vossos burgos estrados
De perfumada penica¹¹⁹,
Ouvindo os rolos¹²⁰, não sabe
O que é a Marinha.

Não sabe o que é uma casinha
Entre parrais protegida,
Ao pé de velha figueira,
Co seu forninho coa pita;
Não sabe o que é aquecer-se
Trás dos tições, na cozinha,
Sem fume que cegue os olhos,
E como a prata de limpa;

¹¹⁷ Pousadoiro: Pouso, lugar à beira dos caminhos para pousar a carga e descansar.

¹¹⁸ A Marinha: comarca da costa lucense, que compreende desde Ribadeu ao Barqueiro, pela que sempre amostra preferência o poeta Leiras Pulpeiro e à que vai dedicado este longo poema, a maior louvança que nunca foi escrita por um poeta nativo desta terra, que também o é de quem isto transcreve.

¹¹⁹ Penica: folha aciculada do pinheiro que cai ao chão. Conhece-se também como puxa, poma ou arume.

¹²⁰ Rolos: pássaros machos da rola ou referido aos rolos ou ondas do mar.

Não sabe o que é leito armado
Com feixe de palha triga,
Com os seus lençóis de linho
Do tear, bem lavadinhos,
Como só os põem meninas
Que há na Marinha.

Nem sabe o que são congostas
De trevo e lírios vestidas,
Sob cerdeiras e loureiros
Que as guardam das nordesias¹²¹ ;
Nem o que é, perto de um souto,
Sentar-se a olhar para a ria,
Ou como a espuma da Barra
Vai e vem, sobe e rebrinca,
Mentres as marinhãs, soltas¹²²
As vacas e os bois alindam
Nas pomaradas cantando
Cantares que repinicom;
Nem sabe o que é o serão doce
De uma Marinha.

Nem ao que chega em feitiços,
Quando a tarde vai caída,
E as patas voam pràs furnas,
A rés das águas, em filas,
O arder do bico das ondas,
Com figuras, que lá em cima
Dos montes, fam os pinheiros

¹²¹ Nordesias: ventos do nordeste, frios nesta costa porque vêm do Norte. O vento cá chama-se nordés.

¹²² Marinhãs, soltas: referido a que as mulheres naturais da Marinha (marinhãs) pastoreiam as vacas soltas, ceivas. Alindar é cuidar que o gado pasça pelos cômaros e lindeiros.

Que desmestou a cobiça¹²³,
E co' o rebruar¹²⁴ do mar,
Batendo na rocha viva,
Qual se, pra escornar¹²⁵-se o diabo
Com ele ali se batera;
Nem sabe o que a Lua clara
Faz da Marinha.

Nem o que é gente surosa¹²⁶
Sem raposadas cativas,
Desatoada¹²⁷ do paul
Das velhas velhacarias;
Nem o que é sentir o ar
Que traz de fora as faíscas
Que hão de pôr lume aos palheiros
Dos caciques que hoje se incham;
Nem o que é viver sonhando
Coa alvorada do grão-dia
De glória, que, há muito, espera
Para se ver outra Galiza,
Que há começar acô em baixo
Pela Marinha...

Por isso eu, que te conheço,
Che guardo devoção pia;
Por isso sempre que pude
Corri pras tuas veiguinhas;
Por isso, a nada que os cheiros

¹²³ Desmestou a cobiça: que se cortaram, fazendo uma entre-saca, pela cobiça do dinheiro da madeira.

¹²⁴ Rebruar: forte som do mar, repetido.

¹²⁵ Escornar: romper os cornos, golpear-se, fazer um trabalho muito cansativo.

¹²⁶ Surosa: de Sul (Sur), gente boa, produtiva, trabalhadora. O vento sul (vendaval) é bom vento.

¹²⁷ Desatoado do ilhó: desatascada do paul de lama. Livre de ver-se submersa em cousas velhas.

Das tuas algas me arrimam,
Revivo com mais coragem
Pra melhor olhar acima;
E por isso de nenhures
Vejo as cabeças erguidas
Dos nove pinhos do Castro¹²⁸,
Que descoberto não diga
Com quantos fôlegos¹²⁹ tenho:
Viva a Marinha!!!...

¹²⁸ Pinhos do Castro: Pinheiros que estavam no monte do Castro, perto do cemitério da vila marinheira de Foz, que o poeta via de longe ao chegar à costa desde Mondonhedo, justo antes de ver o mar.

¹²⁹ Fôlegos: ânimos, força para respirar. No original, datado em dezembro de 1903, vem "folgos".

NADA VALE!

-Ai! nena¹³⁰, nesse *palheiro*
 Ainda se agacha um bom *cão!*
 -Isso será se lhe deixam...
 -Ou também sem lhe deixar,
 Que um *cuzo*¹³¹ pela quentura
 Faz o que o trasgo não faz.
 -Olho! Mão fora, demónio!
 -E ele onde hei ter as mãos?
 - Tenha-las onde tu queiras,
 - Se é de casta, nada faz;
 Que uma volta há de furtar-cha
 Quer por diante ou por detrás...
 Assim na eira começaram
 Certo Joám, que n'era Xam¹³²,
 E uma Marica¹³³, que tinha
 De tudo o bom a Deus dar;
 Mas seguiram...de uma n'outra...
 E tumba, e dá-lhe, e que tal...
 E ali mesminho, em um ar,
 Fizo-lhe ver o rapaz
 Que nada vale uma moça
 Pra bem um *chito*¹³⁴ tornar
 De um *abeiro*, como o avente,
 Se for sequer *meio cão*.

¹³⁰ Nena: menina, nome carinhoso que se dá às moças. Conserva-se exigido pela métrica.

¹³¹ Cuzo: cão cativo. Faz alusão a estar em cio ou buscar calor.

¹³² Xam: João, Joane, homem frouxo dominado pela mulher. Nome familiar de Joám em Mondonhedo.

¹³³ Marica: Maria ou Maria do Carmo, nome muito abundante na época de 1900 nesta zona da Galiza.

¹³⁴ Tornar o chito: apartar o cão, botar fora ou vigiar. As palavras em cursiva têm segundas intenções.

24
NÃO O SEI!

Sem milho no caboço¹³⁵,
E o leito sem trapos,
Sem dinheiro a ucha,
E a corte sem rês...
Que aguardam os pobres,
Que a fouce n' agarram
E a sua bem feita,
Não fá m duma vez?...

Se calam, nem couro
Lhes deixam os fartos;
Se pedem justiça,
N' os ouve ninguém...
Que aguardam os pobres
Que a fouce n' agarram,
E a sua bem feita,
Não fá m duma vez?...

Sabendo que o mundo
N' é foro de naide¹³⁶,
E em tudo pra todos
Quinhão¹³⁷ há de haver,
Que aguardam os pobres,
Que a fouce n' agarram,
E a sua bem feita,
Não fá m duma vez?

¹³⁵ Caboço: celeiro, pequena casa onde se guardam os cereais. Dialect. Mind. Noutras zonas: caba-ceira.

¹³⁶ Naide: cast. dialect. Por ninguém. Não é foro (renda, propriedade foral ou aforada) de ninguém.

¹³⁷ Quinhão: parte indivisa que se reparte entre vários, quinta parte. Utilizada entre marinheiros à parte.

25
À GALIZA

Não digas que estás de morte,
Nem que te viu um mau olho.
Queres que as velhas gafeiras
Deixem de ranhar-che o corpo?...
Pois dá-te bem mais estima,
Sem gemer e andar com choros;
Bota-lhes duas roncadas
A esses parentes piolhosos,
Que te ultrajam, e bem deitam¹³⁸
Muitas vezes das tuas côdeas;
E aos desleixados que esquecem
A fala, que tu no colo,
Lhes ensinaste ao criá-los,
Mede-lhes coa roca¹³⁹ o lombo;
E se não voltam ao rego,
Deixa-os ir, que os leve o mouro.
Que os que ao teu mandado fiquem,
Se Deus quer, hão ser avondos,
Pra relousar-che a casinha ,
Pra refazer-che o celeiro,
Para limpar de nocelhas¹⁴⁰,
Como faz falta, os teus hortos.
E verás que de contado
Che* há cambiar, Galiza, tudo!

¹³⁸ Bem deitam: graças a isso, bem lhes vale. Dialect. Mind

¹³⁹ Roca: pau de fiar o linho.

¹⁴⁰ Nocelhas: erva má das terras de labor, que tem bolinhas nas raízes em forma de rosário. Dialect.

26
PORQUE SIM!

Pra respirar, ar avondo
Todos temos por igual;
Pra pobres, e pra não pobres,
Sobra de água as fontes dão;
Mas, de terra... quantos contos
Com que é mester pra sacar
Dela sequer o pãozinho,
Que a todo Deus falta faz?...
Por que há sobrar a uns tanta,
Havendo quem nada mais
Têm de mortos (Se no entanto
Não os manducam os cães)
Os sete pés do buraco,
Que por força se lhes dá?...

LEMBRANÇA DE AMORES

E lembras-te da tardinha
 Que passamos na Fervença¹⁴¹?
 Ainda vejo aquel´ cachopo¹⁴²
 Ramalhudo, que, à direita,
 Nos cobria, e nos guardava
 Da gente que ia à festa?...
 Ainda sinto eu o lentor
 Do molido¹⁴³ de folgueiras,
 Que, pra sentar-nos, tivemos
 Naquela bouça costenta!...
 Ainda penso que o teu bafo,
 Recendendo a recandeia¹⁴⁴,
 Me dá na cara ao falares
 Pra me contares aquelas
 Tuas cousas* que eu porfiava
 Que duma vez me disseras!...
 Ainda nublados os olhos,
 E a cabeça um forno feita,
 Penso que tenho, qual tinha
 Quando esgarçamos a giesta
 Rebricando, e arrolamos
 Até o fundal como pedras!...
 Ainda também...; mas, chitão!
 Que é melhor que cale a língua,
 E as lembranças sigam mortas,
 Se, ao revivê-las, se inflama

¹⁴¹ Fervença: lugar próximo a Mondonhedo de beleza natural, onde há uma cascata no rio Masma.

¹⁴² Cachopo: grosso tronco de árvore, normalmente de castanheiro.

¹⁴³ Molido de folgueiras: cama vegetal, normalmente empregada para a corte dos animais.

¹⁴⁴ Recandeia: dialet. Pólen e flor de castanheiro com perfume afrodisíaco.

Como se inflama uma chaga
Que desde então levo aberta!...

.....
Deus te perdoe; e que aos dous¹⁴⁵
No céu juntos nos veja!

¹⁴⁵ Dous: dous. No original: *entrambos*. Este formoso poema de amor pastoril e rural está datado no outono de 1905.

ANTES

Vai-te, noite, correndo, e passai,
Água e pedra, que tenho nos agros
O páozinho que pedem meus nenos,
Que levam, de fome, seguido já um ano!

DEPOIS

Vem-te, noite, correndo, e volvei,
Água e pedra, e levai-me com tudo;
Que, apedrados os agros, não fica
Pra nós outra cousa que o fundo dum poço!

E HÁ QUE ROÊ-LA...

Uma lomba com penas e pinhos;
 Uma valga¹⁴⁶ dos ventos guardada;
 Uma fonte e um regato coas beiras
 Com muito sabugo e com muita espadana;
 E, a um recanto, saindo entre teixos,
 Com janelas ao mar, uma casa,
 E ao pé dela um caboço* branqueando
 Que chame, e que tenha lousado às quatro águas...
 Tal é o mundo que pedem meus feles;
 Tal é o porto que, dado, me quadra;
 Tal é o ninho em que tendo aleados¹⁴⁷
 E juntos os nitos da minha larada¹⁴⁸,
 Viveria contente, lavrando os meus leiros¹⁴⁹,
 E ao vir logo a Morte, sorrindo a aguardara!

Mas tenho uma casa batida
 Por todos os ares, sozinha, e sem leiras;
 Sem caboço, e sem rego, e sem fonte,
 Sem pinhos, nem teixos, nem eira sequer;
 Num campião onde n' há mais que cardos;
 E onde erguer nunca bem se ergue a névoa,
 Nem um sacre¹⁵⁰ dá o velho plantio,
 E o novo não prende, e se prende não leva...

¹⁴⁶ Valga: valinha, pequeno vale, baixada na aba de uma montanha.

¹⁴⁷ Aleados: apartados; literalmente: voados com as suas asas.

¹⁴⁸ Nitos da larada: crias da larada, referido à descendência, aos filhos ou netos.

¹⁴⁹ Leiros: pequenas propriedades agrárias, coincidentes com o apelido do poeta. As leiras são prédios mais grandes que os leiros. Poema datado em 1904.

¹⁵⁰ Sacre: palavra de significado desconhecido hoje. Acre é unidade de medida agrária de origem anglo.

Parece indicar um fruto. Pode ser uma cláusula feita para indicar que não dá nada.

E esmoreço entre os quatro penais¹⁵¹;
E masmindo-me vou, cheio de penas;
E, de sempre lidar, já vou canso,
Sem ver um mau cabo, nem mar, nem ribeira,
Cos filhos, meus pobres!, estrados por longe;
Estou como o cão quando a onda¹⁵² lhe pega!

¹⁵¹ Penais: paredes altas, remates das paredes para tornar as águas. No original: "*penales*".

¹⁵² A onda: a hidrofobia, a raiva do cão.

ROSEIRAS DE ROSAS ROXAS

Se, quando me fine, as campas¹⁵³
 Do meu lugar não me choram;
 Se, onde aos meus, achegadinha,
 Nã' abrem logo a minha cova,
 E em cima dela não põem
 Roseiras de rosas *roxas*¹⁵⁴,
Bem roxas, como as que eu cuido
 Com amor na minha horta...;
 Que não me chamem pra o céu,
 Que não vou, não sendo à força,
 Sem botar-me antes, de noite,
 Pela aldeia de riola¹⁵⁵,
 Até que comigo pegue
 Quem me requeira ... e me ouça...
 E faça tanger as campas;
 E que, onde quero, me ponham,
 E depois, ao pé meu tenha
 Roseiras de rosas *roxas*.

¹⁵³ Campas.: Sinos da igreja. Efetivamente não soaram quando morreu Leiras, que teve enterramento civil multitudinário. Na sua tumba houve e há hoje roseiras vermelhas.

¹⁵⁴ Roxas: cor teixa, cor da violeta. Também cor encarnada, cor vermelha clara ou escura. Em todo o caso é símbolo já então dos movimentos políticos de esquerda que professava o autor.

¹⁵⁵ De riola: de ruada, de ronda, de esmorga ou festa.

31
A MORTE

Numa das cem jamacadas¹⁵⁶,
Que passei como no espeto¹⁵⁷,
Vi vir a Morte ao meu quarto;
Vi-a chegar-se ao meu leito;
Vi –lhe enfiar-me pra os olhos
Os cuncos dos seus, vazios;
E assim posta, e tão pertinho,
Enquanto de dar-me medo,
Deu-me aquele grande alívio
Que dão os amigos velhos,
E sem voltas, e que sabem
Buscar à que tem apertos,
Quando diz: aqui estou eu
Com o que valho e que tenho...
E foram-se-me fechando
As pálpebras, sem querê-lo;
E logo preendi no sono,
E dormi o dia inteiro...
Em que não morri, morri,
Pra saber certos segredos...
Não é a Morte o que contam,
Nem deve meter respeito!

¹⁵⁶ Jamacada: referido a doenças

¹⁵⁷ Espeto: pau usado para assar a carne ou o peixe.

A...(?) , NUM DESCANSO DO BAILE

Quando só o teu negro dos olhos
Amostras a meias,
E essa roxa e bonita boquinha
Tens algo entre-aberta,
Pra poder respirar, qual agora
Che cumpre, de pressa...
Ai! Deus, minha moura,
Não sei quanto dera
Por cantar-che nos papos ardentes
Chuchinhos¹⁵⁸ às cheias,
E cingir-me tremendo ao teu seio,
Igual que se cingem as cobras às pernas
Dos que, em pisando-as
Tropeçam com elas!

¹⁵⁸ Chuchinhos: beijinhos, dialet. Mind.

33
SUPERSTIÇÕES

Como na porta a madroa¹⁵⁹
Pelo São João não pusemos,
Tenho no corpo metidos
Tamanho frio e tal medo,
Que o escano deixar não posso,
Nem manjo, nem durmo ao d' reito,
E em tudo vejo corujas,
*sacabeiras*¹⁶⁰ e morcegos...!
Não há um padre de mão
Benta, que um remédio
Me dê para esta congoxa,
Que me está sempre comendo?...
Pobre de mim, se não o acho,
Ou não me vale São Pedro!

¹⁵⁹ Madroa: erva de Nossa Senhora, milagrosa na crença popular.

¹⁶⁰ *Sacabeira*: píntegas, pinta, salamanca, salamandra . Dialect. Mind. Consideradas imunes ao lume.

O MONTE DO MONFADAL

Des´que uma noite de contos
 A uma velha ouvi contar
 De que lhe vinha o seu nome
 Ao Monte do Monfadal,
 Nunca ao Padornelo os olhos
 Pude volver sem lembrar,
 Sentindo, o que há tempos eram
 Os mocinhos deste clã¹⁶¹.

Não, como aqueles, os de hoje
 Guardariam nosso val
 De outros *mouros*, se assomassem
 Pelos altos de Carrás¹⁶²!

¹⁶¹ Clã: conjunto de famílias com antepassado comum. No original escreve "chan", insólito na zona de Mondonhede, que podia ser "chão", mas não se trata aqui de lugar chão. Monfadal é nome simbólico e emblemático em Mondonhede, enigmático também, referido ao monte Padornelo(?). Existe uma revista literária de alta qualidade com esse nome em Mondonhede, editada em Oviedo por António Meilán.

¹⁶² Carrás: Monte ao Norte de Mondonhede, também conhecido como Corneria. Mouros com cursiva (?)

NA MORTE DE MONTES

Não é milagre que chores
 E que estejas suspirando,
 Minha pobre Suévia¹⁶³, sempre em pena;
 Que, em- que afeita te leva o triste fado
 A ver que, dos teus filhos,
 Che vá a negra Morte ganhando
 Aqueles mais lançaís¹⁶⁴,
 Mais erguidos, luzentes e espigados,
 Quando neles te vês,
 E são a tua gala e o teu regalo;
 Se agora ver ao d' reito tu pudesses
 E coligisses algo,
 E a apreçar bem a perda te parasses
 Mores¹⁶⁵ forem tua dor e mais teu pranto,
 De não dares em louca ou afogares,
 Quando morto o teu Montes¹⁶⁶ che ensinaram.
 Pois, fria aquela testa,
 E rijo aquele braço,
 E detido aquele seu coraçãozinho,
 Cem vezes abalado
 Pelas tenras doçuras
 Dos nossos velhos cantos,
 E sempre esmorecido,
 Não sendo no teu colo agarimado,
 Não tens onde olhar, se é que te chamam

¹⁶³ Suévia: Galiza pode chamar-se assim, como quiseram os suevos qua a dominaram 150 anos com o seu primeiro reino cristão europeu, mas triunfariam os nomes românicos de Hispania e Gallaecia, fronte ao germânico Gótia. Hoje é nome poético, épico e simbólico.

¹⁶⁴ Lançaís: altos e delgados como uma lança, de corpo cumprido.

¹⁶⁵ Mores: arc. maiores

¹⁶⁶ Montes: João Montes, insigne e popular músico tradicional galego.

Pra alguma nova justa do trabalho;
Nem quem faga que laudem o teu nome
Onde só se vê laudar aqueles magnos;
Nem quem saiba amostrar o céu aberto,
E a glória de Deus dar-nos
Coa roda de lugueses
Que tinha ao seu comando,
A cantar admirado as harmonias
Que compôs e se sente concertado
Tudo quanto surge e quanto se ouça
Nos nossos sempre recedentes agros
Quando vem vindo o dia
Trás duma noite escura de zarzalha¹⁶⁷ ...
Porque ninguém com él tem sentimento
Nem dó escolhido em raptos,
E onde ele a sua mão punha
Deixava sempre algo
Que tivesse o segredo
De chegar até a alma e de encantar-nos;
Porque sempre os seus ares nos falavam
Dos continhos do escano¹⁶⁸;
Do rou-rou com que, amantes, nossas velhas¹⁶⁹
Nos têm anainado;
Do enravecho do moço, se a menina
Mais da conta lhe fez andar rondando;
Dos apertos das pícaras¹⁷⁰ na fonte
Pra não quebrar o jarro;
Das saudades da choça;
Do nosso pequenininho campo-santo;

¹⁶⁷ Zarzalha: orvalho ou chuva miúda, que em Mondonhedo se chama também barruço.

¹⁶⁸ Escano: não parlamentar, senão o escano da lareira, do lar.

¹⁶⁹ Nossas velhas: as nossas mães.

¹⁷⁰ Pícaras: meninas, aqui já mocinhas em idade de merecer.

Ou do souto dos bolos,
Onde mais duma vez temos chinado¹⁷¹,
E onde todos os moços, ali juntos,
Cantando e atrujando, terminamos...
Não é milagre que chores, ´nha mãezinha,
E que estejas ainda suspirando,
Perdendo o que perdeste com Joám Montes,
E querendo-te ele tanto, tanto, tanto!

¹⁷¹Chinado: perder ao jogo popular dos bólos, quando a bóla ia com pouca força e não chegava à raia.

OS ÁLAMOS E OS CACIQUES

Os nossos álamos mouros,
Que tanto sempre aparentam
Aos que bem não os conheçam,
Como de longe se vejam,
Aos maldiçoados caciques
Em muitas cousas semelham.
Como eles, se em boa terra
Acertam chupar, já medram;
Como eles, luzem erguidos,
Mentres os ventos não sopram;
Como eles, nunca dão nada
Que de proveito a alguém seja;
E como eles, só de mortos
Valem de algo para a terra;
Pois valem...o que lhe vale
A pouca cinza que deixam.

A PENA DO MORTO...

I

< Ai! Tonhinha, não sabes as que eu passo
 Por ter que te deixar, sendo menina,
 Sem ninguém que te valha, se cumprir,
 Nem sequer um conselho a dar-che venha!...>
 Duma mão, ao finar-se, tais foram
 As falas derradeiras...
 Mentres o Abade, co' o devido,
 E a gente de que a casa estava cheia
 Com suas rezas a Deus a encomendavam,
 Pra sempre adormeceu a pobre velha,
 Virando, não sei como, aqueles olhos,
 Abrindo a meio abrir a boca seca,
 E abraçando a filhinha e mais um Cristo
 Que pra chuchar¹⁷² lhe deram.

II

Chorou desgraçando-se
 Um pouco ali a órfã.
 Limpinha e vestida
 Com hábito e coifa,
 Mais tarde na caixa
 Meteram a morta,
 E puseram no quarto
 Do leito de folga¹⁷³;

¹⁷² Chuchar: beijar.

¹⁷³ Leito de folga: cama de sobra, que não se usa, e está em quarto de reserva. Poema dedicado ao seu amigo D. Emílio Tápia.

Velaram vizinhos
Junto a ela umas horas;
Chegada a do enterro,
Na porta de fora
Repartiram aos pobres
Duas dúzias de côdeas;
Laiou-se ao levá-la
Da casa pra a fossa;
Pagaram cregagem...
E adeus... até a glória!...
Já n´houve mais choros nem laios e às doze
Jantou-se, bebendo¹⁷⁴, que nem numa boda !

¹⁷⁴ Bebendo: no original aparece "pifando": comendo, bebendo e falando muito, como em uma boda ou casamento, no original.

ENTERRAMENTO DE POBRE

Se são mester rezo e missas,
 Como os curas dizem sempre,
 Pra que, de Deus, de contado¹⁷⁵,
 Tenham perdão os que morrem,
 Por que até alô fam mais triste
 Que a dos mais do pobre a sorte,
 Botando-o na fossa e só
 Com uns orvalhos do hissope?...

.....
 Bem se vê nisso que os tais
 Como os cães dos cortadores,
 Nunca fão festas a naide¹⁷⁶
 Se de lhes dar no ´ o conhecem!

¹⁷⁵ De contado: rapidamente, em seguida. A crítica anticlerical nestes textos é notória.

¹⁷⁶ Naide: cast. dialet. Ninguém, conservado por razões de rima e métrica. Fazer festas: brincar, jogar.

A NÉVOA DA FROUSEIRA

Névoa, que de todo envolves
 Muitos dias a Frouseira¹⁷⁷
 Porquê decote no ássomas?¹⁷⁸
 Como tantas vezes deixas
 Que alguns laretos¹⁷⁹ estranhos
 Os seus cumes mondos vejam,
 Pra recordar, entre burlas,
 Ao vê-los, a nossa afronta?...
 Mas... fá's bem!, que não houve
 Quem escachasse as cabeças
 Dos vinte e dous Iscariotes
 Do, então, melhor desta terra!

¹⁷⁷ Monte emblemático entre Alfóz e Foz, onde teve a sua fortaleza Pero Pardo de Cela, entregada aos mercenários dos Reis de Castela por traição de vinte e dous criados do dito Marechal.

¹⁷⁸ Decote não assomas: não sobes ao cume como acostumas, como todos os dias.

¹⁷⁹ Laretos: que falam muito e sem sentido.

A ORAÇÃO VERDADEIRA

Tão triste como o céu que, cinzento,
De água e frio os sinais tinha bem claros;
Dando-me o coração fortes tumbidos
Cada vez que sentia o som dos sinos,
Qual se ainda durasse a noite negra
Em que a meu pai vi dar as boqueadas;
No cemitério, e , junto à sua covinha,
Beijando aquelas ervas pra mim santas
Topei-me por defunto sem sabê-lo...
Nem como, nem por onde ali chegara,
E então, quantas fevras tem meu corpo
Tremendo à uma estavam,
E para nada que fosse fingimento
Tinha disposta a alma,
Nem sequer por assomos,
Nem um intre sequer fize lembrança
Do que, andando na escola,
No tocante a orações já me ensinaram.
Mas sim lembrei, em troques, seus conselhos,
De muitas e bem boas ensinanças;
E tão de coração lhe di em conta
De como honrá-lo penso em praticando-as,
Que ao erguer-me já, não sei, não sei que tinha,
Mas sim que me encontrava
Assim como quem sai de um mau atranco,
Ou se livra de um algo que faz mágoa...
É que não há *oração* como a que eu disse
Pra dar consolo inteiro às nossas almas...
Por isso renego eu das que entre círios
Dous *cregaços* no pórtico *rezavam*,

Ao tempo que có os dedos, das moedas
Levando iam a conta, e mais guardando-as!

ALEGRIA DA GAITA

Em riba tudo é negruras,
Em baixo tudo é lazeiras¹⁸⁰,
E trabalhos e esquivazes
Que a alma nos apodrentam.
Mas chega o dia de um Santo,
E soa a gaita na festa...
E esquecem-se os roimentos,
E formiga-nos o corpo;
E ferve o sangue nas testas;
E entram-lhe a um ganas de troula,
De atrujar e de moinheira...
Por algo dizem que a gaita
Diabinhos¹⁸¹ no fole leva,
E por algo os bons galegos
Se n' a ouvem, não aleiam¹⁸²!

¹⁸⁰ Lazeiras: chagas, feridas, de lacerar ou romper.

¹⁸¹ Diabinhos: pequenos diabos, trásgos, deminhos. No original: demachinhos.

¹⁸² Aleiam: voam com as asas, alegram, não estão bem.

42
ISSO JÁ!...

Se um pobrinho a pedir vai onde um crego,
Ainda esteja famento, manco ou cego,
Só às vezes acha um “Deus o ampare”,
Que nem faz nascer côdeas no taleigo,
Nem que a andorga¹⁸³ se farte sem jantar.

Se um crego pela contra, pede a um pobre
O que ele chama oferendas, sempre o move,
Quando menos a dar-lhe alguma espiga,
Que, vendendo-a, qual faz, quando a grã sobe,
Deixa de sobra para encher a barriga.

Isso diz que ainda rege a lei do embudo
Pra os que o povo ter querem cego e mudo,
Ainda que diz a doutrina verdadeira:
Ninguém faça a ninguém o que el' não queira.

¹⁸³ Andorga: dialet. Pança, bandulho, ventre.

A MULHER SÍMBOLO DA RAÇA

42

Coa saia remangada;
Com o justilho arrumado, meio solto;
Com o dengue algo corrido;
E a carinha, de pó com leve toldo,
E o cabelo mal preso, e diante o pano,
Encenchados os seus cabelos pretos;
Levando-lhes água aos segadores,
ou atando nos molhos,
Figuravas talmente a nossa raça,
De alma tenra e sublime em forte corpo,
Como não hão querer-te!
Como os ares, por ti, n' hão beber todos!

O PINHEIRO DE FORMENTOR¹⁸⁴

(Tradução do poeta malhorquino Miguel Costa Llovera)

A alma quer uma árvore! Mais velha que a oliveira,
 Mais forte que o carvalho, de escuro verdecer,
 Conserva das suas folhas a eterna primavera,
 E luta com ventadas que açoutam a ribeira,
 Que a terra fam tremer.

.....
 (Mon cor estima un arbre! Més vell que l'olivera,
 Més poderós que el roure, més verd que el
 taronger,
 Conserva de ses fulles l'eterna primavera,
 I lluita amb les ventades que atupen la ribera
 Que cruixen el terror.)

¹⁸⁴ EL Pi de Formentor: Leiras faz a tradução poética deste poema em catalão, do que oferecemos os primeiros versos, assim como os originais de Costa i Llovera.

OS LUMES DAS RAPARIGAS

Se todos os lumes
Que as moças acendem,
Como os das cozinhas,
Pudessem fazer-se
Cativos ou grandes
Quando elas quisessem,
Já teríamos os homens acô a glória,
Que guardam para quando Deus nos leve.

QUISERAM VER-ME CEGO...

Quiseram ver-me cego de ambos olhos;
E gafo¹⁸⁵ de ambas mãos; e sem focinhos;
E, todo cheio de lastras e de piolhos,
Pôr-me, para escarmento, nos caminhos!...
Mas torce-lhe-la o diabo;
E nem isso hão de ver, nem eu lhes tremo!!!

¹⁸⁵ Gafo: que tem gafa, lepra animal.

MOXENA NO CORAÇÃO

Catar¹⁸⁶ pra atrás, dá-me pena;
No amanhã, penso não rindo;
E tanto, hoje, a estar sofrendo
Mau fado ruim me condena,
Que ando qual se uma moxena¹⁸⁷
Me estiver fixa queimando
No que de mais tenho brando,
Que é o coração... que não fora!
Que... então...antes... e ainda agora
Menos passara eu penando!

¹⁸⁶ Catar: captar, olhar, observar com cuidado.

¹⁸⁷ Moxena: faísca do lume.

47
A VER ...

Quem, na casa da mãe, petou à porta?
Quem é o que sossegar algo no á deixa,
Mentres meio dormentes tem às dores,
E, encolhida, no escano coteleia¹⁸⁸?
Quem a chama de fora? Quem lhe diz
Que se assome à janela ver a festa?
Quem no forno das suas arroutadas¹⁸⁹,
No já morto borralho escaravelha¹⁹⁰ ?
Quem sopra nele, cuidando topar lume
Que lhe faça quentar-se e dê a têmpera
Que hão pedirem as lutas e os perigos
Da lide crua que a sentir começa...?
Ah! Sois os seus filhos, os de longe,
Os de junto do Prata, os que pra ela
Sempre amor amostraram nos apertos,
E consolos tiveram às mão-cheias!...
Pois não faleis mais, meus irmãozinhos,
E achegai-vos melhor, já que a mão direita
Lhe pedis, pra beijar-lha, e as bagoinhas
Enxugar-lhas quereis entre as apertas!
E Deus vos veja vir, segundo cumpre
Para poder-lhe valer, e aginha erguê-la,
Antes de que se fine de tristura
Ou de fome enfraqueça;
Que do jeito que a têm as *duas pragas*,
Os mandões e a cregagem; meio cega
Como está de viver quase às escuras,

¹⁸⁸ Coteleia: dá cabeçadas com o sono ao amor do lume da lareira, no escano.

¹⁸⁹ Arroutadas: ráptus, ataques de cólera, génio vivo dado à aventura

¹⁹⁰ Borralho escaravelha: na borralha ou cinza revolve ou anda nela às voltas como o escaravelho.

Nem a ajudar-se a coitada bem acerta;
E os de acô todos temos as mãos tocas,
Pra o que querem os mais da pobre velha¹⁹¹ !...
A ver se tendes sorte e coa gaitinha,
Chegais a lograr que se espaireça;
A ver se tendes tento, e , sem cajadas,
Podeis fazer logo que se tenha;
A ver se lhe pondes no paranho¹⁹²
Um candil dos que acendem nas ferveças;
A ver se lhe roçais, e das escolas,
Os caminhos cangados de silveiras;
E a ver se abordelais¹⁹³ para que tire
Duma vez e pra sempre com a peia¹⁹⁴!

¹⁹¹ Pobre velha: metáfora referida à Galiza, como noutros casos semelhantes no poeta Leiras Pulpeiro

¹⁹²Paranho: espécie de andel

¹⁹³ Abordelais: ajudais, empurrais.

¹⁹⁴ Peia: para prender os pés das bestas, impedimento. No original escreve "piega", dialet. Mind.

MOINHEIRA

Ai! Marujinha, se qués que te queira,
Diz-lhe a teu pai que che doe uma leira,
Carro, e jugada, e uma meda de pão...
E não andes ao rabo com tanto galá!

Que se teu pai por aí não me leva,
Hoje ainda tenho eu côdea e fevra;
E, pra alampar¹⁹⁵, não cumpre casar;
Que tempo há de sobra para um se afogar!

¹⁹⁵ Alampar: passar fome, madurar antes de tempo, morrer.

49
CARIDADE !

Que ai-ais são esses doídos,
Que os corações tanto entalam
Que até os pedrinhos se abalam
Ao senti-los tão sustidos?
Por que andam despavoridos
Nessa veiguinha nomeada
Que, contra Serra Nevada,
Entre laranjos encerra
Essa per´linha¹⁹⁶ da terra,
Essa admirada Granada¹⁹⁷?

Ai!, essas queixas doídas,
Saem dos peitos coitados
De pobres desconsolados
Que choram hoje, perdidos,
Da alma anacos queridos,
Que esmagadinhos finaram
Nas choças que se esfondaram,
Nas igrejas que caíram,
Baixo penedos que abriram,
E em povos que se enterraram!

Nesse vergel recendente,
Do alarve¹⁹⁸ contínuo sonho,
Dês-que sendo dele dono,
O avassalou nossa gente;

¹⁹⁶ Per´linha: perolinha, pequena pérola, conservado aqui por razões métricas.

¹⁹⁷ Granada: todo este poema está ubicado em terras de Granada (Espanha), depois do terremoto de 1884.

¹⁹⁸ Alarve: árabe beduíno, aqui referido aos árabes de Granada, com saudade da que foi a sua joia.

Nesse chão espampanante
Tremou a terra, bruando,
E acima dela, ficando
Vão só ruínas e mortos,
E famintos, que confortos
Despidos vão implorando!

Ai!, esses ais doídos
São coitas dos que sem lar,
Sentindo ainda tremar
Os terreios já movidos,
Com olhinhos escozidos,
E já sem chorar poder
Prendinhas do seu querer
Vem já tristes ir, gemendo,
De porta em porta pedindo
As migalhas que hão comer!

Nesses agros floreados
A morte corre que voa,
E onde antes riam, não soa
Mais que o queixar de alveitados¹⁹⁹,
Que ao frio, mal agachados,
Sem agarimos aguardam
Ajudas que sempre tardam
Nesta terra mal regida,
Que faz refugio da vida
Dos que os leirinhos escardam!

Quando esses ai-ais doídos,
Que nos dizem da tristura

¹⁹⁹ Alveitados: tratados pelo alveitar, aquele que trata doenças dos animais. Aqui: maltratados.

Desses irmãos sem ventura,
Deixaram de ser sentidos?
Quando todos condoídos
De tanta calamidade,
Qual manda a Fraternidade,
Cumprindo o nosso dever,
Lhes saibamos atender
Praticando a Caridade!

TÃO GALHAMARDO !

E pensas, meu Xam Galego²⁰⁰,
Que es homenzinho ...acabado?...
Pois, n'ó o sonhes, mentres tenhas
Como quem diz aforados
Meio corpo ao senhor Cura,
E outro meio ao senhor Amo,
E a vida ao Rei, que cha joga
Por menos de um triste ichavo²⁰¹ !...

Não sei como assim te cegas,
E te pões tão galhamardo²⁰²!

²⁰⁰ Xam Galego: João Galego, símbolo de homem galego, sofredor e ignorante, que aparecia no semanário ourensão O Tio Marcos da Portela.

²⁰¹ Ichavo: moeda de pouco valor: oitavo, oitava parte do real.

²⁰² Galhamardo: com galhardia, presumido, que dá voltas, vaidoso, soberbo. É palavra empregada por primeira e única vez em galego por Leiras Pulpeiro.

51
E MAIS NÃO LHE DIGO²⁰³

I

Uma tardinha de agosto,
Das em que a gente se assa,
Andando ao sol, e se afogam
Os que na sombra trabalham,
Carregado de erva pra o gado,
E não, pardiola!, de chança,
Subia o Brais da Cajiga²⁰⁴
Pelo caminho que passa
Ao lado duma camposa
De Colasinha do Anha;
E em-que a cabeça c'ó feixe
Levava meio tapada,
Alupou²⁰⁵ por um boqueiro²⁰⁶
Que nela alindava as vacas
A roxa que ele tem louca,
A moça que ele corteja.
Calado seguiu ao pouso
Pousou nele, colheu faixa
Que no joelho já lhe ia;
Limpou coa ponta da manga
De suor testa e faceiras;
E sem olhar as rapazas,

²⁰³ E mais não lhe digo: romance rusticano em oitossílabos assoantes em –a nos versos pares, em que se contam cenas dos amores rurais entre Nicolasa e Brais, com detalhe de costumes. Original: *non llo digo*.

²⁰⁴ Brais da Cajiga: nome próprio rústico, composto por nome de pia (Bras) e da casa ou família (Cajiga)

²⁰⁵ Alupou: veu com lupa, olhou, veu às furtadelas.

²⁰⁶ Boqueiro: entrada em costa a uma leira ou campo.

Que ali havia com seus lotes,
Foi pegar coa que lhe piava.²⁰⁷
- E que tiveste nesse olho,
Que tem de sangue umas ramas?
- Ainda assim medre, o perguntas!
Lhe contestou Nicolasa,
Que, de lado, nas toupeiras
Escarvelhava coa vara.
- Mas, e que há logo?
-E não sabes?
És tu bem cara lavada!
Não sei como pra ti olho,
Fazendo-me as judiadas
Que tu me fá's!...
- Mas, que houve?
-Deixa-me de contos... Vaia!
Que estão estoutras à husma²⁰⁸,
E se ouvir algo lograram...-
- E ainda que ouviram... e que?
- Ai! sim, já, tu muito falas,
Mas depois eu sou quem perde.
-Sai logo à corte das cabras
Esta noite.
- Ai! não me atrevo
Que me sentiram da casa
Quando saí o outro dia,
E por um nada se arma...!
-Quando hemos falar então?
-Amanhá, se queres, na aira²⁰⁹
Da tia Fuca, ou não vais

²⁰⁷ Piava: falava, piava como os pintos da galinha, e aqui mais bem: gostava dela.

²⁰⁸ À husma: à espreita, observando a ver se ouvem ou apreendem algo. Há também o verbo ou osmar

²⁰⁹ Aira: dialetalismo: eira, terreiro ao pé da casa.

Pôr este ano na palha?
-Também é certo. Adeus, logo!
-Adeus, logo...! já que marchas!

II

Em Argomoso²¹⁰, e no Castro,
Uma casinha há bem branca,
Mesmo a rés de um caboço²¹¹,
E duma velha cabana,
Que dá ao campo da igreja,
À d' direita segundo baixam.
Noutra, que a banda de riba
Dela um pouquichinho quadra,
Que uns loureiros romãos
Dos vendavais a amparam,
Vive a do Pito, Farruca²¹²,
Que é pra os vizinhos avara,
Que até ronhando²¹³, diz, foi,
Buscar a gente pra a malha
Dos dez medeiros que tinha
Postos em renque na aira*.

Era de noite; n' o havia,
Fora de um cão que ladrara,
Nada que a calma turvasse
No lugar que descansava.
Mal despertas as galinhas

²¹⁰ Argomoso: aldeia ao Sul de Mondonhedeo em val profundo, onde um famoso Cura compôs vilancicos.

²¹¹ Caboço: nome dialetal do cabeceiro, cabaceiro ou celeiro para guardar o cereal, com dous pés, lousado, e corpo central de madeira.

²¹² Farruca do Pito: Francisca da família ou casa do Pito, também nomeada no poema como tia Fuca.

²¹³ Ronhando: roncando como os porcos, rosnando, murmurando em voz baixa.

De tudo não se espulgaram
Nos varais do seu poleiro,
Que ao pé mesminho da cama
Tem tia Fuca, quando ela
Sentiu como se pegadas
Dessem fora, e, a modinho,
Saiu à porta descalça.
- Nunca tu chegues, berrou,
pensaste, ora, que hei pelá-las
sozinha como acostumo?...
Não che* há de ser, folgazá!
Que o que é consinto primeiro
Que pelar eu só as batatas,
E não saísse eu coa minha,
Passar este ano sem malha!
- Senhora, não é tão tarde,
Disse de baixo Colasa.
- Para ti nunca é, rastoa²¹⁴!
Deus che* defenda a cachaça²¹⁵!
Se não andasses em tramas
Pode qua algo mais ganharas!

III

Anoitecia. Da igreja
Soaram ambas campanas,
Para em rezando os devotos
Pelos defuntos, às almas
Lhes procurassem alívio;
E o tal fizeram na aira*,

²¹⁴ Rastoia: como quem leva a rasto, pouso, lenta. No original: rastrona.

²¹⁵ Cachaça: lentidão das pessoas tranquilas. Não significa aqui água-ardente, como no Brasil, nem colo.

Bem de pressa, para dar
Duas ou tres pertigadas,
E escabeçar sete molhos²¹⁶
Que às cabeceiras ficaram.
Dadas que foram, e aginha,
Começou a espalhada.
Quando se fez, em gavelas
Foram pondo aquela palha,
Que pra o palheiro, as meninas,
Correndo e rindo, levavam.
A que postreira a levou,
Como quem vai de má gana,
Foi a mocinha de Brais,
Quem com ancinho e escada,
Andava dando-lhe voltas
Pra lhe aquelar bem as águas;
E ambos os dous se puseram
De parola à meia fala,
E estiveram não sei quanto...
E nunca tanto falaram!
Que ao precatarem-se os moços,
De que Colasa tardava,
Começaram já com coplas;
E por trás de umas ramalhas,
Foi velá-los um garoto,
Abrindo uns olhos de quarta.
Quando de ali a uma miguinha²¹⁷
Voltou buscar Nicolasa
Junto dos dez malhadores
A grã que, envolta na roupa,
Levar devia ao caboço,

²¹⁶ Molhos: monlhos, moios, feixes de palha de trigo e antiga unidade de volume.

²¹⁷ Uma miguinha: um pouco.

As corinhas da sua cara
Eram de certo mais roxas
Que a do seu dengue de grana²¹⁸,
Que enfarinhado de pó,
E um pouco torto, levava...
¿Que *Xuncras*²¹⁹ Brais lhe diria
Pra pôr-se tão colorada,
Encher-lhe o dengue de arestas,
E rebentar-lhe a amarralha
De agulhetar o justilho
Com que o seu seio apertava?

²¹⁸ Dengue de grana: pano de roupa que as moças levavam sobre os ombros e atado ao vão por detrás. De cor grana ou vermelho.

²¹⁹ Xuncras: Judas, eufem. Este poema costumista popular foi publicado em 1884 em O Tio Marcos da Portela, de Ourense.

O SINO DA MINHA ALDEIA

Não sei que tem no badalo
 O sino²²⁰ da minha aldeia...!
 Aquele som adorado
 Tremulando, que semelha
 Laio de algo que um recorda,
 E a conhecer não se acerta.
 Por que ferirá qual fere,
 Quando o vento o traz e leva?
 Por que dará como afrontas
 E o coração nos aperta
 Se é que de longe e entre luzes
 E só a senti-lo um chega...?
 Por que friagem e amargores
 Alô dentro sempre deixa,
 Ainda depois de morrerem
 Os seus ecos contra a serra...?
 Que fada lhe emprestaria
 Virtude tão rara e meiga...?

*¿Será que Deus co-ila fale
 Pra desperta-las concéncias...!
 ¿Serán lembranzas do céu
 O que nos fai notar ela...?*

Se as cobras, que ao som da fruta
 Se amansam, falar soubessem,
 A mais de quatro *doutores*
 Deixavam coa boca aberta!

²²⁰ Sino: No original vem *campá*. Os dous primeiros versos coincidem com a cantiga nº 143 de Cantares Galegos, 1911. Esta composição está integrada por quadras octossilábicas unidas, como o poema anterior.

O DOLMEN DA RECADEIRA

Acima de um coto²²¹ do Val de Brea²²²,
 N´um rechãozinho, que é tudo areia,
 Sobre uns penedos um croio²²³ há,
 Quem, como neles finca pouquinho,
 Se mal o olhamos desde o caminho,
 Mesmo figura que cair vai.

Mas, se, o que tal de longe pensasse,
 Ali subido bem reparasse,
 Conhece logo, que, qual está,
 Assim cem juntas de bois pusessem
 A turrar dele não o movessem,
 Como, diz, quis não sei quem já.

Vão muitos, muitos, junto ao tal croio,
 Que pra o nascente faz quase alboio²²⁴,
 Pra bem de perto podê-lo ver,
 E vem-no, é certo, mas n´adivinham
 Que é um daqueles que os celtas tinham
 Pra sacrifícios de homens fazer.

E como passam homens e crenças,
 E os menos tenham conhecimentos
 Que a aquela pedra lhe fam falar,
 Pouquinho a pouco vão-na deixando
 Sem os sinais que estão mostrando

²²¹ Coto: dialet. Alto, outeiro, pico. O Coto da Recadeira ou Recadeira está próximo a Mondonhedo.

²²² Val de Brea: Vale de Mondonhedo, vale do rio Brea. Deu também como resultado: *Vallibria* (Cabeceira de jornal mindoniense) e *Vatíbria* (nome oculto de seta maçónica).

²²³ Croio: coio, pedra redonda. Neste caso é uma grande pedra granítica.

²²⁴ Alboio: abrigo, alpendre, telhado.

Que, pra aquel' povo, foi um altar.

Não estivesse tão desfeitinha
Qual já se acha certa fochinha
Da que algo em riba ainda se vê,
Se mais soubessem que ali esganaram
Centos de pobres que então lidaram
Com os que aos nossos davam co pé.

.....
Ai!, pedra sacra pra aquela gente,
Bem tu nos dizes caladamente
O que coas aras de hoje farão,
Quando lá os homens que trás nos venham
Na estima justa e devida tenham
Os que ordem inda de Roma dão!

A D. CÉSAR SECO

(Na lembrança da sua menina morta)

Era raiola maiega²²⁵
 Que esvaia as névoas pardas,
 E aos avessos²²⁶ mais mortos
 Alegria dava e alma...!
 Por isso tudo desluz
 Onde ela adoito²²⁷ folgava,
 Desde que o Nubro²²⁸ engafado
 Pode, pra sempre, entoldá-la;
 Por isso secas já têm
 As doces fontes caladas
 Do consolo, os que em seus olhos
 Noite e dia se espelhavam²²⁹...
 Os que finar-se se sentem
 De não ouvir sua baralha²³⁰,
 Nem apajar²³¹ suas mãozinhas,
 Nem lhas masmir²³² a chuchar-lhas!

²²⁵ Raiola maiega: raio de sol entre nuvens no mês de maio. Poema assinado por Manuel Leiras o 2 de janeiro de 1911, dedicado à menina Elvirinha Gonçalves-Seco Seoane, filha de D. César

²²⁶ Aessos: lugares escuros e húmidos.

²²⁷ Adoito folgava: acostumava folgar, frequentemente jogava.

²²⁸ Nubro: espírito maligno das montanhas, nuveiro.

²²⁹ Espelhavam: viam refletidos no expelho dos seus olhos.

²³⁰ Baralha: barulho, fala, bulha. Noutro original figura *barcalha*, que significaria berço de criança.

²³¹ Apajar: apalpar com pequenos golpes, agarimar, acariciar.

²³² Masmir: dialetalismo Mindoniense: murchar, consumir, amassar.

DIANTE A CASA DE....

Por algo por fora és moura,
E ainda mais moura por dentro;
Por algo a tua mocha²³³ torre
Quere falar de outros tempos
Em que os paços dos fidalgos
Davam nojo e punham medo!
Ai! se uma onda aventoada
Che* varresse os alicerces
Quando os monstros dos teus donos
A fazer mal aprenderam!
Outra, e bem outra seria
A triste vida de feros
Dos que embaucados aí viste
E de aí saíram gemendo
Pra levarem até a morte
C' o pesar, tradeado o peito!
Não sei como ainda hoje duras!
Há que apalpar-se pra crê-lo!
Bem dizem que nesta banda
Somos os homens carneiros!
Que se não...depois que o lume
Cumprisse o seu por inteiro,
Andariam as tuas pedras
Correndo a todos os ventos...!

²³³ Mocha: sem remate, sem cabeça, baixa. Diante da casa de Leiras, na rua que hoje leva o seu nome no seu Mondonhedeo natal, onde há uma praça com uma estátua do poeta, ainda há uma casa senhorial de certo opressor que protagoniza o romance *A besta*, 1899, de Xam de Masma (Delgado Luaces).

56
FÁBULA

Posto num pau duma sebe,
Querendo-a botar de pincho²³⁴,
Feito gorjas quanto pode,
Quiquiriqui, disse um pito²³⁵;
E ficou lá tão runflante
Como um gajo cheio de vinho.
Mas, baixava ali um raposo
Rasante por entre um trigo
Do lado, e ao ver-lhe os fumes
E a gordém²³⁶ ..., lambeu o bico²³⁷,
Contando já com almoço,
E achegou-se-lhe, e de um brinco
Pilhou-no... e trás de um valado
Foi, à carreira, comê-lo,
Desde que ao gosto, c'os dentes,
O acariciou amantinho...!
Não bote ninguém por ela²³⁸,
E menos sendo cativo;
Que, ao melhor, sai um Peruxo²³⁹,
Que há sempre algum agachado
E ensina os cairos²⁴⁰, e co' eles
Apaja-lhe a um o pescoço;
E adeus canto e adeus fumes,
E igual que este, adeus galo!!!

²³⁴ Botar de pincho: fanfarrear, dar-se de valente.

²³⁵ Pito: pinto, frango, galo.

²³⁶ Gordém: gordura, graxa.

²³⁷ Bico: normalmente referido às aves. Aqui : focinho.

²³⁸ Não presuma, não fanfarreie.

²³⁹ Peruxo: Perucho, Perico, nome eufemístico do raposo, também conhecido na zona como *golpe*.

²⁴⁰ Cairos: dentes cairos, colmillos.

A PASQUAL VEIGA

Já Galiza não é gibardal²⁴¹ bravo;
 Nem lameiro mofado pela névoa;
 Já não é conto de quatro o que se diga
 Se recendem, e prazem sob costeiras;
 Já por fora, por longe que se vaia,
 Sabem quanto os galegos na alma levam
 De humilde bondade, e de ternura,
 De alento e de grandeza...!
 Que um menino da Paula²⁴², um demonete²⁴³
 Com mola afervoante na sua testa,
 E um coração ardente,
 Tamanho como os cotos de Tronceda²⁴⁴,
 Abriu todos os olhos, que ver podem
 E fez já calar essas más línguas!
 E fez...com só pôr-se direito,
 E, cara pra Castela,
 Dar ao vento, maininha²⁴⁵, uma *alvorada*,
 Das que ele repenica em arte meiga!
 Porque o tal canto seu levava o sugo,
 E os ulidos das violas e as amentas²⁴⁶
 Pilhados ao passar traspondo as lombas,
 E os saudosos rechãos das nossas serras!
 Porque o arrollo das suas mãos caidinhas
 Tinha o *aqueste* da doce bris´mareira,
 Quando veio roxo o sol, botando lumes,

²⁴¹ Gibardal: lugar onde há gibardas, plantas bravas com espinhas na ponta das folhas muito verdes.

²⁴² Da Paula: de Mondonhede. A Paula é o nome popular de um sino da Catedral de Mondonhede.

²⁴³ Demonete: diabrete, demónio pequeno, menino travesso.

²⁴⁴ Cotos de Tronceda: picoutos, montes altos próximos a Mondonhede, em Tronceda.

²⁴⁵ Maininha: calmada, suave.

²⁴⁶ Amentas: plantas com olor a menta, chamadas infantas. Violas está referido a violetas.

E algumas nuvens brancas no á peneiram!
Porque era misturança dos á rujos
Dos galos, de trouleio, pela aldeia,
Com acres e atafegos por que passam
Os doridos de amor que não se queixam,
E, calados, da alma as mágoas cobrem,
E caladinhos morrem, se se terça!
Porque iam suas branduras ensinando
Que esta banda galana é sempre aberta,
E sempre agarimosa, e sempre nobre,
E sempre dadiveira,
Ainda pras alburgonas das guripas²⁴⁷
Que a ultrajaram, roídas pela Inveja...!
iQue só assim se sente o que ela canta,
E só assim se canta como ela!!!

Bem pode Mondonhedo²⁴⁸ desde agora,
Em-que vista farrapos, ter fachenda*,
E sem se engurrinhar, a os que chegam
Abrir em par as portas, pra que o vejam!
Que, se paços não tem, nem tem alfaias,
Nem nada do seu velho glórias lembra,
Avondam-lhe pra honrar-se e pra que o honrem,
A *casinha* onde emburulharam a *Veiga*²⁴⁹,
A *fontinha* onde mais cantam as moças,
E onde ele as escutava: a *Fonte Velha*,
E o *campinho florido* onde os seus ossos
Da pátria aguardam a *cumprida of'renda!*

²⁴⁷ Alburgonas das guripas: mentireiras das fomentas. É um insulto arcaico.

²⁴⁸ Mondonhedo: No original escreve *Mondoñedo*, como outrás vezes. Este verso dá título a um livro ganhador do Prémio Fole de ensaio sobre a poesia.

²⁴⁹ Veiga: Pasqual Veiga, insigne músico autor do Hino Galego e da Alvorada (de Veiga).

Bem sabia que eu sou lume,
E também que tu és estopa...;
Porém tinha tantas ganas
De dizer-che tantas cousas,
Que, quando ali te topei
Tão de boa cara e sozinha,
Não tive já mais remédio
Que me chegar, minha pomba,
Sem atender a que o diabo,
Pra fazer mal, nunca folga...
Dava-no-lo o nosso sino;
E caímos; não há volta!

DIANTE A COVA DE PASCUAL VEIGA

Não che pete²⁵⁰ por erguer-te,
Que não se vê volta em nada...
Ainda que se ouve a Alvorada,
Ninguém chegou a entender-te...!

Como reza o “Nosso Pai”,
Sem sentir pinta o que diz,
Tal este povo infeliz
Canta o teu canto, maestro!
Porque todo ele enganado
E atotado²⁵¹ está pra o grande;
Não há quem lhe faça que ande,
Nem quem lhe esperte o sentido!

Mondonhedo, 1º de outubro, 1912.

²⁵⁰ Pete: dé, ocorra, apeteça.. Este verso foi glossado um mês depois, quando a morte de Leiras.

²⁵¹ Atotado: desconcertado, conturbado, impedido, açorado.

60
E NÃO SONHEM

Raiava ainda o dia
Quando ele já erguera,
Ficou um pouquinho
Catando a costela²⁵²
Mirrada e sem cores
Da fome e das penas;
Bicou dous meninhos
Que ao pé das rilheiras
Do leito dormiam
Num berço de vergas;
Tirou-lhe dous galhos
Na corte à bezerra
Que ela só compunha
Sua pobre fazenda;
Pilhou o gadanho;
Guardou na jaqueta
De broa²⁵³ duas côdeas
Mais duras que a cerna
E foi ao mainço²⁵⁴
Sachar a uma veiga.
Pelo ar e a cara com que ía, de fixo,
Maldiz a sua sorte coa língua pequena²⁵⁵.

Botou até as doze
Foçando na terra
Que igual que borralha

²⁵² Catando a costela: olhando para a mulher.

²⁵³ Broa: boroa, pão de milho.

²⁵⁴ Mainço: maís, milho graúdo.

²⁵⁵ Com a língua pequena: pelo baixo,, murmurando para si.

Fazia as borrecas²⁵⁶.
Então, quando os sinos
Tocaram na igreja
Sentou um pouquinho
Sacou as codelas,
Comeu-nas, tumbou-se
Não íinda o que levam
Dous credos a um crego
Rezando-os com pressa;
E à sacha do milho
Volveu toda a sera²⁵⁷
Sem dar tempo a que algo
Passasse a tosteira²⁵⁸,
pelo ar e a cara que tinha, de fixo,
maldizendo a sorte coa língua pequena.

Na casa, de noite,
Topou as lacenas²⁵⁹,
Sem pão, que o que havia,
No almoço comeram;
E envoltos no fume
Da lenha mal seca
Que ardia n'um pote
C'um fundo de afreitas²⁶⁰,
E os filhos pedindo
Com choros a teta,
Que, menos sorvida,
Já farta lhes dera;

²⁵⁶ Borrecas: terrão seco que se queima, cinza das bouças, batatas assadas nessa cinza quente.

²⁵⁷ Sera: tarde, serão. Termo raro em Mondonhedo, aqui conservado pela rima.

²⁵⁸ Tosteira: quando mais tosta ou quenta o sol, ao meio-dia.

²⁵⁹ Lacenas: móveis das cozinhas para guardar as comidas e tarteiras.

²⁶⁰ Afreitas: papas de aveia ou de aveia louca. Comida de pobres.

E onde eles, sentada
Por baixo, a parenta,
N´um braço do escano
Fincando a cabeça
Com as mãos cruzadas
De riba das pernas,
Pelo ar que a cara então tinha, de fixo,
maldiz a sua sorte coa língua pequena.

Depois que à vaquinha
Duas presas deu de erva,
Cearam as papas;
Correu as chavelhas;
Subiu, viu os guiches²⁶¹,
Chuchou-nos na testa;
Despiu-se; deitou-se,
fregando as chincheiras²⁶²;
e, trás de dar voltas
três horas e meia,
ficou moumeando²⁶³
como os que trasvelam:
Que mais ca mim bregue
Não há boi nem besta!
De carne e de vinho,
No corpo não entram,
salvo dia de Entruido,
nem pinga nem febra!
Calado, trabucos²⁶⁴,
Rendas e oferendas

²⁶¹ Guiches: meninos, cativos, pícaros em Mondonhedo e "guajes" em Astúries.

²⁶² Chincheiras: termo dialetal mindoniense para indicar as tempas, vidalhas ou lados da fronte.

²⁶³ Moumeando: rumiando, falando entre dentes.

²⁶⁴ Trabucos: pop. Por tributos, impostos, com alusão à arma de fogo ou espécie de bacamarte.

Paguei, em-que a anada
Pra mais não me dera!
E quando uma ajuda
Peço eu, se é que aperta
Na casa algo a fome,
Diz-me uns: paciência!
E os mais, que não o coma,
Nem vaia às tabernas...!
Ai! filhos da alma,
Que igual não vos veja!...
Faz falta que os pobres
Um dia se entendam!
E assim toda a noite levou, e, jurando,
Sentou-se duas vezes, pedindo a colmeira²⁶⁵!

.....
(E enquanto se aguentem, maldizendo a sorte
E o que este sonhava os labregos não vejam,
Será também pra eles tormento até o sono,
E só para o demo as venturas da terra)

²⁶⁵ Colmeira: forcada, também chamada galheta; pau com duas galhas para a erva; arma agrícola.

A LANCHA VELHA

Engalanada, no porto,
 Era a da palma, a primeira,
 E era a que avantava sempre
 Contra os ventos e as marés,
 Assim o ar refoleasse
 E a mar estivesse crencha²⁶⁶.
 Entre os cabos não havia
 Lancha melhor, nem mais feita!
 Mas passaram uns invernos
 E levaram-lhe a beleza,
 E ao comer-se-lhe a ferragem
 E ao esgonçar-se-lhe as costelas
 E ao não guardar as estopas
 Nas juntas todas abertas,
 Sobordaram-na; e né estrovos²⁶⁷
 Lhe deixaram; só lhe fica
 Ir podrecendo, arrumada,
 No areal, ao pé das penas,
 Sem amarras e esquecida...
 Até que uma vaga venha,
 E a esbandalhe, e có ela marche
 Sabe Deus pra que ribeira...

O que valeu e não vale,
 Como se nunca valera!

²⁶⁶ Mar crencha: encrespada de ondas, em feminino pela rima em –a predominante. O mar no Cantábrico é masculino.

²⁶⁷ N´estrovos: nem estrobos, nem aros de cabo para afirmar os remos ao tolete. Sobordar é desfazer.

UMA FESTA COMO HÁ MUITAS

De Mondonhede a uma légua,
 Não curta, por mais que digam,
 à esquerda daquela estrada
 Por que se vai a Castela,
 Num monte que há, bem costento
 Que só dá tojos e silvas
 Queirogas e algumas giestas,
 Numa esvencelhada²⁶⁸ ermida,
 Um crego, que mal lhe atende,
 Tem num São Cosme uma mina.
 E dela as melhores betas
 Sei que assim chovessem figas²⁶⁹,
 Colhe sempre o dia do santo,
 Que ali vão quantos o pintam
 Como nenhum avogoso,
 Pra nascimentos e doas.
 Era o ano... (não sei quantos,
 E isso que houvera sardinha,
 E rajo a feixes na praça,
 Pra levar pra encher a tripa)
 Ainda havia noite e noite;
 As taberneiras da vila
 Sabendo que, de larpeiros,
 entre os devotos, tal dia,
 não falta nunca fatado²⁷⁰
 mais que avondo pra que as bilhas

²⁶⁸ Esvencelhada: descomposta, meio em ruínas, referido à capela do santo.

²⁶⁹ Figas: tridente para pescar

²⁷⁰ Fatado: fato, rebanho, grupo abundante.

dos peelhos²⁷¹ nao se cerrem,
cara aos Samordás já íam
cos seus carretos pra armarem
onde muito não ferisse
o Nordés, que, afeitar pode,
junto ao *Funcras* da capela.
Diante eles, por um carreiro
Que de um rego vai pra riba,
E ao renlanço leva ao adro,
Quatro em conversa subiam.
Eram quatro dos que o agosto
Fam naquela romaria.
Eram: um cego... que alupa²⁷²
Quanto alupe o de mais vista;
Uma... que a ele faz de borne²⁷³
E é das que o diabo não pilha;
O sacristão, que aos romeiros
Põe o santo e toma as micas²⁷⁴;
E o que depois de olhar
Saca à poja as oferendas,
Com que os devotos regalam
Ao crego por dizer missa.
E digo o crego, porque eu
Figuro-me que nem pisca
De farangulha lhes toca
Nem ao santo, nem à ermida,
Que se falassem, quiçá,
Algo mais que eu diriam.
Desde que chegam, abriam

²⁷¹ Peelhos: castelanismo, de *pellejos*, para levar o vinho em peles. No original: pelexos.

²⁷² Alupa: vê com lupa, vê de longe e sem ser visto. Vê muito bem.

²⁷³ Borne: de caiado, de bastão, de lazarilho de cego.

²⁷⁴ Micas: moedas. Pôr o santo é dar benção com uma imagem pequena do santo e cobrar as moedas.

E entraram na sacristia;
Por certo, sem tão sequer
Ir tomar a água benta,
Nem botar as mãos às puchas²⁷⁵,
Nem esconderem as chitas²⁷⁶
Que na boca, então, levavam
Todos os quatro acendidas.
Assim que ali se meteram,
E o santeiro uma miguinha
Descansou, colheu um jarro,
E foi por água pra a pia
Que encheu até reverquer,
Como é mester pra que rinhas
Não tenham os que buscá-la
Vão cada hora pra mezinhas²⁷⁷.
Baixou depois do alçadeiro
Do altar, o Santo, que tinha
Duas polegadas de ronha²⁷⁸;
Limpou-no de baixo a riba,
E pô-lo nas suas andas,
Onde a tribuna, com fitas;
À palma que tem na mão,
Amarrou-lhe uma seringa
De cera, que uma romeira
Levara a véspera ainda,
Porque não sei que curara
Com sua água em lavativas²⁷⁹,

²⁷⁵ Puchas: dialet. Por chapéus ou mais bem gorras ou bonés.

²⁷⁶ Chitas: parte final do cigarro de tabaco liado.

²⁷⁷ Mezinhas: preparados caseiros para a saúde, remédios. Diferente de medicinas. No original: *man-ciñas*.

²⁷⁸ Ronha: costra suja, lixo.

²⁷⁹ Lavativas: usadas para purgar o organismo por via retal. Portanto, em sentido irónico, escatológico..

Junto às nádegas, que ardendo
Tivera desde que fora
Correndo uma vez da casa,
Quente de enfiar, pra a missa;
E diante, ao uso²⁸⁰, plantou-lhe,
De candeias de oito em libra,
Umhos²⁸¹ dez ou doze cabos
Que, por entre o ano, havia,
No caixão onde os ornatos,
aguardente e hóstias tinham.
Quando o Santo habilitou,
de um garavelo de brimbas²⁸²,
qu'ele levou, foi sacando
romeu, lesta e rainha Luísa;
e deles pondo raminhos
foi pelo pé e a cornija²⁸³
do retábulo, em buratos
que feitos tinha a polilha²⁸⁴.
Estrou o demais por baixo
Desde o altar até a pia;
Logo que estrou, bem estrado,
Pôs-lhe azeite à torcida
da lâmpada que há mais moura
que a caldeira menos limpa,
e, fregando as mãos, voltou-se
junto aos demais da quadrilha,
renegando da limpeza
que lhe dera sempre birra.
- Pois não devera, assim medre!

²⁸⁰ Ao uso: não achamos significado para a palavra "aluso" que aparece no original.

²⁸¹ Umhos: dialet. Mind. Por uns. Exigências métricas.

²⁸² Garavelo de brimbas: cesto ou paxe feito de vimes

²⁸³ Cornija: pare superior da parede. Aqui ornato do retábulo do altar da ermida.

²⁸⁴ Polilla: cast. Polela, traça, caruncho

Tendo o crego desta chirla²⁸⁵.
Saltou o cego sacando
Da gaveta onde ele a vira
A garrafa da água-ardente.
- E leve o demo, se uli-la
Não soubeste?
- Não que logo...
E mais sem prova devias
Ficar, já que a guardavas
Sem dar sequer uma chisca²⁸⁶...
- Abofelhas²⁸⁷!
- Abofelhas!
- Bom irás tu, se é que há pinga!
E o garrafão lhe agarrou;
E viu, ledó, que ainda tinha;
E botou por ele um groló,
E espirrou, e junto à pícara*
Com certo *aquel* foi sentar-se;
E entre gotos²⁸⁸, e entre risos,
E falando do que a festa
Por não chover, prometia,
Passaram o tempo mentres
Os cregos chegando no íam.

II

Quando as primeiras raiolas
Por trás o Fiouco²⁸⁹ alumavam,

²⁸⁵ Chirla: líquido insípido, aqui eufemisticamente referido ao bagaço ou cachaça.

²⁸⁶ Chisca: um chisco, um pouco de algo.

²⁸⁷ Abofelhas: dialetal. Por abofé, a fe minha, seguramente.

²⁸⁸ Gotos: literalmente pingos, grolos, tragos.

²⁸⁹ Fiouco: monte que se vê desde o Alto da Gesta pelo nascente. O Cristo do Fiouco está na estrada entre Lindim e Riotorto.

Ao pé de um muro que cerra
Ainda a ermida, e mais tem pandas²⁹⁰
Desde há anos, já as tendas
As taberneiras armaram,
Com carros e com ladrairos²⁹¹,
Com casqueiros²⁹² e palancas,
E no adro, n'um recuncho²⁹³,
Numa mesa, que a toalha
Compridamente cubria,
De roscas, garnacha e canha²⁹⁴,
Duas raparigas xarelas²⁹⁵
Puseram tal abundância,
Que arrumavam pouco menos
Que uma meda das da Chaira.
Aquilo sim que era cheia!
Quase já turvação dava!
E digo: que pra comer,
Não sendo de erva ou de palha
Pras bestas, o que é pra gente,
Nunca tal vi nem sonhara.
Reparastes nas pedreiras,
como a pedra, de arrancada,
Põem em montões, pra que logo,
Seja doado carregá-la?
Pois igualinho se viam
De bom pantrigo as fogaças,
Onde não por entre os pés,

²⁹⁰ Pandas: faltas nas pedras, enfunadas, afundidas.

²⁹¹ Ladrairos: tábuas laterais dos carros tirados por animais.

²⁹² Casqueiros: anacos de madeira com cortiça, o que sobra de serrar a madeira em tábuas.

²⁹³ Recuncho: recanto, lugar apartado e pequeno.

²⁹⁴ Garnacha e canha: vinho de baixa qualidade e rom feito de cana de açúcar, bebidas correntes então.

²⁹⁵ Xarelas: brutas, foscas, mal arrançadas.

Pode-se dizer que estradas.
De lacões, como alguns santos,
Respeitosos pelas barbas;
De chouriços, que bandulhos
Pelo gordos semelhavam;
De empanadas²⁹⁶, peixe e trutas
E queijos desses que chamam
Pelo tinto..., era um milagre
De cestas o que levaram.
E de vinho, ou, melhor dito,
Da mistura cacholana²⁹⁷,
Que por tal todas vendiam...?
Sei que aventureiro que de água,
Todos os bois da paróquia,
num par de meses de grada²⁹⁸,
não beberam os peelhos*
que ali o trafego esperavam.
Tinham o menos dez dúzias
Arrimadinhos às tábuas.

III

Pouco depois de amanharem
Seu tratinho as taberneiras,
numa égua de seis palmos
e seis pol'gadas e meia,
na capa envoltos entrambos,
chegaram junto das tendas
o crego e mais a sobrinha,

²⁹⁶ Empanadas: empadas, pastéis de massa com recheio de carne ou peixe.

²⁹⁷ Mistura cacholana: vinho ruim e misturado, que se sobe à cachola ou cabeça. É nome despetivo.

²⁹⁸ Grada: trabalho duro de lavrança que se faz com a grade, ranhando a terra.

que era bonita e quinzena²⁹⁹.
Apeou-se ele, e ajudou
A baixar-se à companheira;
Deu-lhe um berro ao sacristão
Pra que arrecadasse a besta;
Botou-lhes quatro fungadas
Às que no adro puseram,
por lhe cangarem o sítio
onde pojam oferendas;
e colheu pra a sacristia,
olhando de passo a igreja,
Na que só viu que faltava
Diante do santo a bandeja.
Dentro já, quitou a espora,
Sacou cigarro e mais mecha
Deu ao isqueiro, fez do lume,
E acendeu; disse a maneira,
E o recanto onde queria
Lhe ponham o que caísse;
E ali esteve dando voltas,
E uma vez e outra a cabeça
Por trás a porta assomando,
Quando chincar as cadelas³⁰⁰
Junto ao Santo não sentia,
Até que a ermida viu cheia,
Que saiu pra diante o altar
A dispor bem a colheita,
Pra missa, que ele diz sempre
Pela intenção dos que of´rendam.
Que boa foi; pois no´ acabara

²⁹⁹ Quinzena: de quinze meses aplicado a animais. Aqui de quinze anos, adolescente. Note-se a ironia.

³⁰⁰ Cadelas: referido a moedas de pouco valor, por influencia dos cast. "*perras chicas*".

Bem as palavras primeiras,
E aquilo já nó´ era ermida
Senão um campo de feira,
Onde havia lutas, e pulos,
E juramentos, e apertas,
Pra de mão em mão passarem
Por em riba das cabeças
Sacos com favas e grá,
Cuncos com mel e manteiga,
Cestos com frangos e ovos,
E lá em guedelhas e cerda ;
E até pra não faltar nada,
Leitões, castrões e ovelhas,
Puseram na sacristia,
Tal como o crego dissera,
Antes que ele e a companha
Que entrar por detrás tiveram,
Se amanhassem, pra saírem
Dizer a missa da festa.

IV

Feita a função, que saiu
Como outra não recordamos,
Pois não faltou nem requinto
Com tambor pra quando alçaram;
E houve sermão de dous pesos³⁰¹;
E queimou-se incenso largo
Que, por certo, consolou-nos,
Com estar meio apagado,
Esvaindo outro que havia,

³⁰¹ Peso: unidade monetária espanhola equivalente a cinco pesetas.

Qual há sempre em tais casos;
Saímos como pudemos
Dando empurrões e puxando.
-Vaia que lá como esta
Não a teve já faz anos...
(Diziam naquele instante
Rematando o oferendado)
- ¿Quem é o que a leva num lote
Por n' andar arromanando³⁰² ?
- Dou quarenta reais por ela,
Berrou um.

- Quarenta e quatro,
Respostaram desde a igreja.
- Ai! minha mãe! Ai! Meu braço!
Ai!, desgraçada de mim!
Ai!, que sei que mo esnogaram!³⁰³
Saltou no aperto uma moça
Torcendo-se e dando laios.
E tal rebúmbio³⁰⁴ se armou,
Que por um nada a mocaços³⁰⁵
Não começam, quando o crego,
desde a porta, baduando³⁰⁶,
quis ensinar-nos a todos,
que aquilo no era um mercado;
Mas disse a tempo o do outro:
Com estes bois eu não aro!
E foi-se amainando a gente,
Ainda que não sem trabalho;
E voltou a lá a pojar-se;

³⁰² Arromanando: pesando com a pesa ou balança "romana" de ferro, manual.

³⁰³ Esnogaram: quebraram, escordaram, deslocaram.

³⁰⁴ Rebúmbio: ruído, algazarra, confusão, alvoroço.

³⁰⁵ Mocaços: golpes com a moca ou vara rematada numa bola.

³⁰⁶ Baduando: falando mal, despotricando, farfulhando.

e trás dela cinco bácaros*;
e depois todo o demais,
Que deu o demo de notas.
Assim que as guardaram, mesmo,
Fora a procissão sacaram.
Saiu primeiro um rapaz,
De foguetes, cum braçado;
Quase em par dele, o mordomo,
Com mecha pra os ir tirando,
E o do tambor e o gaiteiro,
Que ía tocando um fandango;
Enseguida, có o pendão,
Um filho do fabricário;
Logo o da cruz, e uma moça
Muito bela com o ramo,
Que tinha roscas tamanhas
Como uma roda dum carro,
E isso que eram das de Meira³⁰⁷,
Feitas co açúcar mais branco;
E detrás das oferendas,
Com suas candeias ardendo,
Meu São Cosminho glorioso,
Cheio de fitas e ramos,
E os bazunchos³⁰⁸ dos três cregos,
Cantando muito entoados
Seus cantos, que tanto encantam...
Mentres os sinos picando,
E os foguetes que atroavam
Qual cem batões³⁰⁹ ou cem maços.

³⁰⁷ Roscas de Meira: famosos doces desta vila da Montanha lucense, que colgavam do ramo.

³⁰⁸ Bazuncho: gordo, barrigudo, referido aos curas por comelhões. Note-se sempre a ironia irrespeitosa.

³⁰⁹ Batões: máquinas de moinho com maços para bater a roupa, que produzem muito ruído.

V

Alô pela meia tarde,
Dês-que um bocado e uns grolos
Tomara a gente, aos abrigos
Dos cerrumes e dos tojos;
Quando, tecleando os cegos
Nas sanfonas, trás dos codos³¹⁰
Andavam pelas merendas
Em que husmavam cesto e boto³¹¹,
Pouquinho a pouco os rapazes
Deram em colher pra o corro,
Onde bailavam, que estava
Qual não se vira há muito;
Pois, em-que todas as boas
Se houvessem posto de acordo,
Não foram mais nem melhores
Nem na Paula, nem do Corno,
Nem de Lindim, nem de Masma,
Nem das Goás, nem de Montouto.
Vaia umas moças aquelas,
maiormente as de Argomoso³¹²!
Andava uma na baila
Dançando c'um peilamoco³¹³,
Com pano de lã marelo,
Por riba com arte posto
Pra que pudesse luzir-se
Na testa o cabelo um pouco,

³¹⁰ Codos: côdeas de pão com que cobravam esmola e os obsequiava a gente.

³¹¹ Boto: bota de vinho feita de pele. O cesto, com comida abundante.

³¹² Argomoso: Lugar próximo a Mondonhedo, no caminho da festa do São Cosme. O poeta amostrou esta preferência em vários poemas. Os outros lugares ou são da Montanha (Goás, Montouto) ou próximos a Mondonhedo (O Corno, Lindim, Masma)

³¹³ Peilamoco: pop. Pailaroco, moço rústico e bruto.

Com o seu dengue de grana
Bem caído e bem redondo,
Com saia capada e curta,
Com mandil de chilões³¹⁴ roxos,
E umas meias ajustadas
E uns sapatinhos de couro...
Que, sem mentir, parecia,
Sobretudo pelos olhos,
Nem assustados nem musgos,
Muito rasgados e mouros
E a boca doce e fresquinha,
E o colo que nem ao torno,
Com outras cousas bem feitas,
Que por criança não digo,
Uma galega, galega,
Das que pinta Alfredo Souto³¹⁵,
Que são galegas que falam
Muito à alma e muito ao corpo.
Estava baril³¹⁶ ao d' reito!
De arriba abaixo, recoiro³¹⁷!...
No ´era milagre que ao rabo
Levasse um fato de moços,
Nem tambem não que entre luzes
Tolessem³¹⁸ até os mais cordos;
E que, por dar ou não dar
Com ela voltas no corro,
Depois de rosnarem baixo,

³¹⁴ Chilões: Chilom é segundo o Dicionário Electrónico Estraviz (Pglingua.org), aquela faixa com que se adornam os refaixos de cor diferente.

³¹⁵ Souto: Alfredo Souto, pintor de costumes galegos e belas moças do país. O anterior corresponde à descrição pormenorizada do cânone de beleza da mulher, manifestada também noutros textos do poeta.

³¹⁶ Baril: muito boa, fantástica, ótima. *Baril ao direito* é expressão feita, aqui sincopada.

³¹⁷ Recoiro: eufem. Possivelmente para evitar outra exclamação mais forte.

³¹⁸ Tolessem: enlouquecessem, tornassem loucos de amor ou desejo.

Se fitassem, e cos mocos
Dessem as razões, e houvesse
Croques às cheias pra muitos;
Até que quatro ou seis deles,
Mais mancados³¹⁹ ou mais frouxos,
Se queixaram, e os “civiles”³²⁰
Se percataram do conto,
Que mataram³²¹ de contado
Prendendo a uns... pelos outros,
Que, mais cucos³²², já pra a casa,
Voltavam sãos e inchados,
At´ rujando, os sem parelha,
E os demais como o raposo,
Quando por trás dos palheiros,
Anda fazendo o seu choio³²³.

³¹⁹ Mancados: lastimados nas mãos, em geral : feridos.

³²⁰ Civiles: nome popular da Guarda civil. Aqui seriam os guardas civis, então única polícia rural.

³²¹ Mataram: puseram fim, remataram.

³²² Cucos: vivos, espertos, listos, como o cuco, pássaro que não se deixa ver, só ouvir cantar.

³²³ Choio: popular: (assunto feio, pouco honorável, trabalho fácil, no caso do raposo, roubar).

63
JÁ COMEÇA

N´um ledão recantinho floreado,
Batido pelas ondas de um mar fero
O povo de virtudes mais colmado,
O meu, que tanto eu quero!
Geme triste, faminto e esfarrapado!
E geme, porque nunca pra ele olharam,
Nem sequer os que ergueu, dê-que subiram,
Não sendo quando os filhos lhe pediram,
Ou ouro precisaram;
Ou se algum estrangeiro,
Dos que arredor de nós sempre observaram
Quis, louco!, pôr-nos cabeceiro...³²⁴
E então, para ele, voltaram as olhadas,
Conhecendo o que val´ pras arrufadas;
Porque já dê-que a Aníbal, alô em Trévia,
Lhe deram a vitória
Os moços da que logo foi Suévia,
E dê-que Wellington, alô em Lesaca,
Cubriu de eterna glória,
A nossa divisão, despida e fraca,
Sabido é que, se em bem parece calma,
prà guerra teve sempre sobra de alma...
Mas, não muitas serão as fadas más,
Que te façam laiar, minha terrinha;
Pois começa a sentir-se a refoladas³²⁵
Uma doce brisinha
Que consola as alminhas magoadas,
De aquilo que na testa lhe bulia

³²⁴ Pôr cabeceiro: pôr as rendas que se lhes põem aos cavalos na cabeça, para levá-los mansos.

³²⁵ Refoladas: ráfegas ou lufadas de vento

Ao nobre marechal Pardo de Cela,
Da liberdade mártir, quando via
Triunfantes os da força e da cuitela,
Ficou muita semente
Que vai pouquinho a pouco ressurgindo;
E em-que o povo geme ainda tristemente,
Já quase vem abrindo
O dia da Justiça, em que hão livrá-lo
Dos que o alouminham só para sangrá-lo!

OS PICARINHOS DE UM POBRE

Co seu carrinho de nabo,
 Diante da triste cabana,
 Os picarinhos³²⁶ de um pobre
 Correm, saltam e algareiam.
 Não sei que me dá ao vê-los,
 Pensando no que os espera
 Logo que, algo mais medrados,
 Meio entendimento tenham!
 Não sei que me dá que naide³²⁷
 As suas alminhas singelas
 Com amor o Bem adote,
 Pra que o Bem, bem nelas prenda!

.....
 Deus lhes valha, ou os recolha,
 Se hão ver ao lobo as orelhas!

³²⁶ Picarinhos: dialet. : meninos, meninos, crianças.

³²⁷ Naide: castelanismo e dialetalismo.: ninguém.

A MENINA LOUCA

Quise-a levar da mão,
Pra que passasse a congosta
Dos quinze anos sem tropeço,
nem em lameiras nem voltas;
e ela ficou...calada,
sem deixar, nem botar fora.
Porfiei eu, reparando
Que estava como uma toupa,
E assim sem ver, onde queira,
Torce mal um ou se entoca
E então...já fugiu a brincos,
Rindo-se feita uma louca,
Corre aqui, corre acolá,
Levada de apanhar rosas,
Que entre as silvas das beiras
Roubavam-lhe a atenção toda...
Não havia um ano, ainda,
Quando a topei, minha joia!
Só lhe ficavam os olhos,
Pra botar olhadas mortas,
Que chegavam até a alma
Entulhando-a de congostas!...
Tal falavam das dores e amarguras
Daquele anjo de Deus, coas asas rotas!!!

66
JUDEU!

Marmelando coas gengivas³²⁸
Da bola n´um grande anaco;
Com a jaqueta nos ombros,
E com a xostra sob braço;
Pela portada da bouça
Saiu da casa Santiago,
O que a Gimil, pra casar
Foi pela filha do Branco.
Escorrentou as galinhas,
Que veu estar escalando
De cebolinho nos sucos,
Que, qual deviam, tapados
Não estavam; foi onde eles;
Tapou-nos; saltou uns bargos³²⁹,
E tomou por contra o rego
Que baixa linda, lindando
C´um leiruco onde ele chufa
Que colhe sempre bons nabos.
Dês-que passou um cancelo
Que quadra junto a uns canhos³³⁰,
Seguiu pela carrilheira
Que arredor vai de uns prados,
E torceu pra um casario,
Que um cabanão sem lousado
E um forno sem beiril tem
No Pomarinho de abaixo.
Ao pé da porta, sentada,

³²⁸ Gengivas: pop. : engivas, por gengivas. Marmelando é mastigando, ainda que marmelo é um fruto.

³²⁹ Bargas: lousas ou lajes de pedra que fazem de parede quando são postas em vertical.

³³⁰ Canhos: restos de palha despois de malhada.

Pondo um remendo num pano,
 Topou com a comadrinha
 Que ele ia então buscando,
 E a conversar entre os dous
 Deste modo começaram:
 -Bom dia, ai! tia Lourença.
 - Santo e bom, tio Santiago.
 -E como rege esta gente?
 - Graças a Deus, vai andando.
 Pela casa...e a comadre?
 - Nem por isso; que esse flato,
 Que lhe arrimou aos quadris,
 Tem-na, que nem um arame,
 - Valha-lhe Deus! Que também
 A pobre tem bons trabalhos
 Agora sobre os seus dias!...
 E el os tormentos são manhos³³¹?
 - Se são manhos!...houve vez
 Que, não podendo abafá-los,
 Me pediu chorando, a berros,
 Que, pela Virgem do Carmo³³²,
 Lhe escachiçasse a cabeça
 Pra n'ó-estar mais aguantando;
 E quando a tal chegou ela...
 Vaia que, juro a deus Baco!...-
 - Devia ter bons afrontos³³³!...
 - Nem os cadelos, caráfio³³⁴!
 O que ela passa sofreram
 Sem adoecerem³³⁵. E é pasmo,

³³¹ Manhos: tamanhos, muito grandes. Manhos, de magnos. O pronome el, impersonal, é dialetalismo.

³³² Virgen do Carmo: rel. Crença popular. No original está *Virxe do Carmio*, pouco frequente.

³³³ Afrontos: mal-estar físico, fadiga. No original escreve : *afritos*, palavra hoje desconhecida.

³³⁴ Caráfio: eufem. Por caralho!, como expressão. Também se usa "caracho".

³³⁵ Adoecer: voltar doente, e aplicado ao cães, ter a doença da raiva.

Que tendo já tanto tempo
Como ela tem, não tomando
Mais que bem pouca farinha,
E de vinho algum papado³³⁶,
Se aguante forte do trovo³³⁷,
Qual se tivesse vinte anos.
- Pois deviam de of´recê-la
Com uma missa ao São Câmpio.
- Puparralha³³⁸!...Já lhe foi
Ao São Cristovo este ano...
- E não lhe deu bom alívio?
- Que alívio, nem que raio!
Se ao cirurgião ela fora
Qual eu cada hora lhe mando...
- Não diga isso, compadre,
- Bom logo; pois se o jato,
Ou os rapazes lhe enfermam
Descuide-se em mezinhá-los
Fiada nessas farfalhas,
E já verá o resultado.
- Já o vimos entre os vizinhos;
Pois, deles há três ou quatro
Que nunca bem se limparam
De tumores³³⁹ se ao São Câmpio
Não se of´recessen, e foram
De caminho que pra os banhos
Iam a Foz³⁴⁰...

³³⁶ Papado: encher os papos ou façulas com um grolo de líquido.

³³⁷ Trovo: significa colmeia de abelhas, mas aqui está referido à caixa do peito ou ao coração e pulmões.

³³⁸ Puparralha!: expressão ainda hoje utilizada pela gente de certa idade, que significa: parvadas, paparruchadas, bobagens, palavras que não servem para nada, cousas de sandeu...

³³⁹ Tumores: furúnculos supurantes. No original vem: *pánxemas*.

³⁴⁰ Foz: vila de pescadores com a famosa praia da Rapadoira, onde iam aos banhos as gentes de Mondonhedo e da Montanha pelo mês de setembro como terapéutica. Eram as "carolos".

- Ai!, canté!³⁴¹

Pois não os curou o santo!

- E logo quem foi, judeu?

- Foi-lhe um sangrador de gado

Que lhes mandou ir ao mar,

Quando dele aconselharam,

Um dia que a comprar linho

Foram à feira de Castro.

- Por que, então, se ofereceram?

Por que a Fazouro³⁴² descalços

Foram, logo?

- Por ser burros

E pensar que pode um santo

Governar quanto lhe peçam;

E que, qual fã os godalhos³⁴³,

Ao direito serve só,

E mais aginha aos que cartos³⁴⁴

Lhe deem...

- Ai! compadrinho,

Não diga que é batizado!

- Pois eu fui-lho; mas eu fui

Fabriqueiro mais de um ano,

E daquela, os mesmos cregos

Pensar assim me ensinaram

Co' o que eles dizem ao ver

As oferendas do santo,

³⁴¹ Canté!: expressão de desejo, o mesmo que "quanto há que esperava isso", já o dizia eu, aí está!...

³⁴² Fazouro: (Foz do rio Douro), paróquia do concelho de Foz, na costa, onde se celebra o São Câmpio.

³⁴³ Godalhos: bode, macho cabrio em cio, homem desonesto, mas também aguazil ou empregado da justiça que cobra os tributos, que é o que significa aqui. Noutra ocasião dizia: Veio o godalho e levou-me/ quanta grã tinha na casa. (Cantiga nº 57)

³⁴⁴ Cartos: notas, dinheiro. Não tem adaptação a quartos e conserva-se por ser palavra viva e pela rima.

Que, rindo-se entre eles, chamam
Oferendinhas do papo;
Não são poucas, com certeza,
As que entrar fam no seu saco
Com séculas³⁴⁵ que já cheiram ,
E com continhos que calo...
- E porquê os cala?

- Por que?

Porque não quero abatalos³⁴⁶
Com você que é besta velha,
E das que n' o-entram em passo.
Com que, deixemos o conto.

- E que parece que saltando
Me estão as moas ouvindo
Desconfiar de São Câmpio,
Como se qual os mais fosse;
Quando sabe que um baldado³⁴⁷
Houve que ali em angarilhas³⁴⁸

Uns farautes³⁴⁹ o levaram;
E que, por só ouvir a missa
Colhido a candeia santa,
pelos seus pés, para casa,
pode voltar já bem são!...

- Olhe, comadre, não vim
Correr o caminho andado
Pra andar com santos às voltas;
Porque nem pisca lhos trato,
E porque me importa mais,
Se é que a um ajuste chegamos...

³⁴⁵ Séculas: palavras em latim que não se entendem bem, de sécula seculorum. Original: sécolas.

³⁴⁶ Abatalos: termo obscuro, referido a batalha, luta, e talvez desgosto, abatimento, ou discussão

³⁴⁷ Baldado: um que se tornou inútil, tolheito, impedido fisicamente.

³⁴⁸ Angarillas: para transportar pessoas doentes, não para resguardar louça.

³⁴⁹ Uns farautes: uns medianeiros, uns guias intérpretes.

- Que ajuste nem que demónio
Hei fazer c' um condenado
(Deus mo perdoe) que fala
Como você

- O de uns leitões
Dos dez que lhe trouxe a porca.

- Já os tenho meio ajustados.

- Meio ajuste é chico preto,
Que a nada deixa obrigado.

- Bom, bom, mas...

- Não venha agora

Qual em tudo com reparos;

Se de vendê-los tem gana,

vamos, pra vê-los, ceivá-los.

- Vamos, logo...; mas, de dous...

- De dous, que?

- Não me desfaço,

Que os tem o filho escolhidos,

E ainda penso que assinados...³⁵⁰

- Vaia você, tia Lourença!

- Pois, vamos logo...

- Pois vamos.

Deixemos ir: nada sei

Do que depois baralharam;

Mas como ele em dous verbos

Quere fazer sempre os tratos,

E ao revés, ela não sabe

Senão andar regateando,

Creio de mim que sairiam

Qual se tratassem de santos.

³⁵⁰ Assinados: assignados, marcados, sinalados.

BEM A ALMA MO DAVA !

Andando de ruada³⁵¹,
 Certa noite, que me há ser recordada,
 Tal de lamas estavam os caminhos,
 E tão pouco se via
 Num carreiro que às tentas eu seguia,
 Que, sem me pecatar, dei numa moça,
 Resvalou-me um dos pés, e ambos juntinhos
 E agarrados caímos numa poça.
 Em-que eu bem conhecesse
 Que em nada se aquelara³⁵²,
 Pois não se ressentira, nem sequer
 Pelo aquel³⁵³ de que sempre ser cumprido
 Com as moças é bem, ainda caído,
 Perguntei-lhe maininho se doera;
 E, qual se por vergonha não falasse
 Do que ela lhe doía,
 Começou-se a torcer... qual torceria
 Se um torção³⁵⁴ de barriga lhe pegasse.
 E então, por saber eu bem onde chegava,
 Como quem que, parvinho,³⁵⁵
 Semelhantes panjolas³⁵⁶ não sabia,
 Passando-lhe uma mão pelo biquinho,
 Saltei: Vaia, Catuja³⁵⁷!
 Também sei que te viu alguma bruxa,

³⁵¹ De ruada: às moças e de pândega pelas ruas e caminhos.

³⁵² Aquelara: atinara, arranjar. Mas aqui significa doera, lastimara ou fizera mal em "aquilo".

³⁵³ Aquele: neste caso é diferente do pronome pessoal aquele, e significa motivo, razão, aquele dever.

³⁵⁴ Torção: torcedura. Aqui significa cólica de ventre que lhes dá aos animais, aos cavalos.

³⁵⁵ Parvinho: fazendo-se o parvo, o sandeu

³⁵⁶ Panxolas: contos e cantos infantis, acenos falsos.

³⁵⁷ Catuxa: nome familiar hipocorístico de Catarina.

Pra magoar-te em zoupada³⁵⁸ tão cativa,
Caindo sobre a charca,
E havendo-te sustido eu pela ilharga.
- E que mesmo ao caíres tu de riba,
(Resposta logo ela),
Com esse diabo de moca³⁵⁹ aqui me deste,
E sei que em lardo vivo me puseste.
E se não... traz e cata...; e da mantela
Desviando uma ponta,
Uma mão me levou sobre uma junta...;
E tentei-lha...; e tinha-a tão maçada,
que estava como as papas magalhada³⁶⁰!
E nunca tal fizera!
Nem qual soube cair antes caíra;
Que à chola³⁶¹ tais cousas me vieram
Ao topar com aquilo de aquel' jeito,
Tal latejo senti dentro do peito,
E pavorias tais, ai! sim me deram,
Que todas mas custou pôr-me direito;
E juro que, se me então ali furassem,
Nem de sangue uma pinga me sacassem.

Bem a alma mo dava! Desde aquela,
Com o que a mim me apenou tal maçadura
Quase pondo-me vou como uma astela,
E da morte semelho já a figura.

³⁵⁸ Zoupada: pequena pancada ou queda, sem importância, ainda que aparatosa.

³⁵⁹ Moca: pau, vara. Aqui com segundas intenções eróticas.

³⁶⁰ Magalhada: magullada, inchada, viscosa como as papas de centeio ou trigo. Devia ser: magoada.

³⁶¹ Chola: cachola, cabeça, à mente.

- Vaia, mulher, que faz falta
 Não ter vergonha, abofelhas!³⁶²
 Pra andar de riba pra baixo
 Com o franchute de mécara!³⁶³
 - Mas, minha irmã, se não posso
 Torcer-lhe a cara, em-que queira!...
 Olhaste bem como pinta
 Com essa roupa que leva?
 Tu sabes o que ele me diz
 Com aquela meia língua?
 - Com tudo o que tu lhe aches
 E muito mais que tivesse,
 Não sai de ser um demónio
 Um ladrão, um sem consciência,
 Dos que no lugar entraram
 Queimando casas e medas,
 E devias com a fouce
 Ter-lhe segada a cabeça!...

- É-che o patrão da vapura
 Que colhe tanta sardinha
 - Ditoso ele se a comê-la
 Não se afoga coas espinhas
 - Ai, mulher, e fez-te algo
 Pra amostrares assim birra?³⁶⁴

³⁶² Abofelhas!: expressão de afirmação, a fé minha, abofé, com certeza

³⁶³ Franchute de mécara: eufem. Por afrancesado de merda.

³⁶⁴ Birra: ódio, repulsa, teima.

69
MUITOS!

Que che* passa, pequerrecho?
Lhe perguntei a um menino,
Galano³⁶⁵ como uma estrela
Que esfameado e quase espido
Diante duma ruim cabana
Encontrei só e gemendo.
E, minha joia³⁶⁶ !Nem verbo
Soubo dizer, mais ouviu-no
Uma velha que husmando
Por um mainelo³⁶⁷ os focinhos
Assomara mais abaixo,
E entrometendo-se disse:
- Que há de ter a minha alma³⁶⁸
Senão fome e muito frio,
E como ele quatro irmãos
Sendo igual que esse cativos
E estando sua mãe doente,
Não tendo um sacre³⁶⁹ os pobrinhos!
- E seu pai?...perguntei eu.
- Finou-se-lhes n um caminho
De um solação que pilhara
Vindo da sega de Pinto³⁷⁰.
- Não há outra gente na casa?
- Não senhor: havia um filho

³⁶⁵ Galano: formoso, bonito. Outrás vezes significa presente, regalo, joguete

³⁶⁶ Minha joia: coitadinho, pobrinho. Expressão de lástima. Um minha-joia é um infeliz, um pobre homem.

³⁶⁷ Mainelo: pequena janela da porta e parede ou lumieira do telhado.

³⁶⁸ Minha alma: o menino da minha alma.

³⁶⁹ Sacre: acre, medida de superfície e talvez monetária. Não têm nada, são muito pobres.

³⁷⁰ Pinto: Vila próxima a Madrid. "Entre Pinto e Valdemoro", frase feita. Vinha da sega de Castela.

Que trabalhava...mas esse
Vai na Crunha no serviço³⁷¹,
Porcerto bem contra lei
Mas...avante!; mentres pilhos
Governem nosso concelho
Pagará o pobre as do rico.
- E lavram algo?

- Lavravam,

Que entre os amos e o ministro³⁷²
Deixaram-nos sem lavrança,
Sem gado e sem agarimo,
Des´ que a pagar, por não ter,
Os pobres não acudiram.
E ali estão nessa cabana
Como os viu, meu senhorinho.

.....
.....
Quantos igual não se veem
Desde o Eu até o Minho,
E que poucos nisso pensam!

Por algo a velhinha disse
Ainda assomada ao mainelo:

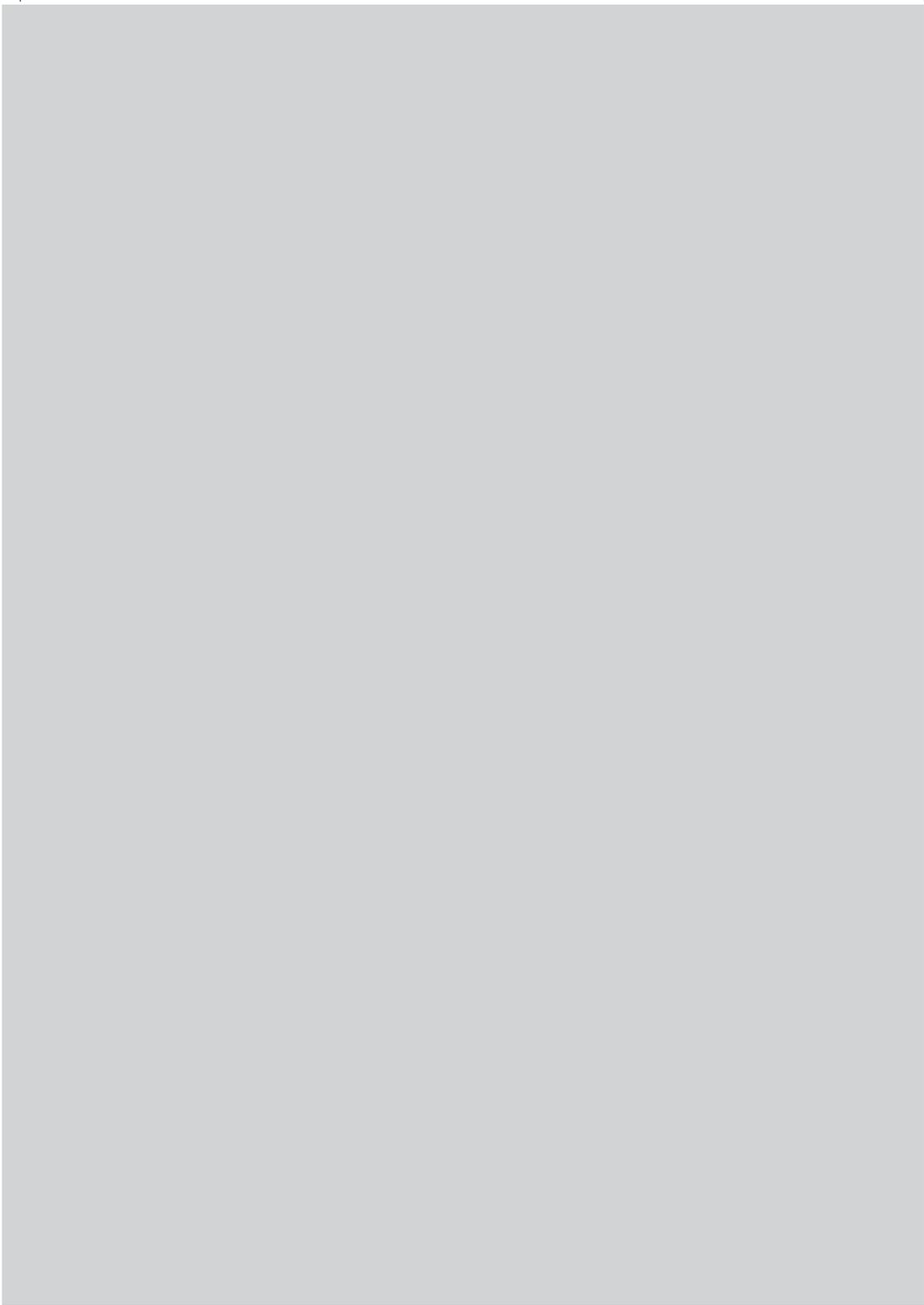
**- Permita Deus, qual lhe pido,
Que não mais descanso tenham
Reis, amos e mais ministros,
Que o que na boca dos cães
Acham os óssos lambidos!**



³⁷¹ Na Crunha no serviço: vai ao serviço militar ao rei, na Corunha.

³⁷² Ministro: não do governo do Estado, senão da cúria, eclesiástica ou judicial. O verbo pido mantém-se pela rima, devendo ser "peço".





BIBLIOGRAFIA

Bibliografía de Leiras:

LEIRAS PULPEIRO, Manuel: *Cantares Gallegos*, Imp. H. Mancebo, Mondoñedo, 1911

_____ : *Obras Completas*, Tomo I, (Poesías), N.ºs, A Cruña, 1930.

_____ : *Obra Completa*, (Estudio crítico de X.L. Franco Grande), Ed. Galaxia, Vigo. 1970.

_____ : *Poesía Completa*, (Texto establecido por X. Alonso Montero), Ed Sálvora, Santiago, 1983.

_____ : *Poesía Galega Completa*, (Edición de Ramón Reimunde), ed. Sotelo Blanco, Barcelona, 1984.

_____ : "Refranes gallegos no comprendidos en la colección del señor Saco y Arce, ni en la publicada en la revista *Galicia* por el señor Valladares", *Galicia*, num. 9, 10, 12, (1893).

_____ : «Cántigas», *Almanaque gallego para 1903*, Buenos Aires.

_____ : «Cántigas». *Almanaque Gallego para 1910*. Buenos Aires.

_____ : «De Folk-lore. Cantares populares.», BRAG, N.º68, 1913.

_____ : De folk-lore. Adágios populares.», BRAG, N.º68, 70, 71, 72.

_____ : e TALADRID PEREIRA, Pastor. «*Apuntes para la geografía médica del distrito municipal de Mondoñedo*» Tip. H. Mancebo, Mondoñedo, 1910.

LEIRAS PULPEIRO, MANUEL: "Costumes antigos en Galiza", ed. REIMUNDE SAT, El Progreso, Lugo, 1998.

Bibliografía seleta sobre Leiras:

FRANCO GRANDE, X.L.: "Estudo crítico. Língua e poesía de Leiras P." in *Obra Completa*, ed. Galaxia, Vigo, 1970.

ALONSO MONTERO, X.: "Manuel Leiras Pulpeiro : o cidadán e o poeta" in *Poesía Completa*, ed. Sálvora, Santiago, 1983

TRAPERO PARDO, X. :M. L. P. (Vida e obra. Escolma de textos) RAG. 1983.

V.V.A.A.(Departamento de Filoloxía Galega): "Escolma de Leiras Pulpeiro". 1983.

REIMUNDE NORENHA, R.: "Estudo Preliminar", in *Poesía Galega Completa*, Ed. Sotelo Blanco, Barcelona, 1984.

REIMUNDE, RAMOM: "Ben pode Mondoñedo desde agora" (A esencia popular na obra e na língua de M. Leiras Pulpeiro), XII Premio Literario Anxel Fole, Fundación Caixa Galicia, Lugo, 1998.

Bibliografía consultada interesante para Leiras

- ALONSO ESTRAVIS, Isaac: *Dicionário da Língua galega*, Ed. Sotelo Blanco, 1995.
- ALONSO MONTERO, Xesús: *Os cen mellores poemas da lingua galega*, Ed. Celta, Lugo, 1969.
- ALONSO MONTERO, Xesús: *Cantigas sociais*, Ed Castrelos, Vigo, 1968.
- BOUZA-BREY, Fermín: *Etnografía y folklore de Galicia*, ed. X. de Galicia. Vigo, 1982.
- BRAGA, Theóphilo: *Cancionero popular gallego*, tomo IX. ed. fac-sím. 1885.
- CABANILLAS, Ramón: "Antífona da cantiga", «Cancioneiro popular galego». ed. Galaxia, 3a. ed, 1976.
- CAL PARDO, Enrique (e FERNANDEZ, J.M.): *Don Manuel Fdez de Castro*, «el O b i s p o Santo», in *Estudios Mindonienses*, nº6, Mondoñedo, 1990.
- CARVALLO CALERO, Ricardo: *Sobre lingua e literatura galega*, ed. Galaxia, Vigo, 1971.
- CARVALLO CALERO, Ricardo: *Historia da literatura galega contemporánea*, ed. Galaxia, 2a. ed. Vigo, 1975.
- CARVALLO CALERO, Ricardo: "Prólogo", in *Poesía Galega Completa*, op.cit. ed.Sotelo Blanco, Barcelona, 1984.
- CARRE ALDAO, Eugenio: *La literatura gallega en el siglo XIX*, ed.autor, 1903.
- COUCEIRO FREIJOMIL, António: *Diccionario biobibliográfico de escritores gallegos*, ed. Bibliófolos Gall, Santiago, 1952.
- DE LA FUENTE, Vicente: *História eclesiástica de España*, L.R., Barcelona. (Tomo cuarto), 1859.
- FERNANDEZ DEL RIEGO, Francisco: *Historia da literatura galega*, ed. Galaxia, Vigo, 1971.
- FREIXEIRO MATO, X.Ramón: *Da Montaña o corazón*. Lugo.(Prémio Fole 1993)
- FREIXEIRO MATO, X.Ramón: *Antonio Noriega Varela. Estudio e edición da Obra Completa* (Tese doutoral), Tomos I e II, Dep Lugo, 1994.
- V.V.A.A. : *Gran Enciclopedia Gallega*, voz "Leiras" (X.A.M.), Tomo 19, 1974.
- GUERRA DA CAL, Ernesto: *Dicionário de literatura*, Porto, 1978.
- IGLESIA ALVARIÑO, Aquilino: *A lingua dos poetas do norte de Lugo*, RAG (A Coruña), 1974.
- LENCE-SANTAR, Eduardo: *Del Obispado de Mondoñedo*, Imp..C. Seco, 1915.
- LENCE-SANTAR, Eduardo: "Biografía (inédita) de Leiras" in *Poesía Galega Completa*, ed. Sotelo Blanco, 1984. (+ Arquivo de Lence, Mondoñedo).

LORENZO FDEZ., Xoaquin : *Cantigueiro popular da Limia Baixa*, Fund. Penzol, ed. Galaxia, Vigo, 1973.

NORIEGA VARELA, Antonio: *Como falan os brañegos*, Ed.Nós, a Coruña, 1928.

NOVO Y GARCIA, V.: *Romancero de Galicia*, Andres Martínez ed.,a Coruña, 1887.

MARTIN HERNANDEZ, Francisco: *España cristiana*, BAC , 1982.

MARTIN, Paco: *O libro das adiviñas*, Akal, Madrid, 1975.

MORAN FRAGA, Cesar C.: *O mundo narrativo de Alvaro Cunqueiro*, AGAL,a Coruña,1990.

OTERO PEDRAYO, Ramón: "Prólogo" in *Obra Completa*, M.L.P., Nós, 1930

PEREZ BALLESTEROS, José: *Cancionero popular gallego*, fac-símil.,1885.

POLIN, Ricardo, e DURAN, Luz María : *José Crecente Vega. A Poesía de Codeseira* (Edición crítica e estudio),11º Premio Anxel Fole.
Fund. Caixa Galicia-El Progreso A.G.,Lugo, 1997.

PORTAS, Manuel: *Língua e sociedade na Galiza*, Ed Bahía, 3ª ed.,a Coruña, 1991.

RABADE, Xoán Carlos: *Normas ortográficas do idioma galego*, Ed..La Voz de Galicia, a Coruña, 1980.

RICO Y AMAT, Juan: *Diccionario de los políticos*, I.F.A., Madrid, 1885.

RIELO CARBALLO, Isaac: *Cancioneiro da Terra Cha (Pol)*, Ed do Castro, 1980.

RISCO, Vicente : "Ensaio de un programa para o estudo da literatura popular galega",in revista Nós, nº56, 1933.

VALLADARES NUÑEZ, Marcial: *Cantigueiro popular*, RAG, A Cruña,1970.

VARELA JACOME, Benito: *Historia de la literatura gallega.*, Porto ed., 1951.

VESTEIRO TORRES,Teodosio: *Galería de Gallegos Ilustres*, Madrid, 1874.

VILLARES MOUTEIRA, Félix: *Os poetas do Seminario de Mondoñedo*, Diputación Prov., Lugo, 1997.

Nota

Foram consultados os jornais da época de Leiras que figuram nas bibliografias do autor antes citadas.

Os jornais de Mondonhedo, Lugo, a Corunha e Buenos Aires, foram tidos em conta (salvo *El Farol* e *El Hermandino*, que não pudemos achar)

Analisaram-se as revistas *O Tio Marcos da Portela* e *Galicia* e o semanário «A NOSA TERRA» da primeira época, *A Monteiro* e *O Gaitero*.

Assim mesmo, têm-se em conta as publicações em jornais das Letras Galegas de 1983.



v. 7

VOLUME 1 CANTARES GALEGOS

VOLUME 2 QUEIXUMES DOS PINOS
E OUTROS POEMAS

VOLUME 3 CANTOS LUSÓFONOS

VOLUME 4 FOLHAS NOVAS

VOLUME 5 PROEL E O GALO
E POESIA E PROSA GALEGA COMPLETA

VOLUME 6 OBRA SELETA



